

Página soltas

Maria Cottas

5ª edição

<u>Prefácio</u>	2
<u>1. Ano Novo</u>	3
<u>2. A alegria de viver!</u>	4
<u>3. Um jovem promissor</u>	5
<u>4. Mocidade de hoje</u>	6
<u>5. O mundo de seu filho</u>	6
<u>6. Que é felicidade?</u>	7
<u>7. Para ser feliz</u>	8
<u>8. O dia da criança</u>	9
<u>9. Homenageia-se o pai</u>	10
<u>10. Vida! A quanto obrigas!</u>	11
<u>11. A rainha Elisabeth</u>	12
<u>12. Valorosa mulher</u>	13
<u>13. Um alerta aos jovens</u>	14
<u>14. Desabafo</u>	16
<u>15. Desanimar, nunca!</u>	17
<u>16. Tempos difíceis</u>	18
<u>17. Que mãe será você?</u>	19
<u>18. Ingratos?...</u>	20
<u>19. Para onde vamos?</u>	21
<u>20. Eleanor Roosevelt</u>	23
<u>21. Lady Churchill</u>	23
<u>22. O mais belo papel da mulher</u>	25
<u>23. Personalidade feminina</u>	26
<u>24. Rainhas</u>	27
<u>25. Um grande carnaval</u>	29
<u>26. Minha mãe</u>	30
<u>27. Abnegação e sofrimento</u>	31
<u>28. Carta a uma amiga</u>	32
<u>29. A saudade</u>	33
<u>30. Mãe e sogra</u>	34
<u>31. Que o digam as misses Brasil...</u>	35
<u>32. Perfeições</u>	37
<u>33. Cartas</u>	37
<u>34. Favoritismo prejudicial</u>	38
<u>35. Da felicidade conjugal</u>	39
<u>36. Uma tarde em Las Palmas</u>	41
<u>37. O valor do tempo</u>	42
<u>38. Uma sábia mulher</u>	43

<u>39. A tolerância</u>	46
<u>40. Recordações do passado</u>	47
<u>41. O valor do elogio</u>	48
<u>42. O “sexo frágil”</u>	49
<u>43. Refrigério</u>	50
<u>44. Sim ou não</u>	51
<u>45. Solidificar a vitória</u>	52
<u>46. O instinto infantil</u>	53
<u>47. A segurança do lar</u>	54
<u>48. Mulher de valor</u>	55
<u>49. No meu tempo era assim</u>	55
<u>50. Desilusões e esperanças</u>	57
<u>51. A Inglaterra de hoje</u>	58
<u>52. Às mães de menina-moça</u>	59
<u>53. És filha? És nora? És sogra?</u>	60
<u>54. Conhece-te a ti mesmo</u>	62
<u>55. Mais um ano</u>	63

Prefácio

Realizaram, há tempos, uma *enquete* entre escritores e literatos para que respondessem "se a vida valia a pena ser vivida" e se eles próprios se consideravam realizados.

Não se tratava do velho objetivo, até então perseguido, de considerar-se realizado quem "tivesse um filho, construísse uma casa e plantasse uma árvore", de tão prosaico que se apresenta, mas de saber através de pessoas de pensamento, de vida interior intensa, de observadores do comportamento dos indivíduos no meio em que trabalham e lutam, se depois de tanta labuta se consideravam recompensados pela obra realizada.

Não se indagava de vantagens pecuniárias, de posições de destaque conquistadas, de recompensas monetárias adquiridas, mas pura e simplesmente de saber se estavam satisfeitos com a obra apresentada, fruto do esforço realizador empreendido, e, assim, se tinha valido a pena a existência decorrida.

Na maioria, os consultados eram homens vividos, autores de livros aplaudidos nos meios social e cultural do país, quase todos membros da Academia Brasileira de Letras, nomes festejados no jornalismo, na cátedra, na literatura, escritores que tinham passado grande parte de suas existências debruçados sobre papéis e livros, no afã de gravar em palavras escritas ou pelas bocas de seus personagens em romances ou peças teatrais, os anseios e desencantos da vida das criaturas, responderam afirmativamente.

Sim, a vida valia a pena ser vivida, concluíram eles - numa altura da vida em que a experiência adquirida no longo caminhar da justeza e equilíbrio aos julgamentos - mesmo com suas frustrações e desesperos, pelos quais todos passamos.

Eles, principalmente, portadores de tão alta sensibilidade, que padecem da necessidade irreprimível de exteriorizar seus sentimentos, com a sofreguidão do náufrago que tentasse agarrar uma tábua atirada ao embate das ondas no mar revolto da vida.

Todos responderam que sim. Bem que tinham eles seus sofreres, suas queixas, desilusões e desenganos, que transbordavam - de tantos que eram - para as páginas que

escreviam, para os versos que alinhavam, para as falas que marcavam as atitudes de seus personagens interpretando os fatos da vida.

Mas, apesar de tudo que tinham sofrido, a beleza da vida os seduzira e seus encantos sobrepujaram as dores e ingratidões curtidas, cicatrizando mágoas e desesperanças.

E transportavam para suas páginas a magnificência das madrugadas frescas ou a tristeza dos poentes sangüíneos, os exemplos de afetividade e amar das aves e dos animais, o desprendimento das flores, que desabrocham à beira dos caminhos para a glória de um dia de esplendor, para fenecerem sem que alguém reparasse nelas.

Colaborando num periódico da Guanabara, a Sra. Maria Cottas, autora de dois livros, com várias edições, reaparece com esta coletânea de crônicas de épocas diferentes e sobre assuntos os mais díspares.

Dotada de alta espiritualidade e dum poder de expressar com singeleza o brilho das idéias, a escritora não se restringe a exteriorizar seus sentimentos em face dos acontecimentos cotidianos, porque seus escritos são uma constante exaltação à Mulher, numa auto-defesa extremada, às vezes heróica, sempre enternecedora, a vislumbrar-se nas entrelinhas a sutileza feminina.

Sob este aspecto a autora de *Páginas Soltas* excede a si mesma e suas crônicas, tão cheias de calor humano, tão impregnadas de sensibilidade da alma feminina, bem mereciam ser reunidas num volume, retiradas da vida efêmera dos periódicos, para a glória das bibliotecas.

E como são crônicas escritas ao sabor dos acontecimentos, no desenrolar do cotidiano, nada mais são do que - Páginas Soltas.

Setembro, 66.
Othon Ewaldo

1. Ano Novo

Foi-se mais um ano... Principiou o Ano Novo!... Quantos votos de felicidade, quantas esperanças, quantas interrogações!...

Feliz ano novo, é o voto que se ouve. E quem não deseja um ano feliz? Todos! A felicidade será um sonho alimentado em milhares e milhares de anos.

O ano de 1954 será um ano feliz para todos nós? Assim o esperamos, pois a esperança é a última a morrer na mente humana. E ai de nós, se ela não existisse! A vida seria um desconsolo, um desespero!...

Todos têm os seus maus pedacinhos, suas desilusões, mas alimenta-se sempre a esperança de que algo de bom e consolador está para vir.

Atualmente nós, as cariocas, ansiamos por tanta coisa que nos falta e que torne nossa vida mais suave!... Água, por exemplo... Boas empregadas... Barateamento dos gêneros alimentícios e de primeira necessidade... Facilidade de condução e... tantas outras coisas mais. Faltando água, falta-nos o principal, pois sem ela não pode haver higiene e sem esta, não haverá saúde! Sem empregadas diligentes, a vida de uma dona de casa torna-se tão trabalhosa que, extenuada e esgotada, a mulher perde o ânimo, a disposição e até a paciência que ainda possuía e passa a ser aquilo que ela, estou certa, não gostaria de ser: um pesadelo para o marido, em vista de seu desequilíbrio nervoso.

Os preços exorbitantes dos gêneros alimentícios e a dificuldade em adquiri-los, quando os filhos precisam de boa alimentação para se criarem sadios, são a preocupação máxima de muita mãe de família.

Enfim, a dificuldade de condução para a mulher que trabalha fora do lar e mesmo para aquela que sai dele com os minutos contados e faz as suas compras a correr, excita e abala os nervos da criatura mais calma.

E será que em 1954 teremos suavizadas estas grandes dificuldades que impedem o viver tranqüilo que nós, mulheres, desejamos ter para, bem humoradas e dispostas, podermos atender aos maridos, quando rabugentos e também esgotados por outras lutas, talvez maiores e de mais responsabilidade que as nossas?...

Será justo que os nossos filhos ou netos sofram as conseqüências de uma vida agitada e desnorreada que lhes rouba os carinhos a que fazem jus pela sua fragilidade e inocência? Não!...

Que este ano, novo para nós, porque começa agora, mas talvez velho pelo que nos irá oferecer de igual aos já passados, seja um pouco mais fácil, suavizando-nos a existência dando-nos algo daquela alegria de viver que todas nós ardentemente almejamos!

2. A alegria de viver!

Como é bom ver todos felizes! Embora se saiba que felicidade verdadeira não existe na Terra, sentimos prazer imenso em contato com criaturas alegres.

São tantas as preocupações, dificuldades e aborrecimentos que se encontram no viver agitado e turbulento dos dias de agora, que umas horas de alegria – poucas que sejam – consolam e nos dão ânimo para retornarmos à luta constante que a vida de nós exige.

Quando se observa o viver atual, neste mundo de egoísmo e ingratidões, não se sentem mais ilusões, mas é dever nosso fazer esforços para não perdermos de todo o interesse por ele.

Sofre-se hoje, mas amanhã surge algo que consola e alenta o nosso espírito e nos faz bendizer a vida.

Não tendo mais ilusões, alimentamos, todavia, a esperança. E a esperança faz com que procuremos sempre melhorar, vencer qualquer dificuldade, fazer sarar um ferimento que, por vezes, nos fizeram sem motivo, mas que devemos procurar cicatrizar.

E comum dizer-se que uma criança ou adolescente é "cheio de vida", quando é alegre, irrequieto e ativo. Precisamos, também, encher o nosso espírito de vida, para que o desânimo não venha enfraquecer a nossa vontade de viver. Vivamos, pois! Vivamos agindo, produzindo, ocupando ao máximo o nosso tempo. Procuremos encontrar interesse em tudo o que fizermos, embelezemos os nossos pensamentos com coisas boas, artísticas, que façam vibrar o nosso espírito.

Há quem diga, quando algo lhe faz sofrer, que precisa atordoar-se. Não diremos propriamente atordoar, mas, esquecer. E só se esquece o que nos magoa, distraindo-nos, não deixando que aquilo que nos faz sofrer permaneça no nosso pensamento. Atordoar, dá a impressão de estontear, e devemos manter o espírito equilibrado e lúcido, pois só assim nos tornaremos bastante fortes e capazes de furar as ondas agitadas e bravias que a vida sobre nós atira. Atorroados, não nos manteremos em pé, firmes e resolutos, oscilaremos, podemos cair e nos afogarmos no mar tempestuoso da vida. O melhor, pois, é esquecer e procurar outros motivos mais alegres que ocupem o nosso pensamento e possam dar novo interesse à vida.

Quando sofreremos, lembremo-nos que outros sofrem muito mais do que nós. Quando alguma dificuldade surgir, tratemos de vencê-la, mas não cruzemos os braços, esperando que nos venham ajudar. Caminhemos ao encontro dessa barreira, com força de ânimo

bastante para transpô-la.

Se o mundo é dos fortes, sejamos valentes e enfrentemos a vida, não com temeridade, mas com valor, esperando dela tudo de bom e de mau também. Sintamos satisfação em amenizar o sofrimento alheio dando ânimo aos que dele precisam e consolo aos que dele precisam e não sabem sofrer.

Quando vemos o nosso semelhante feliz, devemos também nos sentir felizes. A inveja não deve nunca ter guarida em nosso espírito, porque se não possuímos ou não somos o que os outros são, é porque não fizemos esforços para sê-lo, ou não o pudemos ser. Para este mundo, cada um traz o seu plano de vida traçado, e por isso o nosso programa pode e deve diferir do de outros, visto não possuímos a mesma espiritualidade e, portanto, as nossas dívidas espirituais serem diferentes.

Confesso, sinceramente, que me sinto feliz quando vejo, em volta de mim, sejam os meus entes queridos, sejam os meus amigos, os meus conhecidos e até estranhos, felizes e alegres, não por bondade, mas por um dever espiritual.

3. Um jovem promissor

Admiro os moços. Gosto de vê-los expor os seus pontos de vista e os seus arroubos me interessam porque neles observo ânsia de progresso e compreensão. Seus ideais, por vezes mal orientados, ainda são e demonstram de uma insaciável vontade de saber e de mudar.

Sinto, porém, profundamente que não se aproveite e inteligência e capacidade dessa mocidade que se desmanda, quase sempre, por falta de orientação.

Talvez por não ter tido filhos, sempre apreciei e admirei os rapazes de nossos amigos e hoje colegas de minhas netas. A sua algazarra, e confusão que às vezes causam com seus vaivens, suas discussões, ditos jocosos, sem licenciosidade, é claro, me divertem. A minha casa são sempre bem-vindos e recebidos esses moços, sendo que uns até nos chamam e mim e meu marido, de avós.

Há um jovem por exemplo, que muito admiro e com quem simpatizei desde que me foi apresentado. Culto, inteligente e já possuidor de personalidade, embora por vezes suas opiniões e idéias divirjam das minhas, eu o considero digno de servir de modelo aos jovens da sua geração, pelo seu amor ao estudo, pela sua atividade, produto de sua intelectualidade. Comparando-o com rapazes ociosos e fúteis, que só entendem de futebol, que só se empenham em *roletas* e freqüentam "*infernhinhos*", o Dr. José Guilherme Merquior é para mim um jovem de valor. Segue e carreira diplomática, tendo se formado e casado no ano passado. Veio com Ilda, sua esposa, despedir-se de nós porque estavam de partida para Brasília, ele como Oficial do Ministério das Relações Exteriores e ofereceu-me o livro "Poesia do Brasil", de Manuel Bandeira, seleção e estudo da melhor poesia de todos os tempos.

Foi Merquior convidado pelo festejado poeta para colaborar, na fase moderna, da poesia moderna, da poesia brasileira, e se saiu muito bem, pois já era consagrado crítico de poesia, colaborando no suplemento literário do "Jornal do Brasil". Este livro é realmente uma antologia de que necessitávamos, pois nele se encontram as melhores poesias brasileiras selecionadas por um dos maiores vultos da lírica nacional - o grande poeta Manuel Bandeira.

Diz Merquior, na sua nota antipática, que eu considero simpaticíssima pela franqueza de sua dissertação, que fora convidado pelo poeta e colaborar na seleção da parte moderna

dessa antologia e que compreendeu logo no gesto de Manuel Bandeira e simpatia de uma geração por outra. Realmente, uma mocidade assim merece e simpatia dos velhos. O final de sua nota antipática é digna de menção:

"Para terminar, presumo que muitos vão achar esta nota antipática. Auto-suficiente de moço. Se assim se der, agradeço contente, pois nada mais ela desejou ser: tão convicto se encontra o seu autor de que o maior defeito em cultura é o injustificável pudor de se afirmar".

Gostando de poesia e admirando a mocidade impetuosa, mas inteligente e culta, fiz questão de mostrar o meu apreço por esse moço que espero nunca se envaideça, pois muito promete e a quem desejo grande êxito na carreira que apenas começa, mas que espero seja meteórica, para que ainda o possa ver ocupando os mais altos cargos desta Nação, que está carecendo de homens de fibra e intelectualidade marcante para situá-la no lugar que lhe compete no seio das maiores potências mundiais.

4. Mocidade de hoje

Quando vejo um grupo de rapazes e moças, fico observando a mocidade de hoje em comparação com a de ontem, de que eu fiz parte ou mesmo minhas filhas.

Sabemos que a evolução espiritual é um fato, e sendo assim, essa mocidade tem que ter uma mentalidade mais evoluída e, por isso mesmo, mais difícil de ser guiada.

Há muita gente que se revolta como os "play-boys", com a desenvoltura demasiada das moças e com a irreverência de ambos.

É que os moços vêm vindo mais evoluídos e os pais não procuram acompanhar essa evolução. E sem compreendê-los, não é possível orientá-los de maneira adequada.

Uns se acomodam e, para não serem importunados, deixam-nos completamente à solta; outros usam processos retrógrados, que não se adaptam mais à época atual.

A causa, porém, de tudo isso é, na maioria das vezes, o abandono em que se encontram os moços e até as crianças que, entregues a empregadas inescrupulosas, são pessimamente educadas e, mal orientadas, adquirem vícios e maus hábitos, tornando-se então "play-boys" e transviados.

É pena, porque analisando-os bem, ouvindo o que conversam e acompanhando a sua desenvoltura e inteligência, reconhecemos que o mal da mocidade de hoje está na crise de pais que deviam ser mais pais, mais amigos e companheiros de seus filhos.

Se pensam que ser bons pais é dar-lhes dinheiro à vontade para gastar e fazer tudo quanto querem, estão muito enganados!

Bons pais são aqueles que se fazem amigos dos filhos, estudando-lhes o temperamento e procurando orientá-los com carinho e energia, ao mesmo tempo consentindo no que é razoável e proibindo o que lhes possa ser prejudicial.

Estímulo e orientação é o que vem faltando a essa rapaziada alegre e folgazã, mas bastante inteligente também para se aproveitar do descaso dos pais e, infelizmente, enveredar, por vezes, por maus caminhos, tornando-se infelizes e prejudiciais à sociedade.

5. O mundo de seu filho

"A criança precisa de uma família". Não há novidade nenhuma nessa descoberta. Mas não é da criança pequena que se trata e sim do ambiente em que ela se vai desenvolver e formar o seu caráter.

Pensando bem, chegamos à conclusão de que o que falta à criança de hoje é uma família, pois sem ela o seu desenvolvimento intelectual e moral será falho. E é o que vem acontecendo.

Surge, portanto, um problema: a criança precisa de uma família, mas não de qualquer família. André Bergé, psicólogo francês, já defendeu essa tese, pois a família é necessária exatamente quando preenche as condições que dela fazem uma necessidade, um meio afetivo, um meio resguardado e um meio heterogêneo. E isto caracterizará um lar não perturbado, capaz de cumprir sua importante função que é a de formar um indivíduo sadio e equilibrado.

O sentimento afetivo do meio familiar é, sem dúvida, o de maior força e o que mais colabora para a formação do caráter da criança. Os membros de uma família são às vezes indiferentes uns aos outros e a menor perturbação no equilíbrio afetivo dos pais, causa grandes alterações psíquicas nos filhos.

A neutralidade afetiva, pois, a indiferença e a frieza emocional são mais prejudiciais do que um desequilíbrio produzido por perturbação mental.

A ternura, o calor humano e o amor são como vitaminas indispensáveis à vida, ao crescimento e até mesmo à assimilação dos alimentos.

Afirmou ainda o psicólogo francês André Bergé: "Esse laço afetivo é essencial na maior parte do seu desenvolvimento porque sem ele a criança não poderá ter vida de relação indispensável aos indivíduos da espécie humana".

A criança precisa de convívio com outra criança, precisa do adulto e mais especialmente de um adulto que lhe dê amor sem reservas e que se maravilhe com os seus progressos. São, portanto, os pais que devem criar o ambiente saudável e cheio de carinho para seus filhos.

Observe com que atenção concentrada seu filho segue as mudanças de sua fisionomia, estuda suas mímicas e sorriso, para abrir-se, por sua vez, num sorriso correspondente e você, então, compreenderá a importância desse aprendizado de simpatia que torna a criança tão encantadora. Na primeira fase da sua existência, ela espera tudo daqueles de quem depende.

Se o amor e o cuidado forem, porém, exagerados, surgirá também a dificuldade de libertar-se daquela pessoa que lhe deu um apego especial. O equilíbrio, pois, nunca deve faltar aos pais para que tudo se processe normalmente.

A família deve ser um lugar de amparo, como um porto, aonde se sonha voltar de vez em quando para uma breve escala e não como um cárcere, no qual se pensa apenas com desejo de evasão. Quando um lar se desconjunta, a própria personalidade da criança se desconjunta também. Não é a mesma coisa a criança ser amada, separadamente, pelo pai e pela mãe, ou pelos dois em comum, unidos em torno dela. A dose de amor pode ser a mesma, mas quando a estrutura familiar está abalada, falta alguma coisa ao desenvolvimento da criança, à sua segurança.

Lembre-se, pois, de que o mundo de seu filho depende da segurança, do equilíbrio e do calor que você lhe dá. O mundo de seu filho - a família - é inteiramente feito por você.

No futuro, ele olhará com saudades e com boas recordações o seu mundo no qual cresceu e onde se preparou para a vida.

6. Que é felicidade?

A felicidade é tema tão delicado que quando se pensa defini-la, às vezes nos dá a

aparência de um longo engano. Assim mesmo, no meio de escombros das desilusões e incertezas, ela existe luminosa e rara na resignação e no esquecimento do que nos fez sofrer.

Os que a conceituam, fazem obra de mestre sem jamais se tornarem artesãos ao vivê-la.

Ela existiria, em parte, se fossem abandonadas as lutas fratricidas e todos procurassem uma formação de consciência que esclarecesse mais as necessidades das criaturas.

Sem a fatalidade amorosa, a felicidade deveria consistir na desistência das conquistas e no desejo de viver em paz.

A felicidade para alguns é a palavra mágica que lança raios luminosos em todas as direções, mas bem poucos são iluminados por eles porque se mostram invulneráveis a ela.

O problema, pois, não está em definir a felicidade, mas em saber se ela realmente existe na Terra.

Há muita euforia, bem-estar, adaptação ao meio ambiente, mas a verdadeira felicidade está em relação com cada pessoa, na realização de um ideal, da entrega de si mesmo. A felicidade é de construção diária. É esforço perseverante, respondendo ao tédio por uma realização espiritual.

A felicidade tem tantas faces quantas são as que existem no mundo. E solidão e é túmulo. É *ter e dar*. É sol depois da tempestade, é riso depois da lágrima. E uma árvore de dourados pomos que, como num poema, nos acompanha sempre. A felicidade é, pois, um conjunto de momentos felizes. Ela é o dom no diário no frugal e sobretudo o prazer indizível de poder ouvir de quem amamos esta frase que é o nosso maior prêmio: "Você me faz tão feliz!..."

Felicidade, finalmente, é paz!

E é essa felicidade que, neste 1966 que começa, desejamos a todas as nossas leitoras, por sermos nós, mulheres, merecedoras dela, pelo muito que damos de nós próprias em abnegação, carinho e até sacrifício, pois não há nada que não façamos para ver felizes os nossos entes queridos.

7. Para ser feliz

Quem não deseja ser feliz? Todos aspiram conquistar a felicidade e esta se acha no mundo à disposição dos homens e mulheres de boa vontade, porque não é uma utopia, como crêem os cétricos; nem privilégio de uns poucos ou um milagre, como acreditam outros. Nada de bom e digno se consegue sem trabalho, e a felicidade, como ambição máxima de todos, requer esforço consciente, firmeza de caráter e perseverança.

É possível pensar que se é feliz, como é possível pensar que se é infeliz. A diferença está na vontade de cada um e não nas circunstâncias. Adquirir, minha gentil leitora, o hábito de contemplar a vida através das lentes rosadas de um otimismo são, toma as coisas, pelo seu lado bom, aproveita as distrações inocentes que se apresentam em teu caminho, não afastes nunca uma oportunidade, por insignificante que seja, de divertir-te, e, sobretudo, aprende a achar prazer nas coisas mais simples.

Não tomes a tua pessoa demasiadamente a sério e quando sentires a tentação de fazê-lo, pensa que és apenas um ser entre milhões, uma coisinha insignificante na vastidão da Terra. Não te ocorra nunca pensar que aquilo que te sucede é de capital importância e que o destino devia proteger-te contra o infortúnio. Se a morte te rouba um ente querido, se és vítima de uma enfermidade, se lutas contra a pobreza, se algum sofrimento te persegue, não

exijas dos poderes espirituais ou divinos uma explicação para tanta "injustiça", não te revoltes nem te entregues à tristeza e ao desânimo, renunciando à luta. Pensa que sofres como muitos outros e que a vida te oferecerá uma compensação. Não conhecerás a felicidade até que te tenhas convencido disto e aprendas a sorrir para o mundo.

Não tomes outras pessoas excessivamente a sério, pois têm tão pouca importância como ti mesma e o resto do mundo.

Não permitas nunca que a censura dos demais e suas críticas acerbas influenciem sobre teu ânimo. Lembra-te que não podes agradar a todos, e não deixes que outros tracem as normas de tua vida íntima e te obriguem a seguir seus gostos e inclinações. Procura desenvolver a tua própria personalidade e sê sempre "tu mesma", em todos os momentos e circunstâncias da tua vida. Faz aquilo que te agrada e te convém e respeita os gostos e inclinações alheios, não querendo que pensem como tu, assim como tu não podes pensar como eles.

Não mantendas aceso o fogo de velhas disputas nem fomentes inimizades nem rancores; não te recordes das injustiças cometidas contigo e das más ações que te prejudicaram. Procura tudo esquecer. O ódio que destilamos em nosso íntimo nos envenena o espírito, nos rouba a alegria de viver e nos traz a infelicidade. Se tiveres um inimigo, esquece-o; não por ele, mas por ti, pois não pode ser feliz quem deseja mal ao seu semelhante. Não imagines nunca males inexistentes. São pensamentos que trazem intranquilidade e preocupações desnecessárias. É uma verdade indiscutível que os males imaginários são mais difíceis de ser suportados que os verdadeiros. Na maior parte dos casos, os males que tememos não ocorrem e se ocorrem, é porque os criamos na nossa imaginação.

Desfruta o dia de hoje e deixa que o amanhã chegue para, então, preocupar-te com ele. Tira o melhor proveito da tua vida, qualquer que ela seja, e lembra-te que os seres aparentemente triunfantes e felizes conhecem, também, o sabor amargo do desengano.

Trata, pois, conscientemente de ser feliz e o serás.

8. O dia da criança

Depois de surpresas desagradáveis e injustiças por que passamos, surge alegre o dia da criança para fazer-nos meditar no futuro que desejamos promissor para o nosso país.

Voltemos os nossos olhos para a criança, símbolo de ternura permanente, uma esperança que nos acena com dias mais risonhos.

Quando, num esforço sobre-humano, se procura dar equilíbrio ao país, quando o mundo mais parece feito de cimento armado, trabalhado pelas máquinas do materialismo, é a criança que, com o seu olhar puro e ingênuo nos oferece um raio de Sol que vivifica e encoraja o espírito, impulsionando-o para marchar ao encontro do que parece impossível conquistar pelo trabalho, pela energia e perseverança.

Ela, a criança à nossa volta, nos tranqüiliza e ajuda a suportar o peso da vida atual.

Sensível, cheia de vibrações e até de personalidade, ela é a força e, muitas vezes, o exemplo que tantas vezes falta a nós, adultos, cheios de paixões e despeitos.

É por isso que a nossa situação perante ela se transforma, e de senhores que deveríamos ser, passamos a escravos, pois aparentemente parece que dominamos a infância quando, na verdade, é ela que nos domina. Dela necessitamos. Do seu sorriso, da sua linguagem tatibitate, das suas travessuras e até do seu choro.

E de tudo isso que tiramos as conclusões mais belas e profundas, porque nela vemos

nascерem as raízes da transitoriedade que nós próprios criamos com a idéia de garantir a imperiosa renovação da coletividade.

E é por isso mesmo, pelo papel que está reservado à criança, que tudo quanto lhe dermos nunca será demais: Carinho, desvelo, educação, exemplos sadios, como quem abre picadas na floresta virgem e espessa da vida para que ela a atravesse sem perigo e sem que aniquilem na nossa criança a crença tão necessária à vitória na luta que terá que travar no futuro.

Que todas as atenções sejam voltadas para ela no dia 12, e não apenas nele, que se convencionou ser o seu dia, mas em todos os dias do ano ajudemo-la a ser feliz e a vencer. Trabalhem para que ela, crescendo nesse terreno movediço, agitado e convulsivo, não sinta afetada a sua sensibilidade espontânea e leal .

A nós, mulheres, mães e avós sobretudo, cabe a longa e difícil tarefa de prepará-la e guiá-la para a vida.

9. Homenageia-se o pai

Hoje, segundo domingo do mês de agosto, é o dia do Pai. Os filhos todos se ufanam em poder homenagear seu Pai e eu também, seguindo a moderna tradição, vou lembrar-me do meu que partiu, deixando em mim um vazio jamais preenchido.

Há poucos dias recebi um retrato de meu Pai que devia, na época, contar uns quarenta anos. Contemplando-o, notei a sua pose sempre altiva e garbosa, que manteve até morrer. Nunca o vi curvado. Mesmo doente, quando se levantava, apoiava-se à sua bengala, sempre erecto, o que o tornava ainda mais alto do que era.

Ah! Meu Pai! Se pudesse falar consigo, como o fazia antigamente, quando mocinha e depois como mulher casada! Contar-lhe os meus problemas, que o senhor compreendia tão bem, dirigindo-me sempre uma palavra animadora, quando sério, e uma observação jocosa, quando tudo não passava de fantasia da minha imaginação!

Quando chegava do colégio, em férias, e que corria logo ao seu escritório para ver-te e contar novidades, parava logo o que estava fazendo e dizia-me: — Conte-me lá o que se passou no colégio! E eu desfiava as contas do rosário colegial, alegre e feliz. Mas, o que lhe interessava de veras era o resultado das minhas provas, dos exames e a minha conduta. E eu, embora não fosse nenhum exemplo em conduta escolar, o era, porém, nos estudos. E o meu aproveitamento, talvez por seu interesse nisso, era sempre bom, e como recompensa dava-me o seu carinho.

Casei-me, e não poucas vezes ia a ele contar os meus problemas e as preocupações com as crianças e sempre me atendia com paciência e, às vezes, até brincava e ria com os meus exageros maternos. De preferência, corria sempre a ele nas minhas Não permitas nunca que a censura dos demais e suas críticas acerbas influenciem sobre teu ânimo. Lembra-te que não podes agradar a todos, e não deixes que outros tracem as normas de tua vida íntima e te obriguem a seguir seus gostos e inclinações. Procura desenvolver a tua própria personalidade e sê sempre "tu mesma", em todos os momentos e circunstâncias da tua vida. Faz aquilo que te agrada e te convém e respeita os gostos e inclinações alheios, não querendo que pensem como tu, assim como tu não podes pensar como eles.

Não mantendas aceso o fogo de velhas disputas nem fomentes inimizades nem rancores; não te recordes das injustiças cometidas contigo e das más ações que te prejudicaram. Procura tudo esquecer. O ódio que destilamos em nosso íntimo nos envenena o espírito, nos rouba a alegria de viver e nos traz a infelicidade. Se tens um inimigo

esquece-o; não por ele, mas por ti, pois não pode ser feliz quem deseja mal ao seu semelhante. Não imagines nunca males inexistentes. São pensamentos que trazem intranquilidade e preocupações desnecessárias. É uma verdade indiscutível que os males imaginários são mais difíceis de ser suportados que os verdadeiros. Na maior parte dos casos, os males que tememos não ocorrem e se ocorrem, é porque os criamos na nossa imaginação.

Desfruta o dia de hoje e deixa que o amanhã chegue para, então, preocupar-te com ele. Tira o melhor proveito da tua vida, qualquer que ela seja, e lembra-te que os seres aparentemente triunfantes e felizes conhecem, também, o sabor amargo do desengano.

Trata, pois, conscientemente de ser feliz e o serás.

10. Vida! A quanto obrigas!

Estudando psicologicamente as criaturas, chega-se à conclusão de que nada se consegue, atualmente, pelo regime da força ou do acinte.

Há uma grande propensão para a revolta, mesmo nas crianças. A suscetibilidade espiritual aumenta, dia a dia. Devemos, pois, encarar o problema educacional e mesmo o da amizade, de maneira bem diversa da que encarávamos há anos atrás.

Tudo evolui.

E, mesmo que em certos casos achemos que como se agia e pensava antigamente era melhor, temos que modificar a nossa maneira de ver as coisas, sem perdermos a personalidade e mantendo os nossos pontos-de-vista, que serão só nossos, sem dúvida, pois não encontraremos eco lidando com as outras criaturas, cultivando e até solidificando amizades.

Mais esclarecidas psicologicamente, devemos reconhecer o que há de bom e de mau nos seres com quem lidamos e procurar por de lado aquilo que não condiz com a nossa maneira de agir e sentir, aceitando somente o que se coaduna com o nosso modo de pensar. Nem sempre encontramos compreensão entre os que conosco convivem ou mantêm relações de amizade, mas, por isso, não deixam de merecer a nossa estima e a nossa consideração. O que precisamos é ser compreensivos e tolerantes e se externarmos a nossa maneira de sentir, não o fazemos com a idéia de obrigar alguém a adotá-la, o que *sinceramente* não acontecerá, a não ser que usem de meios hipócritas que não nos devem agradar absolutamente.

A franqueza que preside os nossos atos e palavras nem sempre encontrará eco, mas pouco nos deve importar a opinião alheia quando, intimamente, estamos certos de que agimos sinceramente. Devemos até desculpar essa incompreensão por parte, em geral, de criaturas afeitas à mentira e à hipocrisia. Achamos, por isso, que devemos traçar a nossa linha de conduta e não sair dela por coisa alguma, mas não nos esquivarmos nem recearmos conviver com as demais criaturas que não pensem como nós. Ao contrário, devemos ter contato com elas e provarmos, assim, que somos compreensivos porque percebemos as suas fraquezas, sem as imitarmos nem as molestarmos, obrigando-as a seguir nossas idéias.

Todos devem ser independentes para pensar e agir, como entendam e de acordo com a formação moral que tiverem recebido de seus pais. Porque é essa formação moral que torna a criatura correta e digna ou desonesta e infeliz.

E, como sabemos que cada um responde pelos seus atos, tendo assim o que merece, de acordo com a sua conduta moral e espiritual, devemos procurar agir sempre conscienciosamente e respeitar a opinião e a maneira de ser daqueles com quem travamos

conhecimento ou de quem somos amigos.

Há criaturas possuidoras de maior sensibilidade do que outras e, quando muito sinceras, chocam-se com a falta de sinceridade daquelas que o não são.

Para vivermos, porém, em um mundo agitado como o atual, em que há mais insinceridade e fantasia do que franqueza e realidade, precisamos ver e sentir tudo, controlando-nos, apoiadas nos nossos pontos de vista e na maneira real e inteligente de encararmos os nossos problemas, tudo procurando resolver por bem e não à força ou acintosamente.

Precisamos nos lembrar que um espírito revoltado é surdo e cego a qualquer observação, parta ela até de seus próprios pais. A persuasão calma e inteligente consegue muito mais no terreno educacional e até no da amizade.

Muitos desquites seriam evitados se houvesse um entendimento controlado e compreensivo entre os cônjuges, que assim evitariam troca de palavras insultuosas que ferem e matam aquele sentimento puro e forte que deve unir os casais.

Sabendo viver, todos podemos ser felizes e fazer a felicidade de nossos filhos, que jamais serão *transviados*, porque terão pais compreensivos e amigos a acariciá-los e a acompanhá-los pela vida afora, não os deixando abandonados e entregues a si mesmos, motivo único dos casos dolorosos observados ultimamente e que tanto afligem os pais conscienciosos.

11. A rainha Elisabeth

Para mim tu não és rainha da Inglaterra, és mulher e como mulher é que te julgo e admiro. O teu título é muitíssimo honroso para uma mulher e para ele nasceste e foste educada.

Acompanhei as notícias de tua coroação com entusiasmo e interesse. Sei que és querida por teu povo e tens te mantido sempre ativa e digna da pesada coroa que trazes sobre a cabeça. Pesada pelas múltiplas responsabilidades que ela joga sobre teus frágeis ombros.

Quantas mulheres te invejam! Mas eu não. Tenho pena de ti, Elisabeth, pois sinto que gostarias de ser mais feminina do que és e não podes porque o teu cargo de rainha rouba-te até o carinho de teus filhos e o de teu marido.

Casaste por amor e não por conveniência como acontece, em geral, com as cabeças coroadas. Tens no Príncipe Philip um marido inteligente, ativo, democrata e esportivo e tu muitas vezes deixas de acompanhá-lo, renuncias ao seu convívio porque és rainha, e como tal tens que obedecer as regras da corte, embora as tenhas humanizado um pouco mais e quebrado em alguma coisa a sua rigidez.

Acabas, agora, de dar mais um herdeiro à coroa da Inglaterra. Deves sentir-te feliz, mas estou certa que muito mais serias se outra fosse a situação do mundo, porque os teus filhos vão, sem dúvida nenhuma, enfrentar seríssimos problemas neste mundo cada vez mais convulsionado.

Quantas vezes tens desejo de estar junto deles para acarinhá-los e orientá-los e não podes! Sei que és meiga e carinhosa e que gostarias de ser mais mãe do que rainha, mas o teu cargo, porém, isso impede e por essa razão tenho pena de ti. O que te vale é possuíres um marido inteligente que já os vem preparando para um mundo diferente que ele vem sentindo será o de seus filhos.

O Príncipe Philip tem demonstrado ser bastante liberal e democrata, e a maneira como

conduz os filhos mais velhos é inteligente, porque ele sente que a rigidez da corte da Inglaterra não pode continuar a mesma, visto tudo evoluir e, embora respeitando os princípios dos ingleses, procura já arejar a mente de seus filhos para que possam viver sem maiores dificuldades governativas no futuro.

Quanta renúncia e quanto sofrimento íntimo não terás tido sem que possas deixar transparecer nem reclamar! Apresentas-te sempre sorridente, porque és rainha, e às rainhas não cabe o direito de viver a sua vida, mas sim a vida de seu povo.

Ao teu quarto filho, o terceiro na linha da sucessão ao trono da Inglaterra, almejo todas as venturas que uma mãe pode desejar a seu filho e que ele encontre ao lado dos irmãos mais velhos, um caminho mais suave em que haja mais tranqüilidade para poder zelar pela sua terra, por essa Inglaterra sempre tão reta e tão austera em seus princípios.

Inglaterra que deu um Churchill mundialmente admirado por suas excelsas qualidades de político, de grande ministro, justo e reto, valoroso e destemido. Que o seu V da Vitória tantas vezes por ele acenado durante a Segunda Guerra Mundial, continue sempre na mente de todos os ingleses e de nós também brasileiros que muitos precisamos dessa vitória, principalmente neste momento angustioso, cheio de incertezas para o nosso querido Brasil.

Ah! se tivéssemos um Churchill a quem respeitar e pedir conselhos, como ainda tens, Elisabeth, e que sempre teu amigo foi, como seríamos felizes!

Parabéns, pois, Inglaterra, pela Rainha que possui, e que acaba de dar-te mais um herdeiro.

Que as tuas dores, Elisabeth, ao dares à tua terra herdeiros, sejam amenizadas pelo glorioso futuro de teus filhos e que eles encontrem sempre no mundo aquela paz que tu, que passaste por uma guerra, sabes dar muito mais valor do que nós que por ela não passamos e que, talvez por isso mesmo, não fazemos idéia dos seus horrores e tão ingenuamente para ela concorremos com as nossas facilidades e leviandades.

Ser rainha como tu, Elisabeth, vale a pena!

12. Valorosa mulher

Sim. Valorosa mulher! Orgulho do nosso sexo que vem provar que nem só de bonecas é ele composto, nem de mulheres ocas, sedutoras, que possuem "it" e fazem parte das dez mais elegantes do mundo!

A coragem e o valor da senhora Jacqueline Kennedy comoveram o mundo inteiro. O seu exemplo de mulher culta, elegante, bonita, mas, sobretudo e acima de tudo, esposa e mãe, deve ter calado fundo em todas as mulheres fúteis e vaidosas que, infelizmente, são muitas.

Só cantaram, até hoje, a sua elegância. Cantem agora o seu valor, a sua dignidade que, na dor, na grande mágoa de perder seu querido esposo, não perdeu a linha e controlou-se e agiu com toda a compostura de mulher digna e inteligente.

Foi a companheira ideal de um grande Presidente! Foi uma verdadeira Primeira-Dama! Nós acompanhávamos em revistas e jornais toda a sua vida como esposa, como mãe e como mulher elegante que de fato era, mas de uma elegância sóbria, sem ostentação, nem espalhafato.

Manejava diversos idiomas e os usava nos países por onde passava com seu digno esposo, sendo assim, a sua fiel intérprete.

Causou-nos grande pena e morte do Presidente Kennedy, porque perdemos um grande amigo, não só nosso, mas do mundo inteiro, porque ele não só cuidava dos

interesses da sua Nação, mas de todas as Nações do mundo. E, ao lado dessa mulher nova e genial, constituiu um casal invejável, que muito e muito faria pela tão desejada paz mundial.

Apresentando-se a Senhora Kennedy com seus dois filhinhos no funeral do seu marido, ela não o fez por demagogia, como julgam alguns despeitados, que seriam capazes de o fazer por esse motivo, mas porque, como mulher moderna e forte, ela quis tornar os seus filhos também fortes e se apoiar neles, que tanto amavam o pai e por ele eram amados, encontrando assim forças para suportar sua grande dor.

Sabemos que se aproveitam, às vezes, das inocentes crianças para sensibilizar as massas mas numa hora tão dolorosa como aquela, Jacqueline pensou apenas em não se separar de seu marido até o momento do seu corpo descer à sepultura e fez-se acompanhar de seus filhos para que eles venerassem até o fim o grande Pai que tiveram.

Extraordinário Presidente perdeu a América do Norte e grande amigo perdemos nós!

Recordamos trecho do seu primeiro discurso presidencial:

"Festejamos, hoje, não uma vitória partidária, mas a celebração da liberdade - que simboliza um fim e um princípio, que significa uma renovação e uma mudança".

É de se lastimar que tivessem roubado a vida de um homem que só desejava renovar e mudar a situação dolorosa em que nos encontramos. Mais adiante disse ele:

"Não ousamos esquecer, hoje, que somos os herdeiros dessa primeira revolução. Que deste momento e lugar chegue aos amigos bem como aos inimigos a notícia de que a tocha foi passada a uma nova geração de norte-americanos, nascidos neste século, temperados pela guerra, disciplinados por uma paz fria e amarga, orgulhosos de nossa antiga herança e não dispostos a testemunhar a lenta destruição dos direitos humanos e que esta Nação sempre esteve comprometida e com os quais nos achamos hoje comprometidos".

Com tão nobres ideais deveria esse homem viver muitos anos se não fosse louco o assassino que o matou.

Disse ele ainda:

"Que saiba toda Nação, quer nos queira bem ou nos deseje o mal, que pagaremos qualquer preço, suportaremos qualquer encargo, enfrentaremos qualquer dificuldade, apoiaremos qualquer amigo e nos oporemos a qualquer inimigo, a fim de assegurar a sobrevivência e o sucesso da liberdade".

Por isso morreu Kennedy. Pelo seu destemor e coragem, sabendo que iria encontrar inimigos em Dallas, mas onde *o dever o chamava e foi.*

Grande homem! Grande Presidente!

Acompanharemos, pois, Jacqueline na sua grande dor e admiremos o seu valor e coragem de mulher, esposa e mãe.

13. Um alerta aos jovens

Escrevo ainda sob a desagradável impressão do ato impensado e perigoso de uma

estudante de treze anos que, tendo sido observada por seus pais pelo descaso nos estudos, deixou sua casa de manhã, uniformizada, e só foi encontrada às 21,30 horas. — Por onde teria andado? — O que teria feito?

Calculem bem a aflição desses pais quando, na hora habitual da chegada do colégio, a filha não aparece e o colégio informa que ela não tinha comparecido às aulas!

Se a mocidade incoerente, como está sendo a de hoje, se lembrasse que os frutos que ela colherá amanhã são os semeados hoje e que os pais se empenham em lhe dar essa oportunidade, proporcionando-lhe tudo para que se instrua, não se revoltaria pelo simples fato de um pai ou mãe conscientes chamar-lhe a atenção.

Hoje, pelo que se vê, não se pode mais repreender um filho! — Onde estamos e para onde vamos com essa mentalidade?

Então uma menina, tratada com tanto carinho, abandona o lar em represália por ter sido admoestada?

Aí deve haver algo mais. Com certeza, alguma colega que não tenha pais zelosos, e que infelizmente existem, seja a sua mentora e conselheira, e até alcoviteira, e procure desencaminhar essa menina. Os pais, sabemos, estão fazendo tudo para descobrir o que houve com a filha, assim como o colégio, que também se movimenta para decifrar a causa desse gesto, pois sabe-se que a família da jovem é bem constituída, de muito boa formação moral, e que zela pelos seus filhos.

Infelizmente é certo o ditado: "dize-me com quem andas e eu te direi quem és".

Em casa os pais aconselham, fazem observações justas para bem das jovens, mas nas escolas ou fora delas há sempre um mau elemento que se empenha em destruir todo o trabalho dos pais, mal aconselhando, e até alegando atraso, exagero e intransigência absurda para a época, etc., etc.

Apelo para a inteligência desses jovens, porque eles a possuem, e bastante, a fim de que sejam mais justos com os pais e procurem ver neles os únicos interessados no seu futuro e na sua felicidade. Observem que tudo quanto dizem e fazem é por amor e que por isso devem os filhos respeitá-los tanto na presença como na ausência. Na presença, ouvindo-os atentamente, sem se revoltarem, e na ausência, lembrando-se deles, do seu carinho, para não desgostar, praticando atos que eles condenam pela experiência que têm da vida e dos perigos que ameaçam seus filhos.

Os fatos desastrosos aí estão e se repetem.

Não vão atrás nem de cabeludos nem de moças levianas e insensatas que só querem companheiros e companheiras para a desgraça.

Imitem o que é bom, o que é direito, ouçam os mais velhos, pois hoje a maioria dos pais que são evoluídos conhecem os filhos e proporcionam-lhes tudo o que a época exige, mas dentro, não há dúvida, da razão e do bom senso, sem prejuízo deles.

Há divertimentos mais sãos e agradáveis, que não precisam de excitações por meio de beberagens e até injeções, e que são admissíveis, essa maneira de só se divertirem quando excitados por álcool ou entorpecentes, tenham paciência, isso é um crime que o Juiz de Menores devia punir severamente, pois até mortes e suicídios se dão por causa dessa maneira louca de divertir a mocidade. E o pior é que há pais sem consciência que se ausentam de casa franqueando-as aos filhos para beberem e se divertirem à vontade, transformando, assim, o seu lar em completa bacanal.

É demais!

Quando, porém, os jovens têm uma boa formação moral, eles próprios repudiam e

evitam tais divertimentos, mas quando não possuem pais conscientes como esses a que nos referimos acima, tornam-se perigosos como amigos e companheiros dos outros jovens.

Pais, alertai vossos filhos, procurai ver com quem andam, escolhei as amizades deles; atraí seus amigos à vossa casa de preferência, se quiserdes salvá-los das más influências, dos vícios e da infelicidade, enfim.

14. Desabafo

Vejo-a todas as manhãs, com a cabeça já branca, sempre apressada, sobraçando duas grandes sacas e uma bolsinha na mão, à cata de mantimentos, nessa procura cotidiana de toda dona-de-casa para encontrar o mais barato, a fim de contrabalançar suas despesas com o salário do marido, filho ou genro que, apesar de aumentado, continua não chegando para nada, em vista da subida louca dos preços, mais vertiginosa do que o aumento justo em face do custo da vida.

Pobre mulher! Tua vida continuará assim por muito tempo? Tens que ficar nervosa, impaciente! Não é possível que caminhando pelas ruas ou permanecendo em filas, não sintas o vazio, a falta que fazes em casa aonde chegas cansadíssima, irritada e, às vezes, sem um cruzeiro, quando não ficas devendo a algum fornecedor, pois quantas vezes tu saís de casa com teu orçamento feito, baseado na última compra e chegar à feira, ao Dasp, ao Reembolsável do Exército, Marinha ou Aeronáutica, se és esposa de militar, e aquele preço que ontem marcava a mercadoria, hoje já não vigora mais! Nem cálculos podes fazer para controlar as tuas despesas!

Já lá vai o tempo em que do dinheiro que te dava o marido para as despesas da casa, separavas sempre algum que ias acumulando, para satisfazer os teus extras ou comprar algum presente para o teu próprio marido!

Como és bondosa e pacífica, mulher brasileira! Que resistência e persistência! Sempre esperando uma melhoria, um controle nesta tumultuosa vida da nossa cidade, tão sacrificada e tão visada pelos ódios e vinganças de homens sem consciência que, apesar de se dizerem humanos e amigos do povo, não passam de algozes, negando-lhe ajuda e até incendiando as suas matas, tão precisas para suavizar essa terrível seca, que parece castigar os homens, assolando o país inteiro.

Pobre Brasil! Temos mais pena de ti do que de nós, porque dói-nos mais o teu descrédito, o que ouvimos falar de ti, apesar de todo o sacrifício que fazemos para te respeitar e honrar, do que aquilo que sofremos com a decadência de teu conceito, embora sejas ainda o nosso orgulho, e teu exuberante solo, tão rico, tão pródigo, mesmo com tuas imponentes matas incendiadas, prometes muito ao teu povo paciente e bom.

Mas, apesar de todas as vicissitudes, ainda és tido pelas outras Nações como um grande país, embora lastimem todos os teus maus Governos.

Temos que te ajudar Brasil! Hás de te levantar! E por isso irradiaremos o nosso pensamento, esperando sempre que dias melhores surjam e despertem os verdadeiros patriotas que esta Nação sempre teve, mas que parecem estar dormindo embalados por um ufanismo, que, longe de ser verdadeiro, é apenas comodista e prejudicial ao teu progresso.

Temos saudades daqueles homens sensatos, de fisionomias sérias, que inspiravam confiança, com suas suíças bem cuidadas, como as de nosso pai, ou barbas primorosamente penteadas como as de D. Pedro II, Deodoro da Fonseca, Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena e, por último, o nosso simpático Washington Luis, sem nunca ser preciso embebê-las no sangue dos inocentes para se fazerem respeitar e

imponham as suas idéias.

Esses sim, foram grandes idealistas brasileiros que não distribuían sorrisos, mas agiam com nobreza e patriotismo. Não é com sorrisos, que só exibem bons dentes, nem com falsa simplicidade (que reputamos falta de linha) que se prova ao povo estima e consideração. É trabalhando realmente, legislando e fazendo cumprir as leis, prometendo hoje e executando amanhã. Isso é que é democracia, isso é que é zelar pelo povo! Estamos realmente decepcionadas e tristes, porque somos nós, mulheres, as maiores vítimas de toda essa desorganização.

O tempo que se perde em propalar a beleza das primeiras damas, devia-se empregar para fazer sentir a essas damas, que suas irmãs, as mulheres estão definhando, perdendo os seus encantos de mulher, que também possuem, que estão envelhecendo prematuramente, com a vida atribulada e exaustiva que levam e que elas, como boas esposas e com a inteligência e perspicácia de uma Eleanor Roosevelt, podiam minorar esses sofrimentos e muito fazer pelas suas irmãs sofredoras deste grande Brasil.

15. Desanimar, nunca!

A mulher tem sido a mais sacrificada nesses anos todos de um Brasil ameaçado e mal governado. Vemo-la sempre nas filas, correndo com suas sacas daqui para ali, à procura do mais barato, reclamando exaustas dessa vida tão difícil e que parece não acabar mais.

Paciência, minhas amigas, um pouco mais de paciência, já que têm tido tanta!

O Brasil estava de tal jeito desarrumado, a lavoura completamente abandonada, os meios de transporte dificultados e sem nenhuma providência, e isso há tempo, que agora, para poder pôr tudo em ordem, custa muito, mas esperamos que em breve, com medidas severas, que não são "ditatoriais", como a maioria dos culpados dizem, mas bastante severas, inclusive com os comerciantes que se acostumaram a ganhar muito com o aumento do custo da vida e não querem agora se sacrificar um pouco para ajudar o Governo.

E preciso colaboração, senhores comerciantes. Bem sei que há muita gente descontente com a reviravolta que as coisas deram, mas um dia é da caça e outro do caçador. O que é preciso é compreender as coisas e analisá-las com inteligência, pondo de parte despeitos e falsas ideologias bem como oportunismos que, infelizmente, é o que há mais neste nosso querido Brasil.

São oportunistas e grandes oportunistas os comerciantes que podiam muito bem ajudar o povo e o Governo e que não o fazem esquecendo-se de que quem muito quer, muito pode perder também.

Após a guerra mundial, a Alemanha ficou arrasada e a França grandemente danificada. No entanto, em pouco tempo, viu-se a Alemanha completamente restaurada e a França com a sua vida refeita e em plena atividade. O que os europeus fizeram, como lutaram e economizaram para levantar a sua pátria, restaurando os seus edificios danificados pelos ataques aéreos! Redobram de esforços, trabalhando quer nos campos, quer nas cidades. Mas lá havia patriotismo. Sofreram muito, não só economicamente, como aqui, mas perdendo a vida de entes queridos, tendo órfãos a socorrer e viúvas desamparadas sem seus chefes e sem teto para morar. Além de mutilados, cegos e paralíticos, havia ainda o aspecto moral abalado pelas invasões.

A situação européia de após guerra foi calamitosa e nem se compara com a nossa situação, que nunca soubemos o que é uma guerra e os seus horrores. Somos até um povo privilegiado. Além de termos um solo fertilíssimo, em que "nele se plantando tudo dá",

auxilia-nos um clima maravilhoso, pois em nosso país não há o rigor do inverno europeu e o seu solo está sempre pronto para receber a semente que nele se atire sem precisar prepará-lo exaustivamente, como lá acontece.

O que nós estávamos precisando era de homens compreensivos, patriotas verdadeiros que se interessassem pela agricultura, pois é dela que sai o nosso sustento e por conseguinte o aumento da produção que irá facilitar a vida e impedir que as mulheres sejam tão sacrificadas pela escassez dos mantimentos.

De promessas vivemos muito tempo, mas agora devemos viver de realidades.

Realizações não se podem fazer de um dia para outro, sem primeiro se colocar as coisas em seus devidos lugares, por isso peço apenas a todas as mulheres que tenham um pouco mais de paciência e grande esperança no futuro, porque se houver colaboração e não difamação, sabotagem, despeitos e outras coisas mais, o Governo poderá trabalhar bem e mais depressa pelo bem-estar do povo.

16. Tempos difíceis

Lá se vai mais um ano, e a nossa decepção é cada vez maior. Foram dias cruéis os que passamos! Dificuldades inúmeras tivemos que enfrentar sempre esperando por dias melhores

As filas continuam aumentando; e corrida às casas de comestíveis em busca de alimentos melhores e mais em conta também. E nós, as mulheres, somos as maiores vítimas da vaidade, do egoísmo e da incapacidade dos homens, que, entra ano e sai ano, prometem, prometem, mas não cumprem.

Perdemos, coitadas de nós, um tempo precioso nessa corrida à procura do armazém que venda mais barato e, decepcionadas, notamos que o dinheiro que levamos na bolsa não chega, porque tudo encarece assustadoramente.

O leite, esse líquido precioso, então nem se fala. Procuram-no para seus filhos, enfrentando filas enormes, porque a criança dele precisa mais do que ninguém para se fortalecer.

Pão também é procurado com ansiedade, embora encarecido e mal feito.

Tecidos, principalmente nesta época do ano, em que todos gostam de presentear os seus parentes com um cortezinho de fazenda, estão pela hora da morte. E em vez do corte para um vestido compra-se uma bobagem qualquer, sem utilidade, porque não é possível dar-se um presente útil. Roupas feitas, cada vez mais caras, obrigando muita gente e comprá-las e prestação, e mesmo que se faça em casa, o tecido, as linhas e aviamentos são tão caros que pouco compensa.

Diversão? Cinema? Teatro? Poucos são os que se podem dar e esses luxos!

Enfim, é calamitosa a situação do nosso povo, da nossa gente tão boa, tão pacífica e que só quer uma vida mais barata, principalmente a mulher brasileira, que leva um ano inteiro correndo para levar os filhos ao colégio, correndo para procurar aqui e ali com que alimentá-los, chegando em seguida à casa para enfrentar um fogão, um tanque ou um ferro de passar, tudo fazendo comedidamente, pois até o gás e a luz precisam ser controlados porque as contas da Light são "de se cair para trás".

Será possível que não haja um meio de minorar tanto sofrimento?

Os homens que nos governam também têm mulheres e filhos, uma família, enfim, para sustentar. Não saberão dessas dificuldades? Não têm conhecimento dessas preocupações, dessa agonia? Ou são tão privilegiados que tudo lhes chega às mãos sem sacrifício e sem

grande dispêndio?

Se assim é, são bastante egoístas e pouco lhes importa que o povo sofra e se acabe. Das filas, eles têm conhecimento porque as vêem quando passam nos seus confortáveis e luxuosos carros! Não podem, portanto, ignorar tudo isso.

Ainda agora lê-se nos jornais que o Governo promete não aumentar os aluguéis e o custo da vida, de junho de 66 em diante. Mas, será mesmo verdade que os preços irão parar de subir, ou acontecerá como sempre, tudo não passando de promessas vãs?...

Não brinquem com a ingenuidade de um povo bom, hospitaleiro e corajoso, que tem sabido esperar pacificamente, calmamente e por que não esportivamente?

Prometeram-lhe dias melhores para 66, mas que esses dias surjam mesmo, não em junho, para depois ser adiado para dezembro ou para 67, mas quanto antes, porque há muita gente desesperada e cansada de esperar.

Que 65 saia triste, como vem saindo, roubando-nos até a alegria dos dias festivos de fim-de-ano e que 66 seja um ano de esperança, de palavra, de ação, de ordem e progresso, a fim de honrarmos a bela inscrição da nossa querida bandeira.

17. Que mãe será você?

Não é tarefa simples, nem é só alegria ser Mãe. Querer bem aos filhos não é tudo. É preciso saber amá-los tanto, e ter forças para contrariá-los. Problemas e soluções de educação infantil existem, que é sempre bom lembrar.

Porque há mães que não sabem dizer *não*. Como resultado, encolerizam-se, desesperam-se, mais tarde se arrependem, quase sempre, da bondade excessiva.

Outras, prometem ao filho levá-lo ao cinema amanhã, se se portar bem. O menino passou o dia "fazendo misérias", mas no dia seguinte: *Coitadinho!* Cadê coragem de privá-lo do cinema de que ele tanto gosta?!

Como resultado, a criança não faz por merecer recompensa, certa da fraqueza da mãe, pois acha que tudo lhe é devido.

Outro caso: Uma mãe, que desejou, durante tantos anos, ter uma filha, acaba vendo seu desejo satisfeito. Fica radiante, é natural, com o nascimento da menina, que passa a ser a mais mimada das filhas desde que abriu os olhos para o mundo. Não pode chorar, sem que ao menor "ai" seja logo atendida. Dorme mal, excitada pelos mimos que lhe fazem, tornando-se manhosa, irrequieta, nervosa.

Para que ela coma, todos em casa têm que lhe fazer gracinhas à mesa e, claro, a pequena só come o que quer!

Depois de crescidinha é a "princesa", preguiçosa, teimosa, desleixada, que não quer saber dos estudos. Seus caprichos não têm mais conta e a mãe outra coisa não faz do que dizer amém a todos esses absurdos.

Passa a ter um grupo de amigas e amiguinhos. Começam aí as preocupações da mãe; inquieta-se, pois estranhos vão ensinar à filha tudo aquilo que ela não lhe ensinou.

— E qual será o futuro de sua querida menina?

A intranqüilidade dessa mãe não existiria se ela restringisse, em tempo, o excesso de mimos e ensinasse à filha, embora já um pouco tarde, a merecer o que deseja. Nada de dinheiro para gastar à-toa. E logo que possível, uma ocupação para que ela enchesse o seu tempo e não pensasse tanto em futilidades.

Há ainda outra espécie de mãe que faz um *barulhão* porque a filha aparece ao almoço com as unhas sujas ou despenteada, mas ao jantar ignora continuarem ainda sujas as unhas

ou o cabelo em desalinho. Como resultado, os filhos tornam-se desobedientes, e não "ligam para nada", nem sabem ao certo o que está direito ou errado.

Exemplificarei mais um caso: Uma mãe orgulha-se de sua filha realmente bonita, morena ou clara, de cabelos anelados ou lisos ou louros como espiga de milho, mas cujo comportamento é esquisito. Quando lhe dirigem e palavra, emudece, intimidada, depois, emburrada, sem mais nem menos, solta duas ou três frases misturadas de gíria. A mãe mostra-se desolada, e com razão.

A filha já foi expulsa do colégio por má conduta. Embora inteligente, não quer nada com o estudo, é desatenta. Muda de professores sem resultado algum.

A mãe ralha, exalta-se, mas condescende embevecida pela beleza da filha, que não larga o espelho, e só se preocupa com maquilagens.

Passada a zanga, deixa a garota semanas a fio entregue a si mesma.

É óbvio que ela adora sua filha, a quem tanto ralha, quando exaltada, como ri, indulgente tanto com as suas teimas, preguiça e caprichos. E a filha, acostumada a tais mudanças, não se estimula com os carinhos, nem se corrige com os castigos. Torna-se, isto sim, uma moça oca, fútil e indiferente.

Citando apenas esses poucos exemplos, lembrarei que as crianças são terríveis críticos e quando percebem as fraquezas e defeitos dos pais, dificilmente os respeitam e obedecem.

Por isso, gostaria de saber que tipo de mãe é você, cara amiga, e se já pensou no resultado amanhã da educação e orientação que está dando a seus filhos, hoje.

18. Ingratos?...

Criticar a mocidade, reprovando-lhe constantemente os arroubos e a "falta de sentimentos" é um lamentável erro, infelizmente, muito generalizado.

Não temos direito de criticar e condenar os moços e estabelecer entre os novos e os velhos uma comparação justa, sem incorrerem no erro da desproporção existente entre um gigante e um pigmeu. A grandeza do gigante não será, em muitos casos, feita do prestígio do passado que tudo enobrece e tudo embeleza?

É certo que um profundo abismo separa as duas gerações. A divergência entre uma e outra é radical - tudo é diferente, desde a aparência física até a mentalidade.

Por isso, evitamos externar nossa opinião quando ouvimos, como tantas vezes acontece, acusações fundadas ou não contra a mocidade de hoje que, desprezando os conselhos dos mais velhos, entende orientar-se seguindo seu próprio alvitre.

Sei a quanto me arriscaria procurando demonstrar que aos pais, a esses mesmos pais que tão amargamente se queixam, cabe a maior culpa.

Li e guardei, há algum tempo, de uma revista francesa, um artigo bastante interessante, no qual o autor – um jovem – deixa bem claro as razões dessa mocidade desorientada e – por que não dizê-lo? – no fundo, infeliz.

Desse libelo, que talvez venha acordar muitas consciências, destaco alguns trechos, para os quais chamaria a atenção das leitoras que têm filhos em idade de formação:

"Pelo simples fato de nos haverem dado certa educação, nossos pais cuidam ter desempenhado seus deveres para conosco. – Que armas práticas nos puseram eles nas mãos, para enfrentarmos a vida? – Ensinarão-nos História e Geografia, alguma Matemática e um pouco de Latim, às vezes piano e, raramente, um "métier". Muitas tempestades desencadearam nossos boletins de notas ... Tivemos diversos professores particulares, que nos ajudaram a conquistar o diploma final, mas, ao sair do colégio,

depois de terminado o curso, qual de nós poderia, por exemplo, dizer a data da coroação de Carlos X ou os nomes dos principais rios da Austrália?

Completamente ignorantes e cheios de ternura, queremos acreditar em tudo, mas, cada dia nos traz uma nova decepção! Esqueceram-se de nos ensinar que a vida sabe, às vezes, ser má ... Voltados para seus próprios interesses, nossos pais não tiveram tempo para tanto.

Interessam-se por nós, é certo, mas a seu modo. Deram-nos lindos presentes de Natal e de aniversário; vestiram-nos com elegância e até com luxo; proporcionaram-nos diversões e férias agradáveis. — Não é bastante para tranquilizar a consciência? Fizeram tudo por nós, mesmo sacrifícios! Tudo?... — Lembraram-se, algum dia, de nos sondar a alma e pesquisar o pensamento? — Preocuparam-se com nossos desgostos infantis, nossa curiosidade e todas as coisas que surpreendiam nossa inocência?

Tiveram, acaso, o cuidado de reprimir diante de nós, as palavras duras e os gestos raivosos? — Esforçaram-se para nos dar um belo exemplo e nos proporcionar o espetáculo de uma felicidade serena?

Amando profundamente nossos pais, desejamos viver junto deles em um ambiente homogêneo de ternura, união e afeto, em um lar, enfim, criado por eles, onde nos sentíssemos protegidos.

Entretanto, raramente esse desejo foi realizado. — Quantos, dentre nós, assistiram, com o coração a saltar dentro do peito franzino e lágrimas nos olhos, os dois seres que mais queríamos no mundo, se dilacerarem mutuamente, com palavras cruéis?

Nada nos poderia inspirar maior horror do que a separação de nossos pais!

A vida que desabrocha, arrancada pela tormenta, vai rolando, levada pela correnteza! Impelida pelo acaso para um dos dois seres que adora, guarda a este surdo rancor, por tê-la privado da presença do outro.

Muitas vezes, nos casos de desquite, recorrem os pais à solução do internato, servidor indulgente de sua comodidade pessoal. E lá se vai a doce avezinha, privada do morno aconchego do ninho, viver entre estranhos, perdida na multidão. Desenvolvem-lhe o corpo e o espírito, enquanto a alma se atrofia. E os pais, tranquilizados, vão calmamente "refazer" uma nova vida.

Entretanto, a mocidade desses pais não presenciou tais exemplos; os atos eram então cercados de certo pudor – não se exigia tanto da vida.

Os pais amavam-se, desfrutavam uma existência serena, ocupando-se, eles próprios, da educação dos filhos; e, quando não se amavam, procuravam se adaptar um ao outro, sabendo que se deviam separar.

Nossos pais tiveram uma mocidade feliz, enquanto que nossa adolescência presenciou-lhes as paixões e as conseqüências dessa ânsia de gozar a vida! — Como poderíamos deixar de ficar para sempre marcados por amarga desilusão? — Como poderíamos evitar essa coisa monstruosa de julgar nossos próprios pais? Ingratos?...

— Quem sabe se, nesta época em que "viver às claras" se vai tornando um luxo, o grito desse jovem, que representa, sem dúvida, o da mocidade de hoje, não será uma boa semente para os pais menos avisados?

19. Para onde vamos?

A mocidade está muito irreverente e indisciplinada. Não há mais respeito. Os jovens de hoje querem se guiar pela própria cabeça, desprezando os conselhos dos mais velhos e

experientes. Há como que uma atmosfera de deboche, incompreensão e pouco caso nas Escolas, onde a autonomia do Mestre não conta mais com o aluno e se algum pretende impor-se com energia, é logo desautorado. No entanto, é nas Escolas que se forma o caráter da criança. Mas, se os que para lá entram com princípios educativos bebidos no lar, só encontram maus exemplos, maus costumes e até vícios, como podem formar o seu caráter?

Sabemos que há pais que não ajudam os professores e que abandonam os filhos, deixando-os entregues a empregadas ou soltos na rua, criando-os à lei da natureza, adquirindo maus hábitos e vícios e até se revoltam contra os professores quando os punem. Estes, sem dúvida, entrando na Escola, vão contaminar aqueles que têm Pais compreensivos e que se esforçam para dar-lhes uma boa educação. A disciplina escolar é, pois, uma necessidade para evitar esse contágio maléfico que dá muita apreensão e trabalho aos Pais zelosos que constataam essa influência pela desobediência, falta de respeito e a insistente vontade de imitar os outros colegas, julgando-se até diminuídos e desprestigiados quando não podem fazer o que eles fazem e gozar da liberdade desenfreada que os outros têm. Tornam-se ásperos com os Pais, chamando-os de atrasados, retrógrados e outros adjetivos tão em moda atualmente nos meios escolares.

Ao chegarem em casa essas crianças, ou moças e rapazes, nota-se pelas suas expansões e expressões o que ouviram, vexames que passaram na escola com a crítica dos colegas a alguma proibição dos Pais.

É bem espinhosa, hoje, a missão dos Pais, quando pensam educar e instruir os filhos, garantindo-lhes um futuro honesto e digno.

Por tudo isso, considero a Mulher de hoje uma heroína, pois, além da educação dos filhos ser muito difícil, há ainda os problemas de dona-de-casa, atualmente agravados e tão exaustivos que tiram toda a paciência que ela precisa ter para cuidar dos filhos e atender ao marido que, às vezes, também constitui sério problema para a mulher.

A dona-de-casa de nossos dias, além da dificuldade para adquirir mantimentos, que sobem escandalosa e assustadoramente de preço, exigindo maior cuidado na sua escolha em busca dos mais baratos, luta com o problema da empregada doméstica, que se emprega hoje para ganhar muito e trabalhar o menos possível, gozando de regalias que a patroa não tem, como ir ao cabeleireiro, onde perde horas alisando e penteando os cabelos, quando a patroa não tem tempo para isso, porque basta arredar um pouco os pés de casa para que elas tomem conta do telefone, conversando com as amigas e, se têm mais uma colega, baterem um "papo", como dizem, fazendo "fofocas", enquanto o serviço fica por fazer, esperando que a patroa regresse para terminá-lo.

É preciso uma grande dose de paciência, de controle, para conter os nervos, que ficam à flor da pele a que, geralmente, transformam a mulher em esposa irritada e mãe impaciente.

Pobres esposas, maridos e filhos, todos vítimas de uma época de completa desorganização social e administrativa.

E a demagogia dos políticos a pregar a proteção e o amparo ao povo maltrapilho e analfabeto, a estender a mão ao público nas principais ruas da cidade! Que ironia! Só o tem explorado e infelicitado, dando-lhe uma idéia de falsa liberdade, sem preparo e educação para poder gozá-la.

O povo brasileiro sempre foi bom a amante da liberdade e não se conformará nunca, estou certa, com regimes de força ou escravidão, à imitação do regime soviético. O que ele precisa é de orientação, educação, instrução e saúde, para tornar-se um povo realmente feliz.

Assim, considero calamitosa a nossa atual situação e, por isso, pergunto:

— Nesse andar, para onde vamos?

20. Eleanor Roosevelt

"Teria sido ela a mulher mais influente do século XX. Exemplo de realização dos sonhos das feministas do século XIX, que rompiam as restrições da época vitoriana". "Eleanor Roosevelt redime a esperança que os Estados Unidos depositaram na mulher, quando a Nação se emancipou", escreveu Frank Lloyd Wright.

Foi admirada por todo o mundo e, embora sofresse ataques e irreverências, o que é muito comum naqueles que se destacam, principalmente quando se trata de uma mulher, ela mereceu os aplausos do mundo inteiro, revelando-se uma grande estadista como delegada das Nações Unidas, cujos conselhos eram até solicitados pelos grandes de muitas Nações.

Nunca deu importância à sua maneira de vestir nem ao que possuía, e até de comunista foi chamada por causa do seu desprendimento e pela sua verdadeira democracia. Mas, interessavam-lhe, isto sim, as causas não só de sua pátria, como as do mundo inteiro e, por isso, bem mereceu o título de "Irmã do Mundo".

Não havia parte alguma do mundo que ela não conhecesse e não deixasse boa recordação de sua passagem pois, "milhares de pessoas em todo o mundo consideram a Sra. Roosevelt uma amiga", assim dizia Dag Hammarshjoeld, por ocasião da comemoração de seu septuagésimo aniversário.

Nunca descansou. Depois da morte de seu marido, dedicou-se à luta pela harmonia e melhoria de vida de todos os povos, fossem de que raça fossem.

Preocupava-se com tudo que dissesse respeito à família, com as injustiças sociais, cuidava do bem-estar das mães das crianças em geral, de melhoramentos da vida do campo, movimentos dos jovens, relações internacionais, enfim, era uma mulher completa, honra e orgulho do sexo feminino. Além de todo esse programa de realizações, ainda publicou diversos livros, como "Meus Dias", "Eis a Minha História", "As Bases Morais da Democracia", "A Índia e o Despertar do Oriente".

Prima de Franklin Roosevelt, com quem se casou aos 19 anos, foi uma companheira ideal, principalmente ao se decidir, em 1921, quando seu marido foi atacado pela paralisia infantil, a ajudá-lo em sua atividade política. E que política hábil foi Eleanor Roosevelt!...

Na Segunda Guerra Mundial, até nas zonas perigosas ela esteve presente, confortando os soldados, que a consideravam uma verdadeira mãe.

O Presidente Kennedy, ao expressar seu pesar pelo falecimento da viúva do ex-presidente dos Estados Unidos, disse: "Foi uma grande mulher da História norte-americana. Em minha tarefa de homem de Estado, sempre a considereei como um exemplo proveitoso". E, no entanto, ela, inicialmente, não aprovava a sua candidatura à Presidência, mas veio, posteriormente, a apoiá-lo em sua campanha e, após, colaborou espontaneamente com ele em numerosas questões.

Foi, como disse alguém, uma grande mulher feia, cuja memória hoje reverenciamos, depois de tê-la admirado sempre no decorrer de sua afanosa vida.

21. Lady Churchill

“Não seria possível a qualquer homem público atravessar o que eu atravessasse sem o auxílio dedicado do que chamamos, na Inglaterra, a nossa melhor metade”.

Nas minhas férias em Teresópolis, tive oportunidade de ler bastante. Encontrei, então, um comentário sobre a vida de Churchill e sua esposa. Como tudo o que diz respeito à mulher me interessa, comoveram-me certos episódios passados entre esse casal, que considero um exemplo para muitos homens que não sabem valorizar as suas esposas.

Confesso que nunca supus que Winston Churchill, grande homem público, de fisionomia *amarrada* e austera, fosse capaz de querer tanto à sua mulher e dar-lhe o merecido valor.

Admiro os homens afetuosos e compreensivos, que sabem reconhecer em suas esposas as qualidades que possuem.

E Churchill desmente a fama que possuem os ingleses de serem frios e indiferentes, mostrando-se na vida conjugal um marido devotado e compreensivo. Como Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, ao tempo da última grande guerra, declarou certa vez que convencer Clementine Hozier a casar-se com ele foi a sua vitória mais brilhante. Uma secretária sua assim se expressou: "Sempre achei que a principal contribuição de Lady Churchill para a grandeza do marido consistia em "fazer-lhe frente" (*fazer frente* a Churchill não devia ser fácil). Outras mulheres poderiam tê-lo estragado com a adoração (pois adorava-o), mas ela não o deixava ser egoísta".

Um dia em que falava por ele nas eleições de 1950, um aparteante apresentou-lhe um recorte de jornal, que citava uma crítica acerba feita em 1908 à política dos conservadores.

Ela olhou o recorte, leu-o para o povo e com graça disse: — Estou casada há pouco mais de quarenta anos. Esta declaração foi feita há quarenta a dois anos, antes, pois, de eu poder controlá-lo ...

Foi a única pessoa que conseguiu interromper Churchill em plena oratória, para dar-lhe informações que ela sabia de seu interesse, pois outros haviam tentado e não conseguiam.

Li também que durante os anos de guerra muitas vezes Lady Churchill insistiu com o marido para que *"tratasse bem"* o General De Gaulle, pois sabia como Churchill era impetuoso e ela achava conveniente saber lidar com o grande general francês.

Pelo que deduzi, Lady Churchill é uma mulher forte. E por isso discutia com o marido sobre política e não gostava quando ele se tornava pomposo e cheio de retórica. Ela é modesta e simples por natureza. Convenhamos que o controle de um gênio obstinado e famoso como o do Sr. Churchill não era fácil e, no entanto, ela o fez suavemente e com encantamento.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Primeiro Ministro sobrevoava constantemente a Mancha debaixo de fogo. Os membros do Parlamento, receosos, pediram a ela que o impedisse de fazê-lo, e Lady Churchill, com o coração apertado, respondeu:

— Há uma porção de jovens arriscando a vida, e Winston cumprirá o seu dever, haja o que houver. Não serei eu que irei insistir demais para persuadi-lo.

Uma das grandes lutas de Lady Churchill sempre foi fazer com que o marido chegasse a horas certas para as refeições; chegava até sempre a adiantar o relógio, mas Churchill, que trazia sempre dois relógios de pulso, achava uma delícia apanhá-la nessa manobra. Costumava-se demorar demais no banho, ensaiando discursos, enquanto boiava na banheira.

Esse grande homem tinha dessas coisas de menino travesso, mas dava valor à esposa que

possuía. É uma faceta de seu caráter que eu desconhecia e que agora muito admiro, porque não basta ser grande homem público para ser admirado, mas sobretudo homem de sentimento. Em junho de 1953, Churchill sofreu uma congestão e correu o boato de que ele não terminaria seu mandato como Primeiro Ministro. Sua primeira aparição em público depois da doença, foi no Congresso Anual do Partido Conservador e o jornal "Daily Mirror" narrou o episódio da seguinte maneira:

"Ele falou quarenta minutos, mais lentamente do que de costume, com Lady Churchill sentada ao seu lado. Durante todo esse tempo ela não desviou, por um instante, os olhos do rosto do marido. Era como se estivesse influenciando com a vontade para que ele fosse bem sucedido até o fim. Uma vez ele citou um número errado e ela o corrigiu baixinho. Ele sorriu, deu o número certo, e continuou. Quando afinal se sentou, recebendo uma ovação estrondosa, ela se recostou, deixando as mãos caírem no colo. Parecia mais exausta do que ele".

Confirmo aqui o que já escrevi num de meus artigos, referindo-me à Sra. Kennedy: uma grande mulher torna grande um Presidente da República, como foi Kennedy. E é Lady Churchill outra grande mulher, que torna grande um ministro inglês, como Winston Churchill.

Agora, velhinho e doente, despedindo-se da Câmara dos Comuns, coberto de glórias e carinhosamente ovacionado pelos seus pares, depois de uma longa vida de lutas, pela sua querida Inglaterra.

Não erro se disser que, em parte, muito deve ele a sua carreira gloriosa ao amor e estímulo da grande companheira que possui e que ele com justiça reconhece, quando diz que nada faria sem o auxílio dedicado da sua melhor metade.

22. O mais belo papel da mulher

Há muitas mulheres, mesmo nos tempos modernos, para quem o seu melhor papel é o que podem realizar através do casamento, da maternidade e da participação das atividades de seu marido.

Para ser uma esposa vitoriosa é preciso reconhecer que sua carreira requer, entre outras coisas, as qualidades de uma diplomata, de uma mulher de negócios, de boa cozinheira, enfermeira experiente, professora, política e mulher atraente. Assim, será esta a mais perfeita e compensadora de todas as carreiras femininas.

Citaremos alguns casos de mulheres que isso demonstraram, como por exemplo, Emma Wegwood Darwin, esposa do grande cientista Charles Darwin.

Segundo se sabe de sua vida, Darwin foi fisicamente frágil e não teria sido capaz de enfrentar as múltiplas e complexas responsabilidades da vida de uma família - e principalmente o seu trabalho de pesquisa a criança - se não fosse a inabalável dedicação de sua extraordinária mulher.

Lady Darwin colocou à disposição do marido uma absoluta fé e confiança nas coisas para ele fundamentais - as suas pesquisas. Chamou a si a administração de suas finanças, de sua casa e a de seus filhos. Evitava-lhe aborrecimentos e até que o interrompessem, a fim de que não o perturbassem nos seus estudos.

Além de tudo isso, deu-lhe dez filhos, dentre os quais três receberam o título de "Sir" devido a realizações científicas pessoais.

Há, também, Madame Pasteur, cuja dedicação e lealdade a um químico brilhante e muitas vezes mal compreendido como Pasteur, a expôs ao ridículo e a perseguições, pondo

à prova sua firmeza e confiança com a morte de seus três filhos de febre tifóide. Ela aceitou com coragem as extravagâncias de um lar, cuja rotina girava em torno de estranhos e intempestivos acontecimentos de um laboratório experimental, acreditando sempre nos bons resultados do espírito criador do seu marido.

Essa grande mulher encontrou ainda coragem para animar sua filha, quando esta se achava em perigo, nas vésperas de ser mãe, com o jovem marido sempre ausente, trancado no laboratório de seu pai. Madame Pasteur, estoicamente dizia à filha com os olhos cheios d'água, que era assim mesmo a vida da esposa e da filha de um grande homem.

Outra mulher, Cosima Luizt Wagner resumiu essa filosofia nas seguintes palavras: "As mulheres vêm ao mundo para ajudar os grandes homens".

Há muitas mulheres modernas que se identificam conscientemente com esse papel e muitas o fazem com êxito, o que é um consolo para sua dedicação.

É provável e de se esperar, que os nomes da maioria dessas mulheres sejam raramente conhecidos fora do círculo de suas famílias e de seus amigos, a não ser que os maridos se tornem famosos.

Entretanto, generalizando, constituem elas a grande maioria de muitas mulheres modernas que são a viga mestra da nossa civilização.

23. Personalidade feminina

Toda mulher deve ter personalidade. Uma mulher sem vontade própria é sempre uma indecisa e a sua vida será de eterna intranquilidade.

Ao guiar a mocidade de hoje (os "brotinhos") deve-se fazer-lhe ver que para enfrentar a vida é preciso educar a vontade e estudar bem a sua maneira de sentir, para orientar as suas inclinações, hoje sem conseqüências, mas amanhã causa de erros gravíssimos.

Sobre a mulher recai sempre a culpa de tudo que de errado acontece no lar e com os filhos. É ela sempre a responsável pelo que se passa; não se procura saber se ela se esforça, se a sua tarefa é difícil e, sendo assim, é mais do que lógico que se a prepare para a sua grande e pesada responsabilidade no futuro.

Entre muitas mulheres levianas há também excelentes criaturas humanas, dedicadas, cômicas de seus deveres, quando não escravas dos mesmos, abnegadíssimas, enfim.

Mas, o que há também é que essas qualidades nem sempre são reconhecidas, e daí o não se dar o merecido valor à mulher.

Percebe-se que pelo simples fato de ser mulher, só se vê o sexo e por isso, na opinião da maioria dos homens, deve ser tratada ou como uma criatura frágil que precisa ser governada, ou, o que é pior, como um exclusivo objeto de prazer e nela se procuram conquistas fáceis. Valor mesmo, como mulher, a maioria não lhe dá. E quando surge uma mais corajosa, que se impõe pelas qualidades morais, possuidora de personalidade e inteligência, aparece sempre quem a julgue com zombaria.

Acho que a mulher que sabe honrar o seu sexo não precisa da proteção de ninguém; ela se basta a si mesma e se impõe ao respeito de todos, pela sua conduta digna e valorosa.

A essa mulher, desafiamos que um homem, seja ele quem for, lhe falte com o respeito, a não ser um tarado, anormal e assim um desclassificado, porque, infelizmente, há de tudo no mundo.

Irrita-me ver certas mulheres sem personalidade, servindo de joguetes nas mãos de homens que se julgam muito importantes e senhores feudais, à imitação dos que existiam no passado, mas cujas mazelas morais escondiam até o momento de morrer, quando os

herdeiros ocultos apareciam exigindo a participação na herança.

O homem para ser respeitado não precisa mostrar superioridade sobre a mulher, porque esta, em todos os pontos de vista, quando quer ser mulher, é tão inteligente ou mais do que ele, e é capaz de fazer aquilo que ele muitas vezes não faz, como seja sustentar a sua família, quando abandonada por ele.

O casamento, hoje em dia, é uma interrogação. Ninguém pode garantir que uma união que devia ser para a eternidade dure mais do que poucos anos e até meses. De quem a culpa? Da mulher? Só, não! De ambos, quando não é só do homem.

Muitas moças vão para o casamento com os olhos vendados pelas ilusões próprias da mocidade ou por romantismo. Sabemos também que muitas pela educação que hoje vêm tendo de filhas abandonadas, completamente largadas, se tornam escoladas e já vão para o casamento com a idéia de mudar de marido ante a primeira dificuldade ou contrariedade, se ele não lhe der luxo ou ela não continuar a levar a vida a que estava acostumada.

Os homens hoje, como raras exceções, casam por casar. Amor, amizade pura não os leva ao casamento. Ou precisam de companhia, porque já estão cansados de rolar de mão em mão, ou vão atrás do interesse, porque nem mesmo um palminho de cara os tenta, porque há tantas carinhas bonitas soltas por aí, que eles não se precisam amarrar por uma belezinha qualquer.

É com esse ceticismo que encaro agora os casamentos que se vêm fazendo, pelo que sei e pelo que observo.

Por isso é que eu acho que as mulheres de hoje têm que modificar a sua maneira de conduta e impor-se pela sua personalidade, procurando sempre defender-se com valor e dignidade.

É preciso fazer ressaltar os seus dons intelectuais e morais para que confundam aqueles que só vêm nelas futilidades e instrumentos de prazer.

Saibam o que querem, defendam o seu ponto-de-vista, não se acovardem as que são tímidas e sejam menos fúteis e levianas as que, só para infelicitar casais, vivem com capas de amigas, uma realidade dura que pretendo mostrar a todas as mulheres infelizes e desprevenidas.

24. Rainhas

Apesar das inúmeras apreensões e dificuldades, de crises e desgoverno, ainda há disposição para se escolherem rainhas de beleza que vão como embaixatrizes ao exterior disputar os títulos máximos de rainha do Universo e do Mundo.

Por acaso me chegaram às mãos dois volumes das rainhas de Portugal, e lendo-os, resolvi fazer um apanhado da vida de uma rainha que mais se destacou pela sua influência no reino de Portugal, daquela época em que os homens, diga-se de passagem, não tinham mais juízo do que os de hoje e brincavam e trocavam de mulher com a mesma facilidade. Se algumas lhes pagavam com a mesma moeda, outras, porém, mostravam-se altivas e dignas como D. Filipa de Lancastre, mulher de D. João I.

Era D. Filipa filha do Duque de Lancastre, João de Gaunt, filho do rei Eduardo III de Inglaterra, que havia feito aliança com o rei D. João I de Portugal contra Castela. Foi quando o mestre de Aviz, cansado de guerras, resolveu casar-se com D. Filipa, a 2 de fevereiro de 1387.

Por ocasião dessas bodas, deu D. João I um grande banquete, para o qual convidou prelados, nobres e damas do Paço e muita gente da cidade do Porto.

Encarregou o condestável D. Nun'Alvares Pereira de servir de mestre-sala, que com grande satisfação e surpresa dos convivas, mostrou que não era só no campo de batalha que sabia agir, mas que possuía também muita fidalguia e arte para lidar com a gente do Paço real.

È do reinado de D. João I que datam as principais grandes descobertas e viagens dos portugueses.

Dizem que a mulher faz o homem e isso se deu com D. João I, pois a influência de D. Filipa de Lancastre sobre seu real esposo ajudou-o muito, tornando-o prudente e valoroso, mostrando-se político esclarecido e bom administrador, graças à grande compreensão de sua esposa a quem ele queria muito, apesar de leviano. Era um rei verdadeiramente popular e democrata. Gozando dessa popularidade obtinha tudo dos seus procuradores e conseguia assim confirmar muitas das suas deliberações.

Foi no reinado de D. João I que em Portugal se começou a contar pela era de Cristo; até então, se usava a de César.

Fundou ele e reconstruiu quatro palácios em Cintra, Lisboa, Almeirim e Santarém. Mas o grande monumento que legou a Portugal foi o Mosteiro da Batalha, que tive o prazer de visitar e admirar sua arte, quando de minha estada em Portugal, em 1950, de que guardo saudades pelo muito que soube e conheci dos meus antepassados.

A rainha D. Filipa não teve muita preponderância na política do Governo de Portugal, mas sim no trato e na convivência com todos da Corte e nos sábios e salutares conselhos que dava, estendia sua influência benéfica sobre todos os atos de seu marido que a admirava por isso.

Era formosa, branca, loura, de olhos azuis e porte altivo, mas não arrogante. De trato delicado e agradável contribuiu pelos seus modos e costumes para polir a linguagem e as maneiras da sociedade da época. Foi boa mãe, e o mais ilustre padrão de glória que deixou a Portugal e ao mundo foi a magnífica prole que, pela sua exemplar educação, valor a instrução, legou à pátria e à civilização.

Era tão bondosa, ativa e compreensiva que numa das salas do Palácio de Cintra que visitei, diz a tradição que surpreendeu a rainha o seu real marido beijando uma dama do Paço. D. João I não se perturbando, porém, disse à rainha que o pegara em flagrante: foi por *bem*. Não se sabe se a rainha se deu por convencida e satisfeita, mas essa frase do rei correu de boca em boca pelos cortesãos com ironia a malícia. Vi, e ainda hoje vê-se no teto da sala em que se deu o fato, pintadas numerosas pegadas com dísticos em que se acham escritas as palavras: por *bem*, fato que muito me divertiu quando lá fui admirar as belezas artísticas desse velho palácio.

Morreu vítima de horrível peste que assolou Portugal no Governo de D. João I. E este que verdadeiramente estimava sua esposa, ficou inconsolável e apesar das súplicas e conselhos dos que o rodeavam, negava-se a separar-se de sua mulher, mas segundo a tradição, o condestável D. Nun'Álvares Pereira, seu grande amigo, conseguiu afastá-lo metendo-o em brios e o rei, inconsolável, separou-se de sua mulher moribunda antes que se contaminasse com a doença. Poucas horas depois, expirava D. Filipa de Lancastre com cinqüenta e seis anos de idade.

D. João I viveu ainda dezoito anos, mas nunca esqueceu a valorosa esposa que tanto o amou a ponto de desculpar suas leviandades. Essa rainha, para mim, foi um modelo e a maior rainha de Portugal, pela sua compreensão, honestidade e salutar influência sobre seu marido que talvez por isso mesmo foi um dos grandes reis de Portugal preparando o caminho para o maior rei de Portugal: D. João II.

Jazem, ambos, em suntuoso mausoléu numa das capelas do famoso Templo da Batalha, onde se vêem sobre o túmulo esculpidas as imagens dos dois esposos tendo D. Filipa de Lancastre sua mão direita pousada na esquerda de seu marido, como exemplo de sua união.

25. Um grande carnaval

O noticiário dos jornais e rádios comenta que esse carnaval foi "um grande carnaval". Pudera! Se assim não fosse, não faria diferença dos dias que temos passado, que têm sido de verdadeiro carnaval, cheios de palhaçadas, jangando-se ao som do samba, cada vez mais brasileiro. Era, pois, justo que neste ano de 1964 o povo tivesse um monumental carnaval, em que pudesse afogar as suas mágoas e esquecer, nos três dias, o alto custo da vida, as desilusões e decepções sofridas com uma política provinciana, de homens sem palavra, que tudo prometem mas nada fazem, criando assim uma situação que já era "esperada, desde que as propagandas foram feitas na base do samba e só poderiam ter como resultado o que aí está.

Dizem que o que vale ao Brasil é o povo ser pacífico e conformado. Mas o que vale, a meu ver, ao Brasil, é o seu povo gostar de samba, que o faz esquecer todos os sofrimentos e dificuldades. E por isso se elegem presidentes sambando e cantando "peixes vivos".

Viva, pois, o samba!

Houve, porém, um homem amigo do povo, compositor de música popular, que entrando na política, dela e de seus homens se enojou. E esse era do samba, compunha sambas, fazia parte do povo. Mas, eleito vereador, viu como se enganava o povo e nada podendo fazer nem falar a verdade, abandonou a política decepcionadíssimo, guardando consigo uma grande mágoa.

A Ari Barroso, esse compositor internacionalmente conhecido, todo carioca deve ser grato, porque foi um grande artista e um sincero amigo seu. Não se reelegeu porque não dava palmadinhas nas costas, não abraçava em público os que dele se aproximavam, nem mandava fazer enxoval para sua filha na Europa, ou depositava dinheiro em bancos estrangeiros. Tudo isso como bom brasileiro, encoberto de sorrisos brejeiros e olhares simpáticos.

Ari Barroso era franco, áspero, dizia só o que sentia e não agradou na política porque embora fizesse samba não sabia jangar.

Reprovamos a vermelhidão que querem dar ao belíssimo panorama desta nossa querida terra brasileira, onde o céu é tão azul e tão lindo, onde suas palmeiras sobem independentes e serenas, suas montanhas, de um verde maravilhoso, alegram a vista de um povo que sofre, mas não quer ser vermelho porque o seu pensamento é azul, puro, nasceu livre e livre deseja continuar. Essa vermelhidão, com que ameaçam a nossa gente, não pode ter guarida num povo alegre como o nosso, que possui uma música tão linda como a do saudoso Ari Barroso, que quando se ouve esquece-se da vida.

O brasileiro não nasceu para ser encostado a um paredão, nem ficar preso entre muros como os de Berlim! Tornando-se vermelho, ele perderá o seu carnaval e não poderá mais afogar suas mágoas num regime totalmente oposto ao seu temperamento.

A esse respeito, lemos numa reportagem de Nininha Leitão da Cunha, que foi nossa embaixatriz na Rússia e em Cuba, e assim, conhecedora do regime desses dois países, fez várias ponderações sobre a vida, o pensamento e o resultado da experiência dos vermelhos. E o que mais nos admirou foi o que ela contou sobre estudantes brasileiros, por ela

recepcionados em Cuba, e que confessaram almejar também para o Brasil um regime fidelista.

E quando nossa embaixatriz, mulher inteligente e perspicaz, se mostrou contrária a essa opinião, argumentando com "paredons" a "totalitarismos", eles contra-argumentaram afirmando que para mudança de um regime são necessários "paredons", "prisões", "mortes em massa".

Custa a crer que rapazes nossos, filhos de uma terra em que tudo se tem feito e resolvido sem sangue, pensem tão avermelhadamente. Esses, para mim, não são brasileiros, porque o povo brasileiro é bom, pacífico, deseja evoluir, progredir, mas não se escravizar a regimes totalitários. Não é de seu temperamento, nem de sua índole.

A mocidade é volúvel, falta-lhe madureza, e do seu entusiasmo se aproveitam velhos agitadores pondo-a no fogo e avermelhando a sua mente tão inteligente, tão aproveitável! A essa mocidade lembrarei os seguintes versos que aprendi quando estudante:

*"Jeunesse vo/age
Meditate ceci:
La vie à votre'age
Est amère aussi.
Mais prenez courage
Et dans peu de temps
Vous direz je gage
Ses fruits son charmants."*

Sim, rapazes, vós estudais com sacrifício, muitos de vós sois pobres, lutais com dificuldades, por isso a vossa vida é amarga, mas tende coragem e dentro de pouco tempo sentireis como os frutos do vosso estudo e do vosso esforço são deliciosos.

Colaborai para que tudo se modifique para melhor e não para pior. Temos tido maus governantes. Quando surgirem verdadeiros estadistas, amigos da terra e do povo, todos acharemos que os frutos do nosso esforço, paciência e trabalho são *charmants*, deliciosos e encantados, nos orgulharemos da nossa terra.

Mocidade, amiga do samba e da liberdade, confiai no futuro!

26. Minha mãe

Não é para você, querida leitora, que hoje escrevo. É para mim mesma, para dar expansão ao meu sentimento filial e recordar aquela a quem devo o que sou, que muito sofreu por mim, sua filha única, e que partiu deste mundo sem conhecer todas as suas netas.

No segundo domingo do mês de maio comemorou-se o "Dia das Mães" e este ano, nesse dia, lembrei-me muito da minha. Sua imagem me vinha aos olhos, sua lembrança se fixava no meu espírito. E, mais que tudo isso, uma grande saudade me dominou – a de minha Mãe. Lembrei-me da sua bondade, sempre pronta a fazer o bem, a desculpar os erros e a esquecer as ingratidões humanas. Todos que a conheceram e com ela conviveram me dizem ainda hoje: "Tua Mãe era bondosa. Não havia ninguém que não gostasse dela".

Mas, se me orgulho do Pai que tive, da sua inteligência e do seu valor, não me orgulho menos da Mãe culta que possuí, dos seus dons artísticos e – por que não? – da sua beleza física, também. O seu sorriso irradiava simpatia. Como sabia ferir as teclas de um piano e arrancar delas a sonoridade que sua alma sensível sentia! Guardo ainda os álbuns de suas

músicas, algumas das quais fiz questão de tocar, não com o seu brilho nem com sua arte, mas como recordação dela, que chegou a ouvi-las com visível prazer.

Era uma artista em flores artificiais, feitas em papel de arroz ou em *nansuk* à mão. Que lindo ramo de rosas fez para enfeitar o meu quarto no dia do meu casamento! Pareciam naturais!

Era uma verdadeira mestra da língua portuguesa. Diante dela ninguém empregava mal um pronome nem falava termos de gíria. As cartas que eu lhe escrevia do Colégio eram severamente corrigidas por ela nos meus erros de português. Fazia questão da minha cultura, e tanto ela como meu Pai, não pouparam esforços para me instruir, estimulando-me sempre.

Quando me corrigia ou aconselhava costumava franzir as sobrancelhas, mas logo o seu sorriso bonito e simpático afluía à sua boca quando eu respondia com gaiatices, pois, menina alegre que era, levava tudo na brincadeira. E por isso, muitas vezes me mandava embora e dizendo: "Vai brincar, vai palhaço!"

Moça já, quando ia ao teatro, meu prazer ao chegar em casa era representar e falar imitando a voz do artista que mais me impressionava, e ela com isso se divertia, mesmo, porém, não acontecia quando eu imitava os cacoetes dos outros. Aí, ela me repreendia severamente.

Fazia questão que eu fosse uma mulher perfeita, mas creio que isso não consegui, pois, embora digam que sou muito parecida com ela, até no gênio, creio que me falta muito para chegar ao que ela idealizava e muito mais ao que ela foi.

Minha Mãe era boa, resignada, paciente. Eu não. Sou explosiva, e enquanto não desabafo não sossego, mas creio que nisso saí também a meu Pai. Que tenha um pouco de ambos, já é um consolo para mim. Numa coisa, porém, tenho certeza que sou igual a ela: ajudou a meu marido, tanto quanto ela foi amiga e ajudou a meu Pai.

Recordando essa Mãe, para mim admirável, contrariando a sua natural modéstia, pois não gostava de elogios, o que aliás também não gosto, termino dizendo que os que têm hoje uma Mãe a seu lado, têm tudo. Ela é o único amor desinteressado, a ajuda que não falta nunca, a presença que sempre nos acompanha, ainda que ausente para sempre.

27. Abnegação e sofrimento

Há uma figura de mulher por quem sempre tive admiração. Aliás, admiração e pena, pois tenho grande dó de todas as esposas de Presidentes da República, porque sobre elas recai grande dose das responsabilidades do marido. Devem levar uma vida de desassossego e intranquilidade, mormente quando possuem sentimento e não vêm no cargo do marido um meio de satisfazer a sua vaidade e de viver luxuosamente, num ambiente de representação e destaque, como tem acontecido com outras, que viajam à Europa para contrabandear à vontade, acobertadas pela posição do marido. Mas, mesmo estas me fazem pena, pois quando esses homens deixam o poder e são obrigados a abandonar o País, que não souberam governar, sofrem a ventura, segundo dizem, de haverem sido as primeiras damas do País. Mas, a que eu hoje focalizo, é uma mulher realmente vítima da condição de esposa de Presidente da República. D. Darci Vargas sofreu muitíssimo durante todo o longo Governo de seu marido, que foram quinze anos de pesadelo e amargura.

A perda do filho querido, que a fez ficar indiferente à vida, é uma prova do seu grande sofrimento. Depois que seu filho morreu, até hoje, nunca mais afluía a seus lábios aquele bonito sorriso que iluminava o seu rosto nos primeiros anos de Governo de seu marido.

Com que compaixão a vi, quando da volta de Getúlio ao poder, em 1951, apresentar-se em público entregue à sua grande dor de Mãe amantíssima. Tinha-se a impressão de que ela caminhava empurrada, amparada, por sua inteligente filha, que se servia do retorno do pai ao Governo para dar largas à sua vaidade e a de seu ilustre marido.

Recentemente, vimos uma fotografia da Sra. Darci Vargas, com o seu rosto envelhecido a escutar talvez algum discurso, pois abaixo lia-se: "No afã de vender sempre mais para que seja melhor o Natal do pequeno jornalista, D. Darci Vargas chegou a esquecer seu próprio aniversário".

Creio bem que essa foto tenha sido mesmo um instantâneo, pois a sua fisionomia é de indiferença e surpresa, embora talvez a tenham publicado por simples demagogia. O que é certo, porém, é que ela realiza realmente uma obra social de grande utilidade e que tudo faz para a felicidade dos seus pequenos jornalistas.

Há tempos, aproximei-me de uma banca de jornais, onde se encontrava um pequeno jornalista de onze anos, segundo me disse ele, e perguntei-lhe se gostava da D. Darci e ele me respondeu prontamente, com visível entusiasmo:

— Nós a adoramos! Mas, curiosa, voltei a perguntar:

— Vocês a vêem sempre? E ele:

— Todos os dias, minha senhora, ela está sempre conosco, é muita boa para nós.

Fiquei realmente emocionada, pois embora soubesse da sua dedicação à obra do Pequeno Jornaleiro tive a confirmação de quanto ela é boa e dedicada a esses pequenos a quem, naturalmente, dedica todo o afeto e amor que tinha pelo filho perdido e procura esquecer lá, entre os seus pequenos e inocentes protegidos, toda a infâmia, maldade e mentira que constatou no convívio dos entusiasmados e interesseiros amigos do seu ilustre marido, que o levaram ao desespero do suicídio.

A D. Darci Vargas, pois, toda a minha desinteressada e sincera admiração de mulher.

28. Carta a uma amiga

Ainda tenho em meus ouvidos as tuas palavras: "É duro minha amiga, é muito duro..." Quando larguei o telefone tive vontade de chorar porque senti como estas palavras revelaram a grande mágoa que trazias no teu íntimo, a tua grande dor, misto de decepção e desilusão que só uma mãe igual a ti sabe avaliar e sentir. Os filhos são pedaços de nós mesmas e pelo grande amor que lhe temos, tememos sempre a sua infelicidade, principalmente quando foram bons filhos e constituíam o nosso orgulho, esperançosas sempre no seu futuro brilhante.

Eu, sentimentalmente, divido os sentimentos afetivos em três partes: gostar, querer e amar.

Gosta-se de alguém ou de alguma coisa; simpatiza-se, admira-se o que é belo, o que é artístico. Gosta-se de estar em qualquer lugar que nos agrade, de conversar, visitar ou conviver com alguma simpática criatura. Gosta-se do que agrada a vista. Isso tudo é gostar. Mas esse gostar não tem profundidades, nem raízes, é variável de forma e de ocasião.

Já o querer é um sentimento mais profundo, enraíza-se mais, tem volume, é nobre. Quer-se bem a uma amiga muito querida como tu; esse querer bem faz com que desejemos tudo o que há de bom para o ente querido, e faz também com que sofram com os seus sofrimentos, tomemos parte na sua dor, tenhamos a mesma mágoa e façamos tudo para ajudar a uma amiga e também congratularmo-nos com ela pelos seus êxitos e suas vitórias.

Esse sentimento é o que se dedica às pessoas amigas, aos parentes queridos, a quem nos apegamos na vida. E quanto mais forte é esse querer, maior é a mágoa quando os vemos sofrer ou os perdemos.

Mas amor, esse é o sentimento mais forte, mais belo, que causa um misto de alegria e dor, de compreensão ou desilusão. E amar, minha amiga, amar mesmo com toda a pujança desse nobre sentimento, só uma mãe. Nem mesmo um filho ou filha ama a sua mãe, como ela a eles. A mulher mãe ama sem reservas o seu filho desde que nasce. E conforme ele cresce, cresce com ele, dentro do seu peito e o amor que lhe vota. Não sei como as mães afetivas, e conheço algumas, não arrebatam o coração de emoção, de tanto que amam seus filhos. Ela ama, quando bons, amigos afetuosos e os ama também quando mau filho, quando desviado e infeliz. E ali até parece que mais o ama, sofrendo barbaramente, porque a mãe extremosa que vê um filho infeliz, nunca mais tem consolo na vida, embora se resigne.

Emprega-se a palavra amor muitas vezes indevidamente, talvez a confundindo com o querer bem. No meu modo de ver, a mulher ama o filho e quer bem, muito bem, ao marido. Ela pelo filho dará a sua vida, estou certa. O filho é um pedaço de si mesma, saiu de suas entranhas. Quantas vezes já ouvi dizer a uma mulher: Em primeiro lugar estão os meus filhos, depois o meu marido. E talvez o mesmo aconteça com o pai que também ama os seus filhos.

Mas amor, mesmo amor, é um sentimento tão nobre, tão fino, tão cheio de renúncia, de devotamento, que poucos homens o merecerão em toda a sua força e plenitude. E por isso talvez a mulher o deposite com toda a sua pujança no filho.

Em questão de sentimento, este também varia, de acordo com o temperamento das criaturas. Há criaturas frias, indiferentes, ocas, fúteis, levianas e egoístas que encaram tudo com displicência; estas naturalmente nem sabem querer bem e muito menos amar até o próprio filho, o que acho uma aberração da natureza, porque em todo mundo e em todas as camadas sociais o amor materno se destaca, mesmo entre algumas mulheres infelizes.

Nós, mulheres, devíamos ser mais compreendidas pelos maridos e pelos filhos, porque sofreremos muito e intimamente. Quantas vezes sorrimos com vontade de chorar! Quantas mágoas abafamos para não as deixar transparecer aos nossos entes queridos! Quantos sacrifícios não fazemos por eles!

Amar mesmo, com toda a força desse sentimento, que nada tem de físico e sim espiritual, só nós, minha amiga, e por isso, e por avaliar a tua grande mágoa aqui te envio a minha maneira de pensar de uma mulher e mãe que deseja que essa nuvem que te aflige e que te parece cinzenta, passe a ser cor-de-rosa, dando-te de novo alegria e paz.

29. A saudade

Possuímos em nossa língua uma palavra que não teve, até hoje, tradução em qualquer outro idioma. Sua significação traduz uma sensibilidade, tal delicadeza, que demonstra bem um sentimento puro, intenso, às vezes, doloroso, outras cheio de boas recordações.

Talvez por sermos um povo emotivo e sentimental, cultivamos emoções que traduzimos pela significativa palavra: saudade.

Os franceses traduzem-na por "*doux souvenir*" – doce recordação. E ela exprime realmente um misto de doce recordação de um ser ausente ou uma dolorosa mágoa pela partida deste mundo de um ente querido.

— Que saudade! Esta expressão parece sair do fundo do nosso ser e traduzir toda a

sinceridade do nosso sentimento!

Quem sente saudade, sofre a ausência dum ente querido, filho, pai, mãe, amigos. É um sentimento tão profundo e sincero que não se pode empregá-lo mentindo ou enganando.

A saudade traz-nos recordações da infância, dos bons momentos da nossa meninice, dos difíceis, dos gostosos anos de nossos estudos, das travessuras e irreverência aos professores e das suas punições, da alegre camaradagem dos colegas, enfim, lembrança que vivem gravadas no passado e ela, a saudade, nos aviva sempre.

Quando adultos, lembramo-nos, saudosos, das gracinhas dos nossos filhos, quando pequenos, do seu desabrochamento, crescimento, estudos, das suas traquinadas, das boas notas ou das suas dificuldades, da sua formatura, do seu primeiro baile, quando os vemos dançando a valsa com o pai ou a mãe, e por fim, do seu noivado e casamento. Tudo isso é motivo de saudades para nós.

E, recordando esses momentos, vem-nos à mente um fato dolorosíssimo passado há poucos dias, ferindo profundamente duas famílias, que não mereciam tão cruel sofrimento.

Para elas a palavra saudade estará eternamente em seus lábios e ela terá o seu real significado, pois jamais esquecerão os dois entes queridos que foram roubados à vida quando apenas a principiavam.

— Que dor não estarão sentindo esses pais que viram seus filhos crescer, estudar, formar e por fim se casarem, dando-lhes sempre alegria. E quando, depois de vencerem a primeira etapa de suas vidas, cheios de saúde e felicidade, ao encetar uma outra vida, a de casados, encontram, em plena viagem de núpcias, uma morte brutal e inesperada, asfixiados ambos por gás engarrafado!

A saudade desses pais deve ser enorme ao depararem, agora que eles desapareceram tão dolorosamente, com tudo o que tinham preparado para viver unidos e felizes, o seu apartamento cuidadosamente arrumado, os presentes de casamento, alguns ainda por abrir, à sua espera...

A dor desses desditosos pais não tem limites, e a sua saudade deve ser imensa.

Numa hora dessas chega-se a descrever da vida e a pensar por que dois jovens que tinham tudo para ser felizes: amor, compreensão, contentamento dos pais pela sua união, que iriam formar uma nova família, a exemplo sem dúvida, alguma, da de seus pais, encontram a morte abruptamente, sem poderem pedir socorro?

Conhecíamos esses jovens e conhecemos seus pais, e estamos certos de que não merecem essa dor imensa por que estão passando. Consolá-los não é possível, pois só o tempo diminuirá a sua dor, mas resta-lhes, com certeza, as gratas recordações desses bons filhos que a saudade, esse sentimento tão delicado, lhes trará sempre para confortá-los.

E é por isso que essa palavra não tem tradução, porque encerra toda a delicadeza e sentimentalismo de uma alma de eleição.

30. Mãe e sogra

Falarei da Mãe de um modo geral. De todas as Mães, pobres ou ricas, felizes ou desgraçadas, porém sempre mãe, seja qual for a sua situação na vida.

Todas se confundem ante a grandeza da maternidade e diante daqueles a quem deram a vida e ainda acharam pouco, pois muito mais dariam se pudessem ter o que dar.

Um só dia não basta, é pequeno demais para alegrar e confortar uma Mãe. Mas como escolheram um dia dedicado somente a ela, todos os filhos se unem para cumprimentar e acarinhar aquela que lhes deu o ser e que não merece os carinhos só num dia; mas em toda

vida.

Este ano parece que o dia das Mães se engalanou para louvá-as, pois amanheceu um dia lindo, cheio de sol, límpido, sem nuvens, como é a alma de todas as mães do mundo.

Disse alguém: "Ser Mãe é dar-se numa só palavra: Amor".

Li de Manoel Bandeira: "No fundo, bem no fundo. da ternura que um homem – certos homens – sentem por uma mulher, está a necessidade daquele consolo que ele encontrava no carinho de sua mãe".

São de Victor Hugo estas palavras: "O amor de mãe, pão maravilhoso que se reparte e multiplica, chega para todos os filhos; todos o partilham, e cada qual o tem inteiro".

Exaltando a nossa Mãe, porém, não devemos esquecer a "Outra Mãe", a nossa Sogra, que, parece-me, tem também o seu dia, mas não tão divulgado.

Apresentada ao mundo, através de caricaturas e piadas (nem sempre de bom gosto), a sogra passa, às vezes, por inimiga, aquela que é aguardada sempre como indesejável, transformando a vida dos casais num inferno. Mas não se trata disso, e nós bem o sabemos.

A sogra é, por vezes e não poucas, a grande amiga com a qual devemos repartir também nossa ternura, pois deve ser ela o traço de união entre dois gêneros de amor, origem e responsável também por nossa felicidade. Numa só frase: Ela é a "outra mãe".

Colhi de um jornal opiniões certas de noras, que são quase sempre as que entram mais em choque com as sogras, e as transcrevemos, por aceitá-las como certas:

"Acredito que, para a perfeita harmonia de sogra e nora, indispensável não é apenas ser jovem, mas ter o espírito jovem, capaz de acompanhar, com compreensão e tolerância, as gerações mais novas".

"Creio que o segredo da harmonia entre noras e sogras está em cada uma conhecer seus direitos e deveres e saber respeitá-los, conservando-se dentro de seus próprios limites. Além disso, o amor que ambas dedicam à mesma pessoa (filho e marido), deve uni-las com muita profundidade, onde ciúmes e frustrações não encontrem lugar".

"Como nora (e vizinha, pois moramos em um mesmo andar), conheço quais os pontos básicos da perfeita compreensão entre ambas: respeito mútuo pelas opiniões, tolerância, amor dirigido com lógica em direção de um mesmo alvo: ele. Da felicidade de um jovem casal depende muito que a sogra receba o novo membro da família, não como uma rival, mas como outra filha".

Como se comemorou, há poucos dias, o "dia das Mães", é justo que não se esqueçam daquelas que, por serem sogras, não deixam de ser mães e por vezes tão amantíssimas como as verdadeiras mães e que só precisam da compreensão e tolerância, de parte a parte, para, unidas, fazerem a felicidade do filho ou da filha que possuam.

Parabéns, pois, a umas e outras Mães do mundo.

31. Que o digam as misses Brasil...

Muita gente vê na mulher beleza, elegância, "it", etc., etc., etc. Mas, o que muita gente não vê na mulher, nem procura descobrir são os seus sentimentos, o espírito de sacrifício, sua tolerância, abnegação e amor.

Se há mulheres fúteis, vaidosas, são a minoria, porque há, muito mais, dedicadas, fiéis e até mártires.

Os sentimentos elevados de uma mulher não são muitas vezes revelados nem

externados: estão no seu íntimo, ela os conserva escondidos, e sofre calada.

Ah! Se fosse possível ver o que se passa bem no seu âmago, no fundo de sua alma, muitos homens, maridos mesmo, se envergonhariam ou arrependeriam de ser o que são para elas ou de pensar o que pensam delas.

A sensibilidade da mulher nem sempre é demonstrada só por lágrimas, está escondida no seu silêncio que, às vezes, um olhar triste e vago denuncia.

Sua abnegação é sem limites quando ela ama de fato, e mesmo quando errou na escolha do companheiro, ela procura temporizar e esconder a sua desilusão, mormente quando há filhos.

Conhecer mesmo uma mulher quando possuidora de sentimentos verdadeiramente femininos, muito pouca gente conhece.

Já avaliaram o sofrimento de uma mulher que na sua mocidade, com a inexperiência das jovens se deixa levar ou pela aparência ou por sugestão de pais interesseiros e pouco inteligentes e escolhe um homem que é o oposto daquilo que ela sonhava, de gênio e temperamento diferentes, mentalidade e instrução abaixo da sua, educação também inferior?! Já avaliaram o choque, a desilusão, o desencanto que sente essa jovem quando, no decorrer dos dias, ela observa e sente tudo isso? Embora cercada de todo conforto, bem-estar e até luxo, ela jamais se perdoará de haver escolhido tão mal.

E, no entanto, quantas não continuam pela vida afora, sofrendo, caladas, criando filhos e levando uma vida completamente diferente dá que no seu íntimo sonhavam!

Não é só em concursos de beleza que se deve admirar a mulher. Porque ali só se vê a plástica, a perfeição dos traços fisionômicos, o charme, a elegância no vestir e no andar. Os sentimentos dessas jovens que na sua inexperiência do que seja a vida, se apresentam em público com consentimento dos pais e até levadas e estimuladas por eles, simplesmente pela vaidade de expor uma filha, são sentimentos ainda confusos, mistos de vaidade, imitação, encantamento, de interesse, mas quando elas caem na realidade, e essa às vezes começa bem cedo com as vaias após a eleição, os seus sentimentos se modificam e quem sabe não se tornam amargos após o reinado de um ano! Que o digam as Misses Brasil que já passaram por isso! Raríssimas foram aquelas que até hoje não se decepcionaram com a sua eleição.

Os sentimentos da mulher são sempre finos e delicados, principalmente quando ela tem cultura, o que acontece com a maioria das moças de hoje que se preparam tanto para possuí-la.

Condeno os pais que consentem e levam suas filhas a desfilar numa passarela, porque vejo, em cada uma delas, uma filha e uma neta cujo coração ainda lateja de emoção e encantamento simplesmente momentâneos, porque o que as espera é decepção e mágoa.

Os olhares dos que as fitam não são puros nem de artistas, são cobiçosos e críticos, e é doloroso ver que se não trata de beleza nem de arte nesse desfile cuja escolha é muitas vezes mais política do que justiceira.

As vaias ao júri e os comentários sobre a injustiça da escolha isso provam.

Falo de cadeira porque assisto a esses desfiles e procuro observar tudo porque só assim se pode orientar e escrever sobre o assunto.

E para mim, tratando-se de política, então, fico irritada porque ela está tão desacreditada que é pena envolver jovens inocentes e puras, hoje, para desgraçá-las amanhã, servindo-se delas como instrumento político.

Pobre Brasil! Até para representar a beleza da mulher brasileira há chantagem!

32. Perfeições

Certa de que perfeições na Terra não existem, não toleramos criaturas místicas nem santas. Porque não se apercebem dos papéis ridículos que representam na vida, onde tudo deve ser feito com naturalidade e encarado humanamente.

Se temos defeitos, devemos reconhecê-los e corrigi-los, mas há quem não os reconheça e, portanto, não têm oportunidade de corrigi-los. E são esses justamente os que mais pedras arremessam aos seus semelhantes. Aqueles que têm cultura e inteligência, em geral, são simples e modestos; no seu íntimo não há lugar para a vaidade. Esta, se apossa, sempre daqueles que vivem uma vida ilusória, de ostentação e convencimento.

Na mulher, então, é muito apreciável a simplicidade e a naturalidade com que tudo fazem, desde o trajar, que só demonstra bom-gosto quando simples e de linhas sóbrias, até o pensar, falar e agir.

Gosto de conversar com uma mulher inteligente, que encara e vive a vida com a naturalidade que ela deve ser vivida, e dela tira o partido que deve tirar, sem se envaidecer nem se tornar mística, modelo de perfeição, quer em estética, quer em espírito.

Os assuntos femininos tratados com arte e naturalidade são sempre apreciados. Mas quando a futilidade impera ou a santidade mística o domina, tornam-se bem desagradáveis.

A vida é a mesma para todas as mulheres: lida de casa, filhos pequenos, compras, toaletes, visitas, estudos dos filhos maiores, empregadas, enfim, pequenas coisas que se tornam, no fim do dia, grandes e que são comuns a todas as mulheres.

Atendendo a tudo isso estão elas vivendo o seu mundo, aquele que escolheram e dentro do qual devem se sentir muito bem. Se puderem atender a tudo satisfatoriamente, podem se considerar mulheres perfeitas, mas nem sempre isso acontece, pois uma imperfeição aparece, algum esquecimento surge, uma ou outra falha é notada.

Logo, perfeição mesmo, não existe. Na maneira de pensar, então, há uma diversidade imensa. Cada uma pensa de maneira diferente e age também diferentemente. As que procedem bem e têm consciência disso devem se sentir realizadas. As que agem mal estão sempre intranquias e temerosas.

A correção moral deve ser a preocupação de todas as mulheres e dentro dela todas devem viver.

Mas, julgarem-se privilegiadas e viver uma vida mística, julgando-se uns modelos de perfeição, é uma pretensão que prejudica e perturba o espírito, tornando-o até avassalado.

Admiro as criaturas francas, leais e sinceras. Com elas gosto de tratar. Mas fujo das hipócritas, vaidosas e falsas, porque não sabemos nunca quando estão falando a verdade.

Sejamos, pois, sinceras, naturais, femininas, sem excentricidades, artistas no viver e no trajar, mas nunca comediantes e ridículas.

33. Cartas

Vai se perdendo, pouco a pouco, o costume de escrever cartas, porque a atual geração, demasiado comodista, prefere comunicar-se mais rapidamente pelo telefone ou telégrafo do que ter o trabalho de escrever.

Nem sempre as cartas são mensageiras de alegria, e até se convertem, às vezes, em armas que ferem a quem são elas dirigidas, mas que se voltam, mais tarde, golpeando quem as enviou.

É bem verdade que a frase "Já não está em moda escrever cartas" que circula entre a

mocidade de hoje, impede a mais de uma jovem, ingênua ou leviana, de encher páginas e páginas com expressões apaixonadas, endereçadas a rapazes pouco escrupulosos que as exibem a seus amigos como prova de venturosos Don Juans...

Não podemos, porém, deixar de reconhecer que, se escrever cartas é um dos desportos que mais perigos oferece, por suas conseqüências, o recebê-las não deixa de ser um prazer que nunca se sacia. A presença do carteiro à nossa porta nos proporciona uma emoção sempre renovada, porque cada envelope encerra um mistério que nos enche de curiosidade, embora ao abri-lo deparemos com uma ... conta!

As cartas são o vínculo que mantém unidos os componentes de uma família, quando os filhos se afastam do lar e os irmãos se dispersam pela face da Terra. Por maior que seja a distância que os separa, continuam unidos em pensamentos e vão então chegando as cartas que falam do nenê de Maria, nascido na França, ou do filho do Roberto, que estuda na Inglaterra, etc.

Tampouco se perde uma amizade quando os amigos sabem dar valor a um simples envelope fechado, portador de palavras amigas e sinceras de quem está longe.

Cartas de amor ... Como dão vida ao nosso espírito! Cartas de amizade ... Quantos laços estabelecem! Cartas comerciais ... Como jogam com as fortunas! Cartas de condolências ... Como se assemelham a um bálsamo sobre uma ferida aberta! Cartas escritas em um momento de cólera ... Como ferem e quantas inimizades criam! Assim, cada carta desempenha uma missão boa ou má, mas há duas espécies de cartas, às quais ninguém presta atenção e que seriam a resposta a muitos de nossos problemas.

Uma, é a carta anônima. Não, certamente, o ataque vil do covarde que fere pelas costas, oculto por trás da máscara do anonimato, mas a carta escrita por alguém que nos estimula e que deseja ajudar-nos a corrigir algum erro grave, que somos os últimos a reconhecer. Se tal criatura a assinasse, como nos sentiríamos ofendidos!... Ignorando quem a escreveu, podemos julgar da censura e despertar, remediando algum grande mal.

A outra espécie de carta que deveria ser usada, é a de que se serviriam os cônjuges, pais e filhos para expor fatos ou ações melindrosas, que pudessem molestá-los e que, pensamos, daria resultado mais satisfatório do que a troca de palavras, nunca limitadas ao tema inicial. De uma frase se passa à outra mais ferina, mais amarga, e termina-se por esquecer amizades e dedicações na voragem das palavras insensatas, despertadas por uma frase indiscreta pronunciada em momento de exaltação.

O que se evitaria se o assunto fosse exposto em uma carta cortês, na qual se consideraria o caso com serenidade, desapassionadamente, e tudo se esclareceria, sem termos de lamentar, mais tarde, sentimentos feridos.

Há cartas, pois, que nos encham de alegria, cartas que consolam, cartas que aconselham, mas também as há que ferem e destroem uma grande amizade.

Saber escrevê-las é uma arte que todos deveriam cultivar.

34. Favoritismo prejudicial

Uma das falhas mais comuns e, – por que não dizê-lo? – bem grave na criação dos filhos é o favoritismo por um deles demonstrado pelos pais, – ou porque é mais inteligente e esperto, ou porque é enfermo, – em prejuízo dos demais irmãos.

Não há dúvida de que requer cuidados e atenções especiais um filho doente, mas, por isso mesmo, não se deve descurar de sua formação moral e educação, ministrando-a com brandura e não satisfazendo todas as suas vontades, às vezes, até em prejuízo de sua própria

saúde, concorrendo para que adquira o complexo de eterno enfermo.

Crianças que só recebem carícias têm suas vontadinhas sempre satisfeitas, gozam de vantagens e privilégios em detrimento de outras, que são, enfim, mimadas em excesso pelos pais, tornando-se presunçosas e antipáticas, transformando-se em pequenos déspotas nos lares.

Estou daqui a ver pais que, ao lerem estas linhas, asseverarão que amam igualmente a todos os filhos, aos quais dispensam idêntico tratamento e afeição.

E assim deveria ser.

Mas, a verdade é que sabemos de filhos que, alvos de carinhos e atenções em demasia, mais tarde, além de não serem reconhecidos aos pais, ainda lhes causam desilusões e desgostos devido às falhas de educação.

Se considerarmos a imperfeição humana, chegaremos à conclusão de que a parcialidade e o favoritismo dispensados a determinado filho, causar-lhe-ão complexos e prejuízos morais, atraindo ainda inimizades e desinteligências, no lar e fora dele, que muito o prejudicarão.

Não é menos prejudicial o hábito de certas mães ressaltarem a graça, a formosura ou o talento de seus filhos em suas próprias presenças, mostrando-se, em termos elogiosos, orgulhosos deles.

Não serão esses os filhos capazes de se sacrificarem, quando adultos, pelos pais, provando seu amor, filial, numa preocupação de vê-los felizes a evitar-lhes desgostos e trabalhos.

Ao contrário, tornam-se egoístas e pretensiosas, que só pensam na satisfação de seus gozos e caprichos, fechando os olhos às necessidades da família, pois tudo quanto venham a possuir!, produto do trabalho e esforço dos pais, é pouco para a satisfação de suas vaidades e luxos.

A verdade, porém, é que a tal ponto chega, às vezes, o favoritismo de pais insensatos por um determinado filho, que perdem a noção de justiça e dos prejuízos morais que lhe estão acarretando.

Mas, aqueles que assim procedem tentam justificar-se perante eles próprios argumentando que os prejudicados por esse favoritismo nem se apercebem do trato diferente que recebem. Equivocam-se, pois não há olhar mais penetrante que o de uma criança, nem perspicácia mais aguda para perceber tal injustiça. As crianças sabem interpretar as mais sutis inflexões da voz materna ou paterna e percebem quando elas vibram de ternura ou de censura.

E ninguém mais do que uma criança pode sentir a injustiça e magoar-se com ela. Desde cedo, o menino, que nasceu com espírito forte e boa índole aceita, resignado, a idéia de seus pais não lhe quererem como aos outros irmãos, mas esse reconhecimento amargará a sua infância e lhe deixará uma recordação penosa para toda a vida. Tratando-se de um espírito sensível, as conseqüências são danosas.

Mãe de quatro filhas, como me sentiria entristecida se me acusassem de querer mais a uma filha do que a outra, quando reconheço ser prejudicial o favoritismo dos pais por um filho.

35. Da felicidade conjugal (Uma palavrinha às recém-casadas)

Todos conhecemos esta frase, síntese da prudência: "Trata teus amigos como se algum

dia se convertessem em inimigos".

Parodiando o conselho, diria às casadas, em geral, e às recém-casadas, em particular: Trata teu marido como se estivesses em perigo de perdê-lo.

Se assim fizessem as mulheres, evitar-se-iam muitas preocupações e sofrimentos, deixando automaticamente de pertencerem ao número das desiludidas e desesperadas, que buscam o companheiro que perderam, em alguma parte num estreito campo matrimonial.

Não conhecemos a fórmula mágica capaz de fazer voltar à vida o amor que morreu: não sabemos de meio algum que faça surgir novamente as chamas de um montão de cinzas frias. Como reconquistar, pois, o esposo a atraí-lo ao seu amor?

É demasiado tarde para procurar reforçar as portas de sua casa, depois de nela terem penetrado os ladrões. Em outras palavras: se podiam ter conservado a admiração e o amor de seus maridos, por que se descuidaram e lhes faltaram com a dedicação inteligente e a tolerância natural?

Pensando nisso, e desejando a felicidade de minhas filhas, é que digo hoje àquelas que têm a seu lado um marido apaixonado, que não se sintam nunca bastante seguras do amor do homem a quem se uniram, e não se enganem com a ilusão de que esse amor lhes será fiel, ainda que dele se descuidem. Não se deixem levar pelo convencimento de que serão sempre as companheiras ideais do homem que as elegeu, seu sonho feito realidade e que ele as verá sempre, através dos anos, como agora, envoltas na roupagem doirada dos romances. Não imaginem que pelo fato de estarem casadas, não tenham de se esforçar para conservar o marido e defender sua felicidade. O homem é um enigma!... É certo que se casa, quase sempre, apaixonado, mas esse encantamento não dura sempre, modifica-se e, à medida que os anos passam, transforma-se em serena e sã amizade, que será, então duradoura e que constituirá o verdadeiro amor, se a mulher a ele souber fazer jus. E para que se não desiluda é preciso que saiba, com inteligência, conservar esse amor indefinidamente.

Não fiquem, pois, de braços cruzados, esperando ser sempre cortejadas, sem nada fazerem por conservar o amor do homem que escolheram, porque ele não lhes pagará tal indiferença com fidelidade, amor e consideração.

Manter o marido enamorado, feliz de haver-se casado, continuar sendo para ele a única, o ideal, significa para a mulher uma tarefa constante e árdua, e que, não obstante, pode e deve ser realizada.

Cabe, pois, à mulher adotar precauções para evitar que desapareça esse amor sincero e sereno e que a paixão se converta em indiferença. Mostre-se a mulher casada tão encantadora aos olhos do esposo, que ele não sinta jamais o desejo dela se afastar. Seja a companheira compreensiva de que ele tanto necessita; aprenda a falar-lhe, como ele deseja, a escutá-lo, como ele espera e a interessar-se pelos seus assuntos como ele se interessa.

Faça com que haja no lar, para esse despotazinho do nosso afeto, um recanto acolhedor, oferecendo-lhe comodidade e um ambiente tranqüilo e agradável. Não fique à espera de elogios, mas seja sempre para ele a enamorada e amiga que o compreende. Não o relegue ao segundo lugar, com relação aos filhos. Ame-os muito, mas não descure de seu marido.

Em uma palavra: cuide do homem que escolheu para seu companheiro, como o tratou quando noivo, durante o noivado.

Recordem-se todas as mulheres de que, por mais leviano que seja um homem, não terá coragem de se afastar do seu lar, quando a mulher mantém uma atitude de verdadeira esposa, leal e dedicada, agindo sempre com a inteligência, que lhe deve ser peculiar e que a faz sabedora das perigosas tentações e da acintosa concorrência que existe fora do lar, mas

que, sem ciúmes (que reputo ridículos) com perspicácia e compreensão, procure fazer-se valorizar e tornar a sua vida conjugal feliz, gozando de uma paz e harmonia eternas.

A preocupação de toda a mãe quando casa uma filha, é de que ela seja feliz, que tenha encontrado um companheiro ideal para a vida toda e, em pensamentos, faz os votos mais ardentes para que eles se compreendam e estimem sempre.

Se todas as filhas soubessem o que sofre uma mãe e a preocupação que se apodera do seu espírito ao ver casar uma filha, os seus anseios e os seus temores, tudo fariam para que ela sentisse, pela vida afora, a grande alegria de vê-las felizes, pondo em prática os seus conselhos repassados de sinceridade, carinho e experiência.

Mesmo porque os pais só são verdadeiramente venturosos, quando sentem os seus filhos felizes.

36. Uma tarde em Las Palmas

Dia 31, quarta-feira.

Chegaremos às 14,30 de hoje em Las Palmas. Apesar de avistada de longe, a ilha se nos apresenta algo agressiva, bastante montanhosa. Como o "Andes" demora seis horas, para abastecer-se de combustível, pretendemos visitá-la.

Estamos mesmo curiosos em conhecê-la, pois quem passou sete dias sem ver terra, quando encontra um pedacinho que seja dela, sente prazer em palmilhá-la.

O dia está luminoso, de céu azul, com grandes nuvens brancas, que vogam pelo infinito, tocadas pelo vento. O olhar, acostumado ao azul-turquesa do mar alto, extasia-se, agora, no verde-claro, translúcido, das águas que cercam a ilha e que se desatam em espumas quando fendidas pela quilha do navio que se aproxima. Crescem os contornos da montanha a começam-se a divisar o cais onde atracaremos dentro em breve.

Desembarcamos no molhe, estreito e comprido, que avança mar a dentro e nos leva a ilha de ruas estreitas mas bem calçadas e limpas.

O povo, de tipo espanholado, é forte, bem nutrido e as moças são bonitas. Como falam castelhano, experimentamos ser compreendidas em português. Não entenderam patavina. Deram-nos mesmo a impressão de não fazerem questão de entender-nos, obrigando-nos, assim, a falar a sua própria língua, que tanta semelhança tem com a nossa. Confirmaram, assim, nossa observação anterior sobre o desinteresse de nossos companheiros de viagem pela bela língua portuguesa.

De automóvel, percorremos a ilha de uma ponta a outra, e vimos pitorescas vivendas, bem construídas e algumas ricas mesmo, circundadas por lindos jardins.

Sendo apenas um ponto de parada de horas para os transatlânticos, possui a ilha dois luxuosos hotéis, sendo um deles otimamente situado, com moderna piscina e bem tratado jardim.

O calor que sentíamos na parte baixa da cidade – que nos fez recordar o nosso velho conhecido verão carioca – vai se atenuando à proporção que o auto sobe, rumo aos pontos mais altos e pitorescos dessa região.

Contaram-nos, então, ter a ilha um grande inconveniente: o único riacho que ela possuía secou, obrigando a construção de reservatórios, que se encontram de quando em quando, nos quais é aparada e conservada a água das chuvas, que usam na rega das plantações e no asseio da cidade.

Passamos por extensas plantações de bananas e avistamos, em colinas de não fácil acesso, vinhedos e tomateiros em profusão, desatando-se em cachos dos saborosos frutos,

como se não sentissem a falta d'água, pois, às vezes, passam-se meses sem chover nestas paragens.

Chegamos, enfim, ao cimo da ilha, denominado *Caldeira de Bandama*, cerca de 560 metros acima do nível do mar, e donde se descortina vasto horizonte.

Do alto, a ilha se nos afigura, novamente, pedregosa e altiva. Considerada de origem vulcânica, avistamos a cratera do velho vulcão extinto, que, de tão velho, nosso cicerone não nos soube informar seu nome.

Agora, a brisa fresca do mar alto, traz até nós os aromas da vegetação que ladeia os caminhos por onde passamos e esconde as aprazíveis vivendas.

Mas, uma surpresa nos estava reservada na volta do interessante passeio, quando saltamos à porta dum bar, que nos informaram servir café à moda brasileira.

Sentamo-nos e, pedida a aromática bebida, vimos aproximar-se o garçom trazendo, em elegante bandeja, a cafeteira, vários copos de cristal, sem pé, e uma única xícara, dessas pequenas por nós chamadas para cafezinho.

O garçom, cerimoniosamente, depôs a bandeja sobre a mesa, tomou a cafeteira e dela entornou o café na xícara, virando-a depois num dos copos e, assim, sucessivamente, serviu-nos a todos, colocando os copos defronte de nós, cada qual contendo a medida exata de uma pequena xícara de café!

Piscamos um olho só para nossas filhas e também, cerimoniosamente, sorvemos o delicioso néctar brasileiro que; diga-se de passagem, não estava de todo mau.

Mas achamos divertidíssimo, verdade seja dita, esse modo aristocrático de nos servirem café em copos!...

Em breve, o automóvel voltava a percorrer as ruas centrais da pequena cidade, agora bem mais movimentada com a aproximação da noite, e ainda adquirimos lembranças no comércio local, inclusive as conhecidas bonecas que andam e enchem as vitrinas das lojas e são uma das lembranças características de Las Palmas.

Às vinte horas, qual palácio flutuante, profusamente iluminado, o "Andes" mergulhou na escuridão da noite, sem lua, rumo a Lisboa.

* * *

Transcrito de A RAZÃO, com esta Nota: Da Europa chegou-nos a notícia auspiciosa, sem dúvida, para nossos leitores, de que a nossa apreciada colaboradora, Sra. Maria Cottas, estava escrevendo um livro de impressões de viagem. Um pedido por telegrama e, em resposta, recebemos a deliciosa página que acabamos de ler, misto de observação e poder descritivo, de quem herdou de seu Pai a maneira fascinante de ver, sentir e contar as coisas.

37. O valor do tempo

Escrevera, já, certo filósofo que "há uma época para todas as coisas e um momento favorável a todos os propósitos na face da Terra. Um momento propício para nascer e um momento propício para morrer; um momento propício para chorar, e um momento propício para rir; um momento propício para lutar, e um momento propício para divertir-se; um momento propício para ganhar, e um momento propício para guardar, e um momento propício para gastar; um momento propício para calar, e um momento propício para falar; um momento propício para amar, e um momento propício para aborrecer".

Quem meditar nesses conceitos cheios de sabedoria, não pode deixar de admitir que

encerram eles profundo conhecimento da vida e de reconhecer que o bem-estar material e espiritual das criaturas não depende de outra coisa senão da capacidade de aproveitar o momento oportuno para adaptar-se ao tempo e às circunstâncias.

Não importa tanto o que fazemos e como o fazemos, senão quando o fazemos; disso depende que sejamos felizes ou desditados, que triunfemos ou fracassemos.

Já ensina a sabedoria popular que aqueles que conquistam fama e fortuna são os que não dormem, os que aproveitam a oportunidade quando esta se apresenta.

No entanto, há homens trabalhadores, dotados de inteligência e até de certa personalidade e que, por essas razões, deveriam contar-se entre o número dos triunfadores, mas que não podem conservar um bom emprego e, às vezes, nem sequer ganhar o suficiente para sustentar a prole com decência. O motivo desse fracasso, a única razão da sua pouca chance é que se entretêm durante a caminhada da vida, em vez de seguir em frente, com denodo e decisão, em busca da meta almejada. Jamais fazem algo a tempo, nem concluem um trabalho começado.

Conhecemos, também, esposas e mães a quem o trabalho doméstico altera os nervos pela simples razão de que nunca fazem as coisas a tempo. São aquelas que nunca fazem as coisas a tempo. São aquelas que nunca aprenderam o valor da oportunidade e, em conseqüência, se esgotam no esforço cotidiano realizado sem a sujeição proveitosa a um horário, quando, impondo-se por vontade própria a tal norma de vida, lhes sobriam momentos para descansar e recrear o espírito.

No mundo social, como no dos negócios, a pontualidade é o segredo da popularidade. Nenhum convidado é tão bem recebido como aquele que chega à hora exata para a qual foi lembrado; nenhum é tão temido, como quem tem o hábito de demorar-se e obriga a que se o espere até que os convidados se ... desesperem.

Sobre todas as coisas o fator tempo exerce importância apreciável no círculo familiar; bem utilizado, contribui ele para que sejam evitados ligeiros desentendimentos e contrariedades que perturbam a paz nos lares e, às vezes, até a felicidade conjugal. "Há um momento propício para calar, e um momento propício para falar", e não há nada que os cônjuges não possam dizer sem temor de iniciar uma discussão, se antes procuram escolher o momento psicológico para fazê-lo.

Se, por exemplo, a esposa procurasse sondar o marido quando ele regressa, à noite, a fim de certificar-se se está de bom ou mau humor, antes de falar-lhe sobre determinado assunto, evitar-se-iam muitas contrariedades. Porque há um momento adequado para participar as más notícias, e outro em que não convém mencionar fatos desagradáveis a quem regressa à casa fatigado, depois de um dia de trabalho intenso. E assim, também o homem pode perceber qual o momento propício para comunicar à esposa um acontecimento penoso ou até mesmo que não lhe pode dar no momento o dinheiro para isso ou aquilo.

São tantas as vantagens para quem pensa e faz as coisas a tempo, que é lamentável que não concedamos mais importância a esse grande fator "o tempo" e à oportunidade.

38. Uma sábia mulher

"Numa peça minúscula situada entre laboratórios com aparelhos de dar pesadelo, uma mulher pequena, de quarenta anos, sonda os mistérios mais emocionantes da criação do mundo e do futuro. Os sábios de todos os países elogiaram seus trabalhos que a nivelaram a uma Marie Curie."

Talvez a leitora nunca tenha ouvido falar na Sra. Wou, uma jovem chinesa que, depois de ter lido a vida de Marie Curie, tornou-se uma grande física.

Ela é célebre e ao mesmo tempo desconhecida.

Talvez tenhamos o futuro do mundo em suas mãos e ignoramos até o seu nome, mas, por certo, muitos sábios a conhecem e admiram, pois as revistas especializadas consagram numerosas páginas aos seus trabalhos que podem convulsionar, de um momento para outro, o mundo de hoje. Comparam-na à Marie Curie e Albert Einstein.

Chama-se Tchien Chioung Wou, é uma mulher como qualquer outra e nada a distingue de milhares de outras chinesas que vivem nos Estados Unidos.

Renomada professora de física nuclear da Universidade de Colúmbia, tem pouquíssimos alunos, pois, os seus estudos são tão elevados e misteriosos que seria uma temeridade torná-los acessíveis a quaisquer pessoas. Mas, se as revistas americanas tratam de seus trabalhos com profunda seriedade, nada escrevem sobre a sua vida íntima, que ela encobre com cuidado ... para protegê-la.

Sua fisionomia exótica de oriental está sempre iluminada por um belo sorriso de evidente felicidade, que constitui o seu único ornamento, na pureza de seus traços simples. Ela é simples e puramente feminina. Terminadas as aulas, reencontra em casa sua vida de mulher, de esposa e de mãe, como qualquer outra. Longe dos aparelhos complicados de que faz uso, todos os dias, ela vive a outra vida, a sua vida própria de mulher.

A decoração de sua casa é à moda oriental, e os peixes admiram, através dos vidros dos aquários, a beleza de seus móveis exóticos.

À noite, quando volta ao lar, ela gosta de repousar apreciando as raras estampas chinesas que o circundam.

No espaço de um só dia ela passa dos hábitos americanos aos orientais. Almoça um sanduíche e um copo de leite gelado, no seu laboratório da universidade, e maneja, com gesto delicado e preciso, na hora do jantar, os seus bastões de marfim. Esta vida dupla ela já a vive há bastante tempo. Na grande casa de Liou-hou, perto de Xangai, onde ela nasceu, o Ocidente e o Oriente se misturam. Foi educada com seus irmãos no respeito aos costumes tradicionais chineses, mas Tchien Chioung logo aprendeu a conhecer e a compreender os costumes modernos.

Seu pai, professor de uma aldeia do Rio Azul, sempre foi uma personalidade marcante na região e chegou a escandalizar a família e os vizinhos, quando ofereceu à filha mais nova, no dia do seu sexto aniversário, uma bicicleta, a primeira que circundou em Liou-hou.

Enquanto os anciãos diziam que a criança iria se matar, o Sr. Wau retrucava: — Se a minha filha não sabe vencer as dificuldades enquanto é jovem, quando o saberá?

Chegou o dia, porém, em que foi preciso deixar de brincar. Tchien Chioung, numa fria manhã, munida de uma pequena mala, tomou um navio, acompanhada de toda a família. Seu pai tinha decidido: — Já é tempo de Tchien Chioung iniciar seus estudos, e ela irá para Sou-Tcheou.

A chinesinha não ficou contente, pediu, suplicou e até no dia de sua partida, em seu pequeno leito, fingiu que não acordava, estava doente, mas tudo em vão, pois teve que embarcar mesmo, e para longe, isso aos dez anos de idade. Apenas uma coisa fazia com que ela não chorasse: o desejo de ser advogada, cujo motivo ela confessa agora: Queria sempre dizer a última palavra.

Depois do ginásio de Sou-Tcheou, foi para a Universidade de Nanquim. Por acaso, um livro veio parar às suas mãos: uma biografia de Marie Curie. Deu-se, então, o grande choque que definiu a sua carreira: ela seria física!

Não encontrando dificuldades em convencer os pais, foi estudar nos Estados Unidos, na Universidade de Berkeley, na Califórnia, em 1936, onde se entregou com ardor aos estudos que lhe serviram de consolo à sensação de nostalgia de seu país.

Suas colegas de quarto na "International House", na cidade universitária, embora não tivessem grande entusiasmo pela cozinha americana, preocupavam-se com o zelo científico da futura Sra. Wou, que se esquecia até das refeições, e uma delas, uma estudante húngara, colocava sempre uma garrafa de leite sobre a mesa de Tchien Chioung e dizia: — "Tome isto, já que não quer comer; pelo menos o leite impedirá que você morra de fome".

Saindo da Universidade de Berkeley ela continuou como adida por mais dois anos no laboratório de pesquisas da universidade, onde pôs em prática os ensinamentos de seu professor Ernest Lawrence e seguiu as pegadas dos sábios da universidade, cujos nomes se tornaram célebres, alguns anos mais tarde, como Oppenheimer e Niels Bohr, autores das maiores descobertas nucleares modernas.

Um pouco depois de os Estados Unidos entrarem na guerra, Tchien Chioung foi ensinar física às alunas do "Smith College" e depois aos estudantes da Universidade de Princeton. Neste célebre estabelecimento, encontrava-se um homem bastante velho, de cabelos esvoaçantes e sorriso terno, que tocava violino nas horas vagas, mas que o mundo considerou o maior sábio dos nossos tempos: Albert Einstein. Escusado será dizer que, com ele, a Sra. Wou mais ainda ampliou os seus conhecimentos científicos, sendo depois convidada para tomar parte nas atividades científicas, industriais e militares no Manhattan Project, que devia culminar na explosão de Hiroshima. O papel da chinesinha foi aí bastante significativo, embora obscuro, pois ela desenhou e pôs em funcionamento certos instrumentos de medição utilizados na usina-piloto de transformação de urânio, de que faziam uso os peritos da Colúmbia.

A idéia da bomba atômica nunca lhe fez medo, pois, diz ela com ar tranqüilo, o que importa em todas as descobertas científicas é o emprego que se dá a elas. A bomba ajudará a abreviar a guerra, assim como servirá para evitar outra guerra, uma vez que os meios de destruição são enormes de ambos os lados. Nos laboratórios de Oak Ridge, no Tennessee, onde se encontram as maiores usinas dos Estados Unidos, depois de examinarem os seus papéis de identidade, encarando-a com admiração, deixaram-na entrar dizendo que "era a primeira mulher pele vermelha que entrava em Oak Ridge", e como ela retrucasse que era chinesa, o guarda, não convencido, respondeu em tom categórico: — "A senhora não poderia entrar aqui se fosse chinesa".

Antes de deixar a Califórnia, a Sra. Wou casou com um rapaz nascido em Tien Tsin, culto e interessado não só na física como na caligrafia e língua chinesas, chamado Luke Cha-Liou Wors, que logo se apaixonou por Tchien Chioung. Tão alto como ela é pequena, exuberante como todos os homens do Norte, enquanto ela é tímida e reservada, o marido de Mme. Wou é também musicista e homem dos *sete instrumentos*. Nas horas vagas, ele passa o arco na única corda do instrumento chamado Hou Tchin, que ele domina maravilhosamente e a Sra. Wou se sente muito feliz, ouvindo-o tocar. São estas as suas horas de repouso, pois trabalha noite e dia e passa muitos dias sem dormir nem comer.

Com seu sorriso característico, ela afirma, com satisfação, que nunca soube o que foi deixar um trabalho inacabado, quer se trate de uma experiência de física ou da leitura de

um romance iniciada antes de se deitar.

Esta criatura maravilhosa é uma mulher e, como tal, nós, mulheres, nos devemos orgulhar, porque não só os homens possuem uma inteligência privilegiada, mas, as mulheres também, quando, como esta, empregam a inteligência e o prestígio no reino da ciência e cultura.

39. A tolerância

Não existe virtude mais admirada e menos praticada do que a tolerância. Insistimos que os outros se mostrem liberais e transijam naquilo que nos convenha, assim como nos concedam o direito de sustentar nossas próprias opiniões e o privilégio de guiar nossas vidas de acordo com a nossa vontade. Quando, porém, de nós mesmos se trata, consideramos nosso dever dirigir aqueles que nos rodeiam pela maneira que mais nos agrada e obrigá-los a conduzir-se como achamos adequado e conveniente.

Este espírito de arrogância latente em nós próprios, essa segurança íntima de que somos a prudência personificada, essa determinação de forçar a aceitação de nossas idéias, hábitos e código de conduta aos demais, são causas que provocam guerras, inspiram perseguições e motivam mais sofrimentos que qualquer coisa no mundo. E, em particular, são essas as causas que originam as rixas domésticas e explicam por que casamentos fracassam, desinteligências surgem nas famílias e até os filhos abandonam os lares dos pais.

Isto acontece porque o amor, entre seus múltiplos e nobres requisitos, não inclui a tolerância e, embora estejamos desejosos e dispostos a trabalhar e sacrificar-nos até à morte por nossos pais e nossos filhos, nosso amor por eles não chega ao ponto de permitir-lhes que opinem de maneira diferente à nossa. Achamos que têm obrigação de pensar o que pensamos, acreditar no que acreditamos, alegrar-se com o que nos dá prazer, em resumo, serem como nós; do contrário, nos sentimos ofendidos e melindrados.

A intolerância destrói muitas amizades e muitos lares.

Quantos esposos, pessoas cultas, inteligentes, honradas, se separam, não por haverem cometido uma ação reprovável, mas sim por discordarem em gostos e predileções.

Não há o espírito de renúncia, e tolerar é também renunciar.

As lágrimas que se derramam por causa de desinteligências, a mágoa que oprime os espíritos intolerantes, seriam evitadas se houvesse mais liberalidade na maneira de encarar os atos alheios, se existisse um pouco mais de tolerância entre as criaturas. Geram-se, por vezes, situações difíceis entre pais e filhos pela intransigência de ambos. Pais e Mães esquecem-se da sua própria mocidade, como se divertiam na companhia de outros jovens da sua idade, as suas traquinadas e como lhes agradava uma festa que hoje proíbem aos filhos.

Não há dúvida que abusos e liberdades demasiadas são prejudiciais, mas tudo o que é feito dentro dos moldes razoáveis do respeito e da dignidade, deve ser permitido. Mesmo porque, só assim se evitarão revoltas e desinteligências, mentiras e desobediências de muito piores conseqüências.

Muitos pais queixam-se de que os filhos os decepcionaram, destruindo as suas esperanças, não porque tivessem procedido mal, mas porque pensam diferentemente.

Não nos devemos esquecer que os tempos são outros, que a mentalidade de hoje é muito mais evoluída. Há diversas atividades, outras probabilidades de vencer na vida, e o que devemos fazer é acompanhar o progresso do mundo e crescer com os nossos filhos, estudando e apoiando os seus novos ideais e tendo, isto sim, o cuidado de bem formar o seu

caráter, cultivando neles os nobres sentimentos da honra e do dever.

40. Recordações do passado

Ela estava sentada em uma cadeira de vime com os olhos semicerrados e as mãos, que tanto trabalharam, descansavam hoje ociosas nos braços da cadeira. O sol, caindo sobre seus cabelos brancos, neles produzia reflexos brilhantes, enquanto, perto, brincava, descuidado, um netinho travesso que era todo o seu encanto.

— Vovó, que fazes com os olhos fechados?

— Recordo o passado, filhinho.

E o pequenito, sem compreender o sentido profundo dessas palavras, riu-se e continuou brincando.

Recordar o passado é coordenar no pensamento acontecimentos de anos e anos atrás, é como se revolvesse uma caixa de objetos raros e preciosos, onde uns, frágeis, se quebraram já, e outros, mais fortes, resistem ainda à ação do tempo; é extrair deste monte de coisas meio esquecidas, alegres e tristes, algo que recorde uma vida bem ou mal vivida.

Um pedaço de cetim branco, ao qual os anos deram uma cor amarelada e que fez parte de um vestido de noiva; o sapatinho de lã de um bebê, manchado pelas lágrimas de uma mãe, há meio século; uma fita desbotada, que prendia os cabelos de uma menina alegre e feliz; o primeiro convite de baile de uma jovencinha, no qual se lêem nomes de alguns que já partiram deste mundo ou de outros que, por sua vez, também espalhados em outros lares, hoje possuem filhos e netos; um volume de poesias com uma flor apertada entre suas páginas amareladas, flor que se converte em pó ao contato do ar; um botão de metal que adornou um uniforme de um ser querido, agora desaparecido para sempre. Um diário íntimo que cessa na página onde alguém escreveu: "Hoje nasceu meu primeiro filho".

Ah!, sim, muito, muito aconteceu desde que a anciã era jovem e tomava parte nos fatos diários da vida, em vez de se limitar a contemplá-los na sua imaginação. Gostaríamos de saber quais as alegrias e tristezas de sua longa existência, o que lhe agradaria ressaltar para contemplar, nostálgica, nas suas recordações, e quais preferiria deixar abafadas no esquecimento. E, perguntamos a nós mesmas também, quais de nossas recordações preferiríamos guardar, se nos fosse dado eleger entre todas elas.

Seriam, talvez, as recordações da infância, idade incomparável em que o presente de uma boneca nos leva ao auge da felicidade? A recordação daquele dia de chuva em que ficamos tristes, desesperadas mesmo, por não podermos ir ao passeio com que sonhávamos semanas antes? Ou nos agradaria viver novamente a adolescência, com a recordação dulcíssima e as emoções inefáveis do nosso primeiro romance?

Há mulheres que, através dos anos e das vicissitudes, encontram alegria na recordação do dia do casamento em que, no seu lindo vestido branco, assumiam o compromisso mais sério de sua vida e o cumpriram galhardamente. Outras, dão mais valor que às suas jóias, a recordação da emoção experimentada, ao apertar em seus braços, pela primeira vez, o filho recém-nascido. Há aquelas que preferem sobre todas as coisas, reviver o grande momento em que, como artistas, conseguiram ver satisfeita a maior ambição de sua vida, e os aplausos do mundo ressoaram como doce música aos seus ouvidos. Ou, talvez, a mulher que sonha com o passado recorda tão-somente os anos de aprazível felicidade em que avançava, no caminho da vida, pela mão de um companheiro amigo.

E, indubitavelmente, entre os tesouros apreciáveis que todos possuímos, estão as

recordações de amor.

41. O valor do elogio

Elogiar é estimular. Principalmente quando o elogio é feito a uma criança. Consideramos um grande erro dos pais negar elogios aos seus filhos quando praticam uma boa ação ou se esforçam nos estudos, pois o elogio exerce sobre eles o mesmo efeito que nos adultos. O elogio eleva e inspira. Como a alavanca de Arquimedes, move o mundo inteiro. Todos nós, adultos, sabemos que não há incentivo mais poderoso que o encômio de nossos entes queridos, para que executemos o nosso trabalho com boa vontade, e, no entanto, a maioria dos pais adota a teoria de que a melhor maneira de corrigir uma criança é repetir-lhe o dia inteiro que é malcriada, desobediente ou preguiçosa.

Pensam alguns pais que as palavras elogiosas sobre a boa conduta dos filhos lhes despertam uma perniciosa vaidade; ao contrário, achamos o elogio um grande estímulo e valioso auxiliar para a educação da criança. As censuras constantes às crianças fazem-nas criar complexos de inferioridade e incompetência, de que se ressentirão mesmo depois de adultos.

E certo que os pais que se habituem a repreender constantemente os seus filhos, por vezes, até asperamente, não são cruéis; eles amam os seus filhos e por muito lhes quererem e ansiarem a sua perfeição é que acham que devem exigir deles o máximo, exibindo, diante de seus olhos, todo um cortejo de seus defeitos e fraquezas.

Não compreendem, cegos por errôneo conceito do dever, que causaram a seus filhos irreparável dano, fazendo surgir em seus espíritos complexos de inferioridade que os conduzirão ao fracasso mais tarde.

Os pais se esquecem de que são para os filhos o público do qual esperam deles o julgamento de uma conduta. Quando não recebem o aplauso esperado se sentem tão chocados, tão magoados como o autor cujo livro ou obra fracassou.

Há, pois, que se queixar de que os esforços realizados para corrigir seus filhos não obtiveram o êxito almejado. "Tantos conselhos dei a Alberto, tanto fiz para que fosse um homem e no entanto nada consegui, só desgostos me tem dado". "Tudo tenho feito para dominar o gênio impetuoso de Maria, e ela não se corrigiu até hoje". "Já não sei o que fazer com os meus filhos, não consigo que me obedeçam e meus ralhos não exercem sobre eles a mínima influência".

Tais são as queixas freqüentes dos pais. Se os ralhos não exercem influência nos espíritos de seus filhos é que, com certeza, não são feitos com inteligência e eles já se acostumaram com os maltratos e as palavras ásperas que usam erradamente, para corrigi-los. As crianças assim endurecem os seus espíritos e passam a fazer ouvidos surdos às censuras e corrigendas paternas ou maternas.

Muitos rapazes renunciam aos estudos e deixam de seguir uma carreira de futuro por culpa dos pais que os maltratam com a sua rispidez e os aterrorizam, com ameaças, por causa de uma simples nota baixa, em vez de estudarem os seus temperamentos e guiá-los, estimulando-os pelo elogio inteligente.

Matar em embrião a personalidade de uma criança é um crime. E são não raros os pais, cegos até pelo muito quererem a seus filhos, que assim procedem.

É certo que o elogio, como tantas outras coisas boas, deve ser concedido à criança com inteligência, em medida certa, e só quando merecido. Deve ser usado como reconhecimento por um trabalho bem feito para ser estímulo e servir como uma esperança

que inspirará à criança o desejo de continuar melhorando sempre. Em uma palavra se dirá à criança, quando boa, que pode ser melhor ainda, e quando de mau temperamento, que pode melhorar.

Não regateemos, pois, elogios aos nossos filhos quando os merecerem porque mais tarde nô-los recompensarão.

42. O “sexo frágil”

Nada mais belo que a harmonia a emoldurar um lar! Pelo menos é esta a aspiração suprema de todas as mulheres. Nem todas, infelizmente, vêem tão lindo sonho realizado. E por que? De quem a culpa?

Quantas vezes chegam os homens à casa fatigados, depois de um dia de trabalho excessivo, ainda preocupados com problemas que lhes foram apresentados, aborrecidos com o encaminhamento de outros assuntos, não se encontrando com disposição para sair, nem às vezes, para conversar, querendo apenas descansar a mente na tranqüilidade do lar acolhedor.

Mas a esposa, que não compreende isso, fala-lhe de coisas fúteis, das canseiras domésticas, de seus problemas com as empregadas, que são muito comuns, da carestia do feijão e, sobretudo, da falta da carne, que tanto a enerva atualmente, terminando, às vezes, em discussão e irritação a conversa, tão inoportuna e inadequada para aquele momento.

É claro que também temos os nossos problemas, por vezes bem cruciantes, não há dúvida, e temos ainda os dos nossos maridos e filhos, precisamente porque lhes queremos bem e são nossos. Mas, quando os maridos entram em casa e como recompensa ao nosso esforço não nos dispensam a atenção que julgamos merecer, também nos sentimos incompreendidas e feridas em nosso amor próprio.

Chamam-nos do “sexo frágil”, não? Mas, seremos frágeis mesmo? Nem sempre! Porque se fôssemos tão frágeis como os homens nos costumam chamar, não nos subdividiríamos e nos multiplicaríamos, fazendo da nossa pseudo fraqueza, força para evitarmos o desentendimento e a desarmonia no lar.

De quem a culpa? De ambos. Porque se o homem se unisse mentalmente mais um pouco à mulher, tornando-a sua confidente, abrindo a sua alma, sempre generosa e cheia de dedicação, suas inquietações e canseiras, esqueceria as suas próprias dificuldades e aflições por momentos, que ela procuraria tornar mais amenos, animando-o, estimulando-o e até – quem sabe? – sugerindo medidas e alternativas ditadas pelo decantado “sexto sentido”, como agora é moda chamar-se a velha “intuição feminina”, que temos tão desenvolvida.

Por outro lado, se a mulher fosse mais compreensiva e ao recebê-lo procurasse ver na fisionomia o que lhe vai no íntimo, pois toda mulher conhece quando o marido está preocupado, e não o “caceteasse” com os seus problemas e dificuldades caseiras, ele não se apresentaria mal-humorado nem se irritaria, não dando lugar a discussões e desentendimentos lamentáveis.

Não resta dúvida de que nos encontramos sob uma atmosfera de nervosismo que contagia a todos e para que haja nos lares paz, é preciso que, sobretudo, nós, mulheres, nos revistamos de calma e compreensão, aliadas a uma grande dose de tolerância e paciência.

Mostremos, agora, mais do que nunca, que não somos somente o “sexo frágil”, dos poetas e escritores, mas mulheres lutadoras e compreensivas ante os tempos difíceis que estamos vivendo atualmente.

43. Refrigério

Nesta época de confusão, a mulher, que quase sempre é o pára-raios do marido, atribulado com os seus seríssimos problemas, precisa de um refrigério mental. Sua mente, já escaldada com os não pequenos problemas do lar, com a criadagem e instrução e orientação dos filhos, quase se incendia quando o marido chega de cara feia, impaciente e mal-humorado. Deve ter paciência e controle, mas não os tem porque seus nervos ficam à flor da pele e, de tanto se estenderem, muitas vezes estalam, causando desentendimento e mal-estar.

Lendo uma revista francesa, encontramos um artigo de uma escritora cheia de otimismo e sensatez, do qual extraímos o que se segue:

"O maior problema feminino é a fadiga e a cansaça pelos cuidados com a casa, o marido e os filhos, que, às vezes, dão até falta de sono. Procurei lutar contra o esgotamento produzido pelas tarefas do lar. De manhã, depois da partida de meus filhos para a escola, na minha sala de almoço, arrumada alegremente, cuja doce atmosfera tanto me agrada, vou tomar o meu café defronte duma janela aberta, olhando o pico dos montes que começam a brilhar pelos raios vermelhos do Sol que não posso deixar de contemplar sem um pequeno toque de alegria profunda e estimulante.

Procuro ensinar a meus filhos a abrir os olhos para tudo que é belo. Pedro me chama, algumas vezes, para contemplar com ele o pôr do Sol sobre as montanhas que descortinamos de nossa janela. Com sua irmã, ele se porta bem tranqüilo por momentos ao ver as sombras descenderem sobre os montes rosados pelo Sol que desaparece. Quando tudo escurece é, então, a Lua que descobrem. Ao jantar, em lugar de dizer sem cessar: Fica quieto! Come, apressa-te um pouco! Leio uma história para eles ouvirem, e a sopa é engolida rapidamente e a distração os obriga a acabar mais depressa a refeição que transcorre calma, sem irritação nem choro. Vão depois para a cama e fazem, então, um pouco de barulho brincando com o pai.

Se desço do quarto deles fatigada e excitada por tê-los feito dormir, o fato de tomar a refeição sozinha com meu marido, conversando amigavelmente, me acalma os nervos e me predispõe a passar uma boa noite.

O trabalho de meu marido, que é engenheiro, nos obriga a freqüentes mudanças de lugar. Mas, se ele me diz: "Vamos *apenas por dezoito meses*" eu me preparo para passar mais tempo e procuro predispor o meu espírito, conversando mentalmente comigo mesma, e, desde logo, planejo a minha nova residência, para residir lá o tempo que for necessário. Se temos um jardim, semeio flores e folhagens, a fim de tornar o ambiente alegre para nós e nossos filhos. Isso também me permite dar livre curso à minha imaginação decorativa, tão feminina. E a vantagem de nos ocuparmos muito é muito agradável, logo que se chega a um lugar estranho, onde não se conhece ninguém e que se tem um marido muito ocupado.

Para me conservar fiel a meus sonhos de mocidade, leio o mais possível e procuro conservar as minhas amigas de infância que são sinceras, que têm personalidade e para as quais eu exista não somente como esposa de meu marido ou mãe de meus filhos, mas como a amiga de infância que fui delas. E essa fração de vida pessoal não prejudica a nossa felicidade familiar, ao contrário, me sinto mais feliz, mais equilibrada e, portanto, por isso dar muito mais alegria a meu marido e a meus filhos do que se vivesse saudosa da vida de solteira e amargurada pelos problemas naturais da vida de uma mulher".

Por que não seguirmos conselhos tão simples, ao alcance de qualquer de nós, que estamos passando por momentos difíceis, mas que não se podem comparar com os da

mulher européia, ainda sofrendo os horrores e conseqüências da última guerra?

Esta mulher, esposa e mãe tão dedicada, poderia ser uma amargurada, recalçada eterna, cheia de rancor e medo. No entanto, isso não acontece. Ainda há mulheres na França e nos demais países europeus que sabem higienizar a mente e procuram amenizar a vida. Problemas, todas as mulheres os têm, umas mais do que outras, e podem estar certas que cada vez aumentarão mais, porque o mundo custará a melhorar; o principal, pois, é predispor o espírito para enfrentá-los e resolvê-los, dando-lhe o refrigerio de que precisa, aproveitando todos os bons momentos da vida e procurando esquecer os maus, criando um ambiente repousante e calmo, ajudando até a levantar o seu povo, a sua pátria destruída pela guerra, como vem acontecendo com outros países da Europa.

Estamos começando, minhas patrícias, a sofrer e já nos desesperamos! Imaginemos o que esses povos sacrificados têm sofrido, sem a liberdade e as facilidades que ainda temos!

Tratemos, isto sim, de colaborar para que nunca sejamos um povo escravizado e subjugado por regimes ditatoriais, cerceadores da nossa liberdade de povo privilegiado até pela Natureza.

44. Sim ou não

Não..., não..., não... ouvi milhares de vezes cantado, falado e quase imposto pelo rádio e pela televisão. Chega-se a crer que "Não" deve-se dizer a tudo na vida.

Para nós, tanto não quer dizer decepção, amargura, descrença nos homens.

— Deveríamos dizer não ou sim, por que e para quê?

— Seríamos felizes, por acaso, se disséssemos "Não"? Veríamos os nossos angustiosos problemas solucionados com a cruzinha posta ao lado do "Não"? Não creio!

Se não fomos felizes nos últimos anos com o regime Presidencialista, poderíamos ser ou não também com o Parlamentarista. Isso depende dos homens que estiverem à frente do Governo.

O que sabemos é que países que adotaram o parlamentarismo encontraram nesse regime uma solução para seus povos. No nosso país não tivemos parlamentarismo e sim tremenda confusão!

Hoje, já não dirão: "Que entendem as mulheres de regimes de Governo?" A argúcia e perspicácia femininas não falham, principalmente agora em que as mulheres também estão sofrendo pelo descaso dos homens que, só cuidando de fazer politicalha e defender interesses particulares, sobrecarregam a pobre dona-de-casa de dificuldades, aumentando as suas já grandes preocupações em manter o seu lar ao abrigo de necessidades e em alimentar convenientemente seus filhos, a quem a carne, o arroz, o feijão e o açúcar fazem tanta falta.

Como sempre, surgiram as promessas: "Se disserem "Não", será solucionado o problema do abastecimento, porque o Parlamentarismo é o único culpado dessa crise".

As mulheres, mais do que os homens, estão descrentes! Promessas não têm adiantado nada! O que queremos são realizações, fatos concretos! Hoje dizem uma coisa, para amanhã dizerem outra. Basta de farsa, senhores! A paciência tem limites! E de demagogia já estamos cansados. Como se fala bonito!... Assistimos a palestras na televisão e percebemos bem a insinceridade e a falsidade dos argumentos de que se servem para enganar o povo, levando-o à revolta contra os homens de bem, verdadeiros democratas que lutam valentemente para solucionar essa cruel crise de tudo, principalmente de caráter.

Uma deputada, pela televisão, louvou a atitude das mulheres cariocas, que protestam

contra esse estado de coisas. E já que muitos homens se acomodam, nós, mulheres, que estamos sofrendo mais do que eles, porque os ouvimos reclamar constantemente os gastos, apesar de nos privarmos de muitas coisas, não podemos ficar indiferentes a tudo isso, pois sabemos que realmente eles têm razão, visto as despesas de uma família terem triplicado e, assim, sobrecarregado demais os seus esforços em mantê-la.

Sofremos, pois, por nossos maridos, por nossos filhos e por nós também que, apesar de todos os sacrifícios, não encontramos uma solução para diminuir tanta despesa.

A nossa vontade seria não dizer sim nem não, mas o Brasil exigiu de nós mais um esforço, para ver se conseguimos um pouco de paz para esta terra tão elogiada pelas suas riquezas naturais, porém mais desperdiçadas que exploradas e aproveitadas!

Fomos, pois, novamente às urnas cumprir o nosso dever cívico, sempre na esperança de melhorar o nosso querido Brasil, e se demos o sim ou não, só nós sabemos, visto ser o voto secreto, mas podemos afirmar que antes de fazermos a cruzinha consultamos a nossa consciência e obedecemos a uma intuição patriótica.

45. Solidificar a vitória

Mulheres da minha terra! Parabéns! Cansastes de esperar! Era demais, e não há dúvida que havia necessidade de uma reação das frágeis mulheres que, exaustas de correr armazéns e entrar em filas e das dificuldades crescentes de suas atividades domésticas, resolveram vir para as ruas reivindicar os seus justos direitos de uma vida melhor.

A sua reação começou em Minas, pelo que felicito a mulher mineira. Depois as passeatas em prol da liberdade em São Paulo e demais Estados. O elemento feminino em todas essas atividades predominou e creio bem que se fosse preciso pegar em armas elas o fariam, tão indignadas estavam com o pouco caso dos homens que pareciam acovardados, curvando-se a todas as ordens e medidas loucas emitidas por falsos brasileiros que pelo Brasil nada faziam e que, intimamente, se riam da ignorância de certa parte do povo, que neles cegamente confiava. Elas compreenderam primeiro até que os homens que era hora de dar um basta a tanta patifaria encoberta de palavrório e mentiras.

O nosso Estado da Guanabara que deixou de ser Capital do Brasil para ser o centro do ódio e da vingança de homens inescrupulosos, foi o lugar escolhido para se assinar decretos em praça pública e se implantar um regime, que de democrata só tinha o nome, para melhor enganar os incautos que se deixam levar por promessas vãs.

Primeiro, levaram o povo à miséria, aumentando assustadoramente a inflação deixada pelo Governo passado e depois, então, para adular e enganar os ingênuos, começaram a fingir, impondo medidas violentas ao comércio para baixar o custo de vida explorando ainda o pobre povo por meio de outras maneiras enganosas.

Cheguei a pensar que não houvesse mais homens patriotas no Brasil, cheguei a achar que os nossos militares tinham se acomodado às desordens governamentais. Fiquei desanimada e, – por que não? –, receosa do futuro dos meus netos! Implorava mentalmente noite e dia para que os nossos militares acordassem, pois só eles nos poderiam salvar. Eis que enfim levantam-se com o garbo e a audácia dos seus antepassados, e fazem parar a marcha desmoralizadora do nosso Brasil.

Parabéns, pois, às nossas Forças Armadas que, como sempre, agiram sem derramamento de sangue nem violência!

E agora, a nós mulheres cabe ajudar a solidificar essa vitória democrata, colaborando em tudo para que a nossa situação se normalize sem revoltas e sem acintes.

Não será da noite para o dia que os preços baixarão, pois depois de anos e anos de anormalidade, roubos e chantagens, é preciso agora modificar muita coisa e até educar muita gente, ensinando-a a ser honesta, porque o exemplo da desonestidade e da deslealdade vinha de cima, dos homens que nos governavam.

E segundo adágio popular: "o uso do cachimbo faz a boca torta". E assim, para que volte o uso da honestidade ao nosso país tem que se pregar e exigir muito. Chegamos a tal ponto que era feio ser honesto, era estar fora da moda. Criemos, pois, a moda da honestidade, e tornemos arcaica, antiquada, a do roubo e da depravação.

Procuramos ver nas primeiras damas não só a beleza e elegância, mas também as suas qualidades morais e intelectuais.

Li há poucos dias, numa revista, uma ótima resposta de uma jornalista sobre se a mulher devia ser Presidente da República. Assim se expressou ela: "Uma grande mulher fará de um presidente medíocre um grande presidente". Não precisará, portanto, que a mulher seja Presidente da República, pois a sua influência sobre o marido, quando reta e digna, suprirá todas as suas falhas de caráter e erros administrativos.

Mas é que nem sempre esses homens possuem grandes mulheres como Jacqueline Kennedy, que foi um modelo de primeira dama.

46. O instinto infantil

Todos guardamos em nosso íntimo um pouco da criança que fomos; embora já tenhamos cabelos brancos e realizado grandes coisas em nossa vida, ainda que lutando sempre contra a adversidade, e a luta nos haja endurecido aparentemente o espírito, guardamos intactos no mais íntimo do nosso ser os sonhos plácidos de criança.

Mesmo nos homens, apesar da experiência, dos trabalhos e lutas, continua com eles o impulso irresistível, o desejo de chegar à porta da vida para espiar o que se passa no mundo, o amor, a aventura e o perigo.

As mulheres, às vezes, não compreendem bem isso, e essa incompreensão é uma das causas das desavenças entre os cônjuges, pois certas esposas não querem admitir que o marido tenha tendências e gostos diferentes. Ela, que encerrou sua meninice com a última boneca, raras vezes se recorda de que foi criança e de que viveu dias despreocupados, e se surpreende e alarma quando descobre em seu companheiro as fraquezas, recordações e preferências que considera próprias e exclusivas da tenra idade dos meninos.

Parece-nos que essa cegueira voluntária das mulheres, empenhadas em negar a existência de uma remota meninice nos homens, se deve, em grande parte, ao fato de considerá-los o sexo forte, superior, incompatível, portanto, com as debilidades próprias dos seres fracos.

Salvo certas exceções, a mulher julga o homem bastante forte, grandemente estóico e pouco sentimental, incapaz de se impressionar pelos detalhes aparentemente insignificantes do viver diário.

Não se lhe ocorre, por exemplo, que o homem pode ser tão vaidoso quanto ela, gostar tanto de um terno novo, como a es posa de um vestido moderno. Não suspeita, tampouco, que ele experimenta em toda sua vida a mesma necessidade de carinho e ternura a que se acostumou quando criança.

Os êxitos de um homem, de qualquer natureza que sejam, nada significam para o seu "eu" interior, quando não exista uma mulher em sua vida que o estimule a se orgulhe dele. Não há homem nenhum no mundo cujo impulso instintivo, na hora amarga da derrota, não

o faça procurar a mulher amada, seja mãe, esposa ou noiva, em busca de consolo, ternura e compreensão para o seu sofrimento. É o instinto infantil sempre fiel empurrando-o até à noite de consolo: o amor maternal que existe em toda mulher.

Se observarmos os casais que conhecemos, veremos que as mulheres suficientemente inteligentes para tratar os homens como meninos grandes, com as mesmas ternuras e considerações do tempo do noivado, são adoradas por eles.

O amor não exclui a diferença de gênios, pareceres e gostos, e assim, embora um homem e uma mulher se amem, é possível que não pensem igualmente a respeito de certas coisas.

Tudo é lógico e natural, mas o que não é razoável é questionarem por diferença de opiniões e gostos e porque a mulher não quer compreender que em seu companheiro há ainda muito do menino caprichoso que ele foi, e que bastaria adotar táticas maternais para convencê-lo de que aquilo que ela prefere é o melhor.

A esposa prudente, procurará sempre manter contente esse menino grande que vive no homem e o acariciará quando bom, repreenderá quando mau, esquecendo suas travessuras sem ameaçar quando se mostre sinceramente arrependido.

47. A segurança do lar

No íntimo de nossa alma, todos guardamos recordações do lar paterno. São lembranças que nos seguem pela vida afora, ligando-nos indissolúvelmente à memória de entes queridos, que parecem reviver ao nosso lado, nos momentos em que os evocamos.

Às vezes é um nada, de tão simples. Um gesto, uma frase solta, uma atitude assumida, em determinado momento, e que se gravou em nossa mente para o resto da vida.

Sentimos, então, uma espécie de consolo, de beatitude, de paz interior, como que uma reconciliação de sentimentos, ao relembrá-los para outrem, como a querer que também os amem, como nós, que os queremos tanto.

Assim, lemos, alhures, recordações do lar em que viveu o Professor Carlos Chagas Filho, que, em certa passagem, assim se expressou

"Sem dúvida, foi devido à minha mãe que meu pai pode realizar a grande tarefa de pesquisador que lhe coube. A serenidade, a calma, a paciência e a bondade com que ela soube vencer todas as vicissitudes da vida ao lado de um cientista, deram a meu pai a segurança de um lar que lhe permitiu empreender e realizar o seu trabalho".

"Foi nessa atmosfera de profunda admiração e compreensão – prosseguiu – e, mais do que isso, de um companheirismo ideal que procurava, a todo momento, tirar da vida cotidiana de meu pai as suas dificuldades rotineiras, que eu formei meu espírito e me encaminhei, naturalmente, para a pesquisa científica. Guiou-me o ambiente que tinha em casa".

Mais adiante, confessou que não sabia se tivera mesmo vocação para a ciência ou se ela existiu por forte influência estimulada pela devoção de sua mãe a seu pai e pela personalidade deste que mereceu a afeição profunda que todos lhe devotavam em casa. Interpretava assim – à luz de suas idéias de hoje – o que aconteceu no início da sua juventude.

Bela revelação de um filho grato e orgulhoso da influência do lar, onde a união e o amor dos pais concorreram para seu êxito e felicidade.

Quem dera que todos os filhos assim se expressassem!

Mas, infelizmente, nem todos podem se orgulhar do lar que possuem pelo ambiente de

incompreensão e desinteligência nele existente. Quantos rapazes e moças não se encontram hoje tristes e recalçados pelas desinteligências observadas no lar ou pela separação dos pais, a quem amam igualmente, sem saberem que partido tomar: se do pai, se da mãe.

Querendo o carinho de ambos, mas só podendo gozá-lo separada a parceladamente! Se estão com a mãe, sentem a falta do pai e dele se recordam com saudades, ao mesmo tempo que sentem o isolamento e tristeza da mãe, se foi ela a abandonada. Se estão com o pai, reprovam, ao mesmo tempo, o abandono em que sua mãe os deixou! Vítimas inocentes de um lar infeliz!

— E que influência exercerá o ambiente desse lar no espírito dos filhos?

Não será, sem dúvida alguma, igual àquele que exerceu sobre o espírito do Professor Carlos Chagas Filho, que tão orgulhosamente enaltece os exemplos dos pais e a afeição profunda que todos lhes devotavam em casa.

48. Mulher de valor

Numa época em que vemos certos cronistas sociais às voltas com as suas deslumbradas críticas mordazes àquelas que neles confiam para exaltar a sua elegância e aparecerem em suas colunas, é mesmo de se admirar que surja uma mulher valorosa, desprendida e ativa como é Sandra Cavalcante.

Ela não fará exibicionismos em reuniões elegantes, nem freqüentará restaurantes ou boates para ser vista ou fotografada, nem quererá entrar para a lista das dez mais, pois sabe que isso custa muito dinheiro e prefere empregar seus haveres em socorro aos favelados a quem tem socorrido com dedicação.

Haja vista, agora, no rumoroso caso do Banco Nacional de Habitação, como a sua atitude rápida e eficiente salvou da exploração por indivíduos sem escrúpulos dezenas de pessoas que, entusiasmadas com o seu empreendimento, e a ele confiaram os seus haveres, caindo assim, iludidas, em verdadeira arapuca.

Sabemos da sua grande obra social, onde o seu trabalho tem sido efficientíssimo, e agora, como Presidente do Banco Nacional de Habitação, a sua natural intuição feminina descobre o que a muitos homens passa despercebido.

Colaborou muito no profícuo Governo Carlos Lacerda e seus dias continuam cheios de preocupações e atividade proveitosa.

Sem perder a feminilidade, porque achamos que a mulher deve ser sempre feminina, a sua atitude deve encantar-nos a nós mulheres, porque ela eleva o nosso sexo, por vezes tão mal julgado pelos que, aproveitando-se da fraqueza das mulheres fúteis e vaidosas, as ridicularizam, a cada passo, esquecendo-se que há mulheres diferentes.

49. No meu tempo era assim

Sim, minhas netinhas, vendo o que se vê hoje, chegamos a ter uma certa inveja do nosso tempo, daqueles dias risonhos em que a nossa vida era uma eterna valsa e rodopiando, rodopiando, exalávamos o odor da alfazema em vez do lança-perfume entorpecente e perigoso. Quando passávamos éramos chamadas de "biscuit" e os poetas nos dedicavam lindas trovas. Hoje, com a cabeça branca, vendo desfilar, diante de nossos olhos cansados, moças e mulheres esquisitas, que em vez de inspirarem poetas despertam apenas curiosidades maldosas, sorrindo nos lembramos do nosso tempo de moças e falamos no passado com brilho nos olhos amortecidos pelos muitos dias vividos, mas ainda brilhantes

ao recordar esses dias risonhos de nossa mocidade.

Estamos certas que poucas jovens se interessaram pelo artigo do suplemento "Ela" de "O Globo", intitulado "No Meu Tempo Era Assim". Isso porque quase todas pensam que as moças do passado levavam uma vida de opressão e vazia, sem as atrações próprias da mocidade. Puro engano! Senão vejamos algumas citações que faremos de jovens do passado, hoje vovós. Vovó Iatá (Senhora Hortência Jaguaribe de Alencar) assim se expressou:

"Em minha casa as visitas eram sempre pretexto para se ouvir música e recitativos – tocávamos piano e bandolins e os rapazes declamavam poemas lindos de autores como Olavo Bilac, Castro Alves e Raimundo Correia, ou então poesias deles mesmo, sempre ao som de "Dalila". Daí surgiam muitos namoros que eram sempre de olhares, palavras ditas às pressas, um instante na janela.

Os bailes no Clube Miosotis, uma vez por mês, eram o acontecimento mais esperado. Eram as "soirées", cada noite uma cor, "soirée blue" ou "rose", a mais bonita era a "soirée blanche" – as moças vestidas de branco nos jardins sob o luar, pareciam um quadro. As danças, valsa, quadrilha de lanceiros ou francesa, xote ou polca militar – eram marcadas no carnê. Ninguém dançava mais de duas vezes seguidas com o mesmo rapaz. Não ficava bem. O momento com que eles mais contavam era o passeiozinho depois da dança para encontrar um lugar para a dama, às vezes era preciso duas ou três voltas no salão o que dava para se cochichar algum galanteio. Nossa vida era assim toda de instantinhos, para nós preciosos."

Vovó Ceci (Sebastiana.Sales Afonso de Carvalho) contou:

"No meu tempo era tudo bom. A vida era ótima, mais simples e mais fácil. Como as moças de hoje, eu gostava muito de passear, apesar de ter horário marcado para fazê-lo. Os rapazes daquele tempo eram decididos, tão ou mais espertos do que os de hoje em dia. Meu marido, o então Tenente Antônio Afonso de Carvalho, me viu na janela de casa e tratou logo de obter informações a meu respeito com o ordenança do titio. E eu tive notícias dele através de uma amiga espevitada que me confidenciou a chegada de "um oficial alto e muito moreno". Não perdíamos uma festa, uma comemoração, tudo era motivo para risos e brincadeiras.

O carnaval, o limão-de-cheiro e o baile de máscaras, eram os maiores divertimentos da época para as jovens que nunca deixavam de andar na moda."

Vovó Amélia também assim se expressou:

"No meu tempo era assim: havia amor, modas e festas. Muita coisa diferente de hoje em dia, muita coisa como hoje em dia.

Ah! As festas, os saraus! Nunca houve aniversário sem reunir muita gente em volta da mesa de bolos, sem orquestra, sem valsa, sem "pas-de-quadro", sem polca, sem lanceiro, sem quadrilha. Em dia de casamento era de parar a cidade."

As recordações dessas três Avós, cujo passado elas lembram com saudades, demonstram que havia, no seu tempo, o mesmo que há hoje: anseios, alegrias, desejo de se divertir. A única diferença é que havia mais zelo dos pais e mais finura e delicadeza por parte dos rapazes. Hoje há muita cultura entre os jovens, encontram-se rapazes e moças preparados e inteligentes, mas há também uma grande negligência e falta de "finesse". Bem sabemos que a época é outra e que a vida mudou muito. O progresso traz um certo

desacerto, descontroles e facilidades. Mas podia-se passar por tudo isso e não perder uma certa linha de conduta, principalmente quando jovens.

O carnaval, por exemplo! Sempre se brincou no carnaval. Havia lindos corsos com carros abertos cheios de fantasias esmeradas, luxuosas mesmo, muita serpentina e confetes. As famílias amigas combinavam e enfileiravam seus carros uns atrás dos outros. Jogava-se então serpentina à vontade, cantava-se, ria-se, enfim, eram horas de alegria sã, em que ninguém tinha receio de levar suas filhas porque sabia que não seriam molestadas. O lança-perfume não era usado para embriagar e sim para travar verdadeiras batalhas até ver quem se cansava ou quem acabava primeiro a sua bisnaga.

E hoje?! Para que serve o carnaval? Nem é bom falar... Para que serve o lança-perfume? Para cheirar a embriagar-se. Bailes? Só muito escolhidos, em clubes fechados, com os sócios vigiando severamente, do contrário uma família não pode frequentá-los.

Enfim, as avós de hoje não são assim tão antiquadas nem retrógradas, elas também foram moças, também se divertiram, também gozaram a mocidade de acordo com a sua época. O que elas mais almejam é que as suas netas possam guardar em suas mentes as doces recordações de sua mocidade e quando as transmitir por sua vez às suas netas, como nós fazemos agora, o façam saudosas do seu tempo.

50. Desilusões e esperanças

Com que disposição de espírito nos encontra o Ano Novo? Bastante desiludidos, mas esperançados de conseguirmos muito mais do que no ano que passou e que estávamos desejosos de vê-lo terminado.

Em 1957 tivemos o lançamento do Sputnik e sua cadelinha, que depois da bomba atômica ter espantado a muitos, amedrontou outros e serviu de sensacionalismo e chacota a alguns.

A lenda ou real existência dos discos-voadores, também ocupou as colunas dos jornais, aumentando a curiosidade sobre esses estranhos objetos.

Enfim, hoje é motivo para apreensão, mas também para estudo, pois, estas realizações demonstram a evolução do mundo e de seus habitantes.

Aqueles que se divertem com coisas sérias ou que não tomam nada a sério, bem podem agora mudar de atitude, porque se caminha, pelo que se vê, para grandes realizações interplanetárias e que podem não só beneficiar como também danificar e causar males que atingirão a todos, sem distinção.

O que nos torna tristes é que só se pensa em destruir, espionar e explorar os males e desgraças alheios.

Por isso, chega-se a desanimar, quando um ano sai, assim tumultuoso e cheio de realizações surpreendentes, e outro entra, encontrando os homens indiferentes e descuidados, vivendo uma vida de prazeres, pouco se preocupando com o dia de amanhã, que não sabemos se nos envolverá em chamas ou em fumaça asfixiante, causando males e destruições.

Não devemos, também, por isso, viver amedrontados nem trancafiados em casa. Devemos saber viver alegres, esperançados, esforçando-nos por melhorar as nossas condições espirituais e físicas e preparar ambiente para tudo isso recebermos com o espírito forte e ânimo alevantado.

As mulheres, principalmente, cabe importante papel: o de preparar os filhos para os dias de amanhã. É muito oportuno o que aconselhamos, pois, eles precisam muito mais de

energia e coragem para os dias agitados, que certamente encontrarão e que essas descobertas e invenções deixam antever.

Cuidemos, pois, do caráter de nossos filhos, observando as suas inclinações boas ou más, a fim de aproveitar e ampliar aquelas e combater e destruir estas, para que mais tarde não venham a sofrer as conseqüências da nossa incúria e incompetência.

Sejamos mulheres estudiosas e observadoras, sacrifiquemos uns momentos de nossa vida de mulher, a quem não faltam ocupações nos dias difíceis que correm, para estudarmos um pouco os problemas educacionais de que hoje; felizmente, já se cuida neste nosso Brasil, fadado a grandes coisas mas prejudicado pelo pouco-caso de muitos brasileiros.

Temos assistido, pela televisão, e lido em revistas diversas, programas e lições proveitosíssimas sobre a formação do caráter da criança.

Cursos já existem que cuidam de alertar e orientar pais e professores no combate aos complexos infantis, desviando-os, em tempo, do caminho que os levará, mais tarde, sem dúvida, ao infortúnio.

Um programa que gostamos imenso de assistir, às quartas-feiras, na sessão das 5, na TV-Tupi, é o denominado "Seu filho não é um problema", por Fernando Garcia, onde são dadas proveitosíssimas lições que deviam interessar a todos os pais, pois são ministradas por homens e senhoras experimentados, educadores que se dedicam ao estudo psicológico da criança e do adolescente, que muito precisam de quem os oriente, principalmente numa época em que tanto se fala em "juventude transviada".

E a juventude se transviará mesmo se, comodamente, a deixarmos desenfreadamente viver, satisfazendo todos os seus gostos, sem orientação moral bastante forte para poderem bem se conduzir num mundo cheio de perigos, tentações e maus exemplos.

Que este ano seja, pois, um ano de estudo, raciocínio e observação, para bem podermos cumprir os nossos deveres de mulheres, esposas, mães e avós, acompanhando os maridos, bem educando os filhos e auxiliando as filhas a orientar os netos, para felicidade de todos, são os nossos votos sinceros.

51. A Inglaterra de hoje

A Inglaterra de hoje é um país onde metade da população é constituída de adolescentes rebeldes e inconformados. Milhões de jovens ingleses rompem com o que chamam de "hipocrisia conservadora" e fazem do filho de um operário o símbolo de sua "revolução branca", escreveu certo cronista.

As prévias e os inquéritos realizados na Inglaterra coincidem todos: "Wilson deverá vencer as eleições".

— Por que? Porque Wilson representa muito mais que o seu opositor, pois criou uma nova Inglaterra, de que o mundo só agora começa a tomar conhecimento.

Uma Inglaterra, que tem os Beatles a propagar a sua transformação!

Todo o Império Britânico se renova; por isso, dizem que Wilson ganhará porque não realiza uma política inglesa nos moldes tradicionais, sábia e conservadora, mas algo explosiva, modificando usos e costumes que nem a tradicional austeridade da família inglesa conseguiu dominar e impedir.

Dizem que todo o Império Britânico se transforma. A Inglaterra, a Escócia, o País de Gales, estão todos em véspera de explodir, sair do seu vitorianismo e render-se à cruel realidade. Inicia-se uma época marcada pelo riso, pelo furor, por canções insólitas, pela brutalidade e pelo cinismo. Lá se foram, portanto, a linha e a austeridade características da

família inglesa. Enfim, uma Inglaterra que está na moda porque é a Inglaterra dos Beatles.

Parece que a Grã-Bretanha está prestes a fazer a sua terceira revolução.

Os ingleses hoje se misturam com outras raças como nunca fizeram antes.

Nas universidades, dezenas de estrangeiros ocupam as cátedras mais importantes.

A própria Londres transformou-se na Europa de hoje. Tornou-se uma cidade que não é mais a de Dickens com seus becos sombrios e seus prédios pesados e escuros. Agora Londres tornou-se adepta do cimento armado, do ferro e do vidro. Dizem que quem a transformou assim foi um arquiteto nórdico, Arne Jacobsen, famoso na Suécia.

Por isso afirmam que Harold Wilson ganhará as eleições porque representa essa Inglaterra nova, rebelde e inconformada. Porque Wilson não é "distingué" nem aristocrata e a sua campanha eleitoral se assenta precisamente nesse fato. Nos comícios, uma de suas frases prediletas é: "A cerveja é melhor do que o chá e o champanha".

É socialista mas nunca leu Marx, pois costuma dizer: "Para que ler Marx? Não posso perder tempo".

Afirma ele pretender fazer da Inglaterra o mundo de amanhã.

A rebeldia de milhões de jovens e a insatisfação de milhões de pobres, porque é a miséria que leva os países à desgraça moral e ao comunismo, (para onde parece estar indo o Império Britânico), é que fizeram de Wilson o líder da Inglaterra. Afirmando ele que só o socialismo corajoso será capaz de acabar com o passado bolorento da Inglaterra, transformou o Império Britânico num país dos Beatles e da mocidade irresponsável e descontrolada dos dias de hoje.

52. Às mães de menina-moça

Queixas-te de que tua filha mente, que te engana, que diz que vai para o colégio e não vai, que só gosta de grupos de rapazes e moças que não se recomendam, que é exigente e não te atende em nada. Deve, realmente, ser muito triste lidar com uma menina e moça assim.

Mas, vamos conversar:

Quando ela era menina, tu acompanhaste o seu desenvolvimento mental e físico com atenção? Tu deixaste que crescesse sem controle, sem a tua assistência de mãe zelosa, cuidadosa, e perspicaz? Por certo, não!

Dedicaste-te, com certeza, aos teus afazeres ou exclusivamente a atender ao teu marido e deixaste "largada", à vontade, a tua filha, ou a entregaste a alguma babá inescrupulosa, que não cuidou dela como devia cuidar uma mãe zelosa, como tu devias ser. Quem sabe, também, se fazias vida social intensa, e não te sobrava tempo para te dedicares a ela como devias?

Põe a mão na consciência, examina-a bem e encontrarás a causa dessa desagradável situação.

Avalio os choques que deves ter tido com tua filha por causa de sua conduta desrespeitosa! Choques que maltratam e doem, porque nenhuma mãe gosta de ser tratada com indiferentismo e arrogância pelos filhos.

E o pior de tudo é ver que ela mente. A mentira, minha amiga, é um perigo para toda gente e mormente para a mulher. Amanhã ela se casará e, mentindo, perderá a confiança do marido, o que será desastroso.

A mulher que mente tem que usar de múltiplos meios de persuasão e astúcia para alimentar a sua mentira. Torna-se falsa, hipócrita e dissimulada.

Avalia bem o que espera à tua filha!

Mas, quem sabe? Ainda é tempo de corrigir tudo isso.

Com quinze anos, se pode consertar muita falha de caráter. Acho bom tentares. Mas não à valentona, revoltada e indignada. Precisas, agora, chamá-la a ti com tato e cuidado. Fazer-lhe mais companhia. Procurar afastá-la das más amigas, que nessa idade influem consideravelmente na formação moral das moças. Isso, porém, deve ser feito com inteligência. Não falando mal nem criticando as suas amizades, mas afastando-as sem que ela perceba, e aproximando-a de outras mais agradáveis, cuja formação moral seja boa. Facilitar reuniões destas em tua própria casa, de preferência. Convém, também, que em vez de te mostrares uma mãe austera, severa demais, passes a ser a mãe camarada, amiga, que ouve, com atenção, as suas expansões e bobagens que toda moça conta, e até fingindo achar graça. Mais tarde, então, sem que ela perceba, desfarás algo que notaste de errado em suas expansões, mas nunca deixarás de ouvi-la ou cortarás asperamente aquilo que está contando. Porque, se não procederes assim, ela passará a te esconder tudo, não se expandirá mais e vai conversar com quem não deve, ficando assim completamente desarvorada.

E por quê? Porque não encontrou na mãe a amiga que ela precisava, com quem devia abrir-se e contar os seus segredos íntimos.

A severidade demais, agora que ela já está uma mocinha, é contra-indicada.

Sei porque te desesperas. É porque tua filha está criando problemas e preocupações com os quais não contavas e que toda a moça, nessa idade, dá às mães. Agora é que tua ação de mãe tem mais importância. É contigo que ela deve contar e não com estranhos. É de ti que ela precisa.

Sempre foste comodista, mas chegou a hora de por o teu comodismo de lado, já que o teu amor materno está se sentindo magoado e inquieto.

Ela já está em idade de te fazer companhia em passeios, visitas e compras; passa a levá-la contigo, em vez de a deixares em casa, à mercê de telefonemas ou entregue a leituras pouco recomendáveis. Fora das horas dos estudos, procura fazer com que ela tenha sempre o seu tempo ocupado em algo útil ou distrações em ambiente adequado à sua educação.

O isolamento e a indolência são maus conselheiros.

Procura agir, como te aconselho, e estou certa de que em breve me comunicarás que tua filha é outra menina.

53. És filha? És nora? És sogra?

Seja o que fores, és mulher. E ser mulher é ter sentimento, é sentir carinho, é ser compreensiva e tolerante, não?

Serás tudo isso? Espero que sim.

No Dia das Mães costume pensar muito em todas as que têm a dita de sê-los e de possuí-las.

As filhas as possuem legitimamente, e as noras as recebem trazidas pela mão do homem que amam. Aquelas, devem amá-las porque lhes deram a vida, pois sem elas não existiriam. Estas, porque elas lhes doaram o filho que amam.

Em toda mulher, Mãe, filha e nora, há uma dose de egoísmo maior ou menor, de acordo com o seu temperamento.

As filhas instintivamente se apegam às mães pela sede de carinho e compreensão que as anima.

E as noras? Se vissem nas sogras a mulher que lhes deu o tesouro que possuíam, um filho homem que elas consideram, por vezes, o melhor do mundo, talvez as compreendessem melhor e desculpassem aquela dose de egoísmo que toda sogra possui e que elas possuirão também quando chegar a sua vez.

As noras compreensivas e inteligentes, não digo que sintam pela sogra o mesmo carinho que sentem pela mãe_ mas podem sentir uma grande amizade, compreensão e delicadeza que as enaltecerão perante as sogras e contribuirão para sua felicidade conjugal.

Porque os filhos, que são seus maridos, lhes serão sempre gratos pelas atenções e cordial trato que deram à sua genitora.

Querem muito bem à sua mãe, não? Pois eles também querem muito à deles. Gostam que estimem a sua? Eles também gostam que estimem a deles. É uma questão de tato e inteligência, de compreensão e respeito.

Uma nora inteligente vê na sogra a mãe de seu marido e a cerca de atenções, desculpando as suas fraquezas maternas, quase sempre demonstradas ao tomar conta da vida do filho e achar que a nora não o trata como ela o tratava. Se a nora relevar, logo no princípio de sua vida de casada e procurar possuir personalidade compreensiva, levará a vida que gosta sem hostilizar a sogra, respeitando-a, mas impondo a sua vontade com jeito e delicadeza.

Deve, portanto, a nora ser compreensiva e inteligente o bastante para procurar atrair a si a sogra e desculpar-lhe as ciúmidas e as fraquezas maternas. Nunca reparar nem reclamar o que o marido faz pela Mãe. É um erro gravíssimo da mulher indispor-se porque seu marido a ajuda. Se ele não o fizesse não seria bom filho e quem não é bom filho, não pode ser também bom marido.

Se a mulher é boa esposa, tem que ser estimada pela mãe de seu marido.

Por isso, repito, basta haver tato e compreensão para que a harmonia exista entre ambas.

Aconselho sempre às minhas filhas que sejam boas noras e quantas vezes me privo, com prazer, da visita delas para que vão visitar as suas sogras. Recomendo-lhes sempre que procurem compreendê-las e desculpar certos senões que todos possuem, visto gênio e temperamento não serem iguais.

Tenho pena daquelas sogras que, por quererem bem demais aos seus filhos, o que é natural, não encontram nas noras a compreensão que deviam encontrar. Porque às vezes elas se tornam egoístas sem sentir, e achando que tomando conta da vida do filho estão agindo bem, erram. Por princípio, um casal moço tem que levar vida diferente da sua, que já teve sua época e já viveu também a sua vida. O difícil está em a sogra compreender que assim deve ser. Daí, a necessidade da nora, com carinho, compreensão e delicadeza, fazer-lhe compreender isso.

Quanta infelicidade e frieza conjugal por causa da falta de compreensão de parte a parte?!

Por isso, no Dia das Mães, resolvi dirigir-me de preferência às noras, porque esse problema de sogra e nora vem de longa data causando grandes desentendimentos entre os casais.

Deixo de referir-me aos genros, porque estes são homens e não estão tanto em contato com as sogras, embora também criem problemas conjugais. Mas é à mulher que deve fazer compreender que só dela depende a felicidade do seu lar. E que sendo esse um problema delicado, a ela cabe resolvê-lo com inteligência e muito tato.

54. Conhece-te a ti mesmo

Ninguém pode julgar alguém sem primeiro examinar bem o seu íntimo, a sua maneira de ser e, sobretudo, a sua maneira de pensar, pois nem sempre se demonstra o que se pensa, fazendo as coisas que intimamente condena, por preconceito ou hipocrisia, mas completamente diferentes da sua maneira de pensar.

Se pudéssemos todos ser sinceros para conosco mesmo, seria o ideal!

Quantas vezes, porém, não nos enganamos?! Quanta escolha desacertada?! Quanta deliberação mal tomada?! Ou não refletimos bem, ou não consultamos o nosso íntimo.

Procuremos, pois não nos enganar a nós mesmos. Sabemos que isso é difícil e que a condescendência, a bondade, a amizade, são fatores preponderantes em nossas resoluções. Toda criatura emotiva deixa-se levar pelo sentimentalismo e sofre muito mais que as indiferentes, frias e até calculistas.

Quando vejo uma menina de temperamento sentimental, prevejo logo uma mulher sofredora, facilmente iludida e enganada.

Ninguém pode modificar o seu temperamento, é certo, mas, à medida do possível, é bom calejar um pouco os seus sentimentos e reprimi-los, usando para isso de grande força de vontade.

A vida, hoje em dia, assim o exige. Os homens são muito pouco compreensivos, e as mulheres têm que usar de muita tática para evitar fracassar uma união que podia ser duradoura e que por falta de tato termina, muitas vezes, tarde demais, quando já existem filhos, vítimas inocentes de todos os fracassos matrimoniais.

Se a mulher é sentimental demais, sofre com a incompreensão tão natural nos homens, pois todos têm uma dose, pequena que seja, de egoísmo. Se é realista demais, também erra, porque os homens não podem ser levados à valentona, nem por pirraças e represálias.

Só a mulher cabe saber viver. E por isso precisa usar sempre o raciocínio, tendo tato bastante para saber levar os homens que, não sendo crianças, têm, às vezes, atitudes de criança birrenta e teimosa.

Nunca parte deles nenhuma aproximação, quando erram, nenhum pedido de desculpa. Eles são sempre os senhores! E mesmo que reconheçam que erram não dão o braço a torcer.

Havendo, porém, amor e tato, é fácil tudo contornar e compreender. Mas, faltando isso, falta tudo, porque se apossa da mulher a decepção, o desgosto que a levam ao desânimo à incapacidade de lutar.

Por isso é que às mulheres sentimentais recomendamos um certo endurecimento de seus sentimentos, pois se apaixonam facilmente e a paixão as cega. Mas, quando caem na realidade, são as que mais sofrem e as que mais fracassam por não encontrarem conformação possível.

O homem precisa de afeto, carinho, mas, sobretudo, de compreensão; e para compreendê-lo, de muito muito tato e observação. Depois de conhecê-lo bem, então lidar com ele como quem lida com uma criança, atendendo-o, cuidando dele, mas sem lhe dar confiança demais. Conservar sempre a sua personalidade, deve ser o primeiro cuidado da mulher, pois aquela que prescinde dela é fatalmente um brinquedo nas mãos dos homens sem consciência e egoístas que, embora não sejam todos, há na atualidade, infelizmente; um grande número.

Conhece-te, portanto, a ti mesma, mulher, os teus sentimentos, a tua maneira de pensar e procura conhecer também o teu marido, para poderem viver em paz e harmonia.

55. Mais um ano

Acabaste de chegar, ano de 1955, e todos, ansiosos, indagam: Como serás? Que nos trarás? Coisas boas ou más?

O que se passou, nem é bom lembrar!... Difícil, pesado, trágico, funesto se mesmo!

Quem dera que o que se inicia seja mais suave e menos doloroso para os brasileiros!

— E os nossos administradores e políticos como se portarão neste Ano Novo? Não serão eles os responsáveis perante o povo pelos bons ou maus anos, pelos sucessos ou fracassos na administração pública, no trato dos negócios da Pátria?

E por falar em Pátria: por onde andarás o nosso patriotismo? Só se observa ambição, interesse, agarramentos ao poder, vaidades de mando, de conservar posições há anos desfrutadas...

Tivemos um fim de Governo triste, que terminou num ambiente de mágoa e ódio, e, agora, negamo-nos a permitir que seja feito algo para debelar a crise tremenda em que nos debatemos e consertar o que deixaram desorganizado...

Fizeram deste país um brinquedo e que serviu de divertimento a um grupo de políticos e pseudo-trabalhistas, que com ele brincou, brincou... até que o quebrou em pedacinhos, bem miudinhos... E agora, para reunir esses fragmentos espalhados aqui e acolá, tentar colá-los, bem unidos e certos, é bem difícil. . .

Mas, os políticos assim não pensam.

Se cada um dos que hoje protestam, porque se sentem feridos nos seus interesses só porque terminou a época do esbanjamento dos dinheiros do povo, das negociatas no Banco do Brasil, etc., tivessem sido, ontem, sensatos e corretos, não teríamos chegado à triste situação que nos encontramos.

* * *

Mas cabe, também, uma palavra de advertência ao povo: o programa de economias e austeridade traçado pelo novo Governo deve refletir e encontrar a devida acolhida em cada um de nós.

Chegamos ao momento em que é necessário restringir as compras de objetos de luxo, a frequência a direções caras e eliminar os gastos supérfluos...

A classe média deve dar o exemplo a ser seguido pela massa trabalhadora: se o salário é pequeno, é necessário, em primeiro lugar, tratar do estômago, da alimentação dos filhos, não trocar um pedaço de pão por uma garrafa de cerveja ou bife, mesmo com a carne cara, como está, por uma fatia de salame.

Existe o calçado, tipo clássico, econômico e mais barato, que está sempre em moda, ao invés do sapato do último modelo, mais caro porque é de luxo e de variados tipos, quase sempre menos resistente e duradouro.

Necessitamos de educação econômica, do espírito de renúncia e sacrifício, a fim de combatermos a miséria, que se alastra, nestes tempos de desajustamentos, de vida cara, de restrições em certos gêneros e de dificuldades que assoberbam as classes menos favorecidas.

Estas precisam aprender a valorizar o seu dinheiro, ganhar penosamente, com o suor do seu rosto e que muitos gastam em coisas supérfluas, como fantasias para o carnaval e outras prodigalidades, cujos efeitos suportam, estoicamente, durante o resto do ano.

Assim, enquanto uns se arranjam por modos ilícitos, outros jogam fora o pouco que têm, numa demonstração de falta de caráter, de bom-senso e de compreensão da real situação que o país atravessa, por culpa de maus administradores que levaram pela demagogia e insinceridade de seus propósitos o povo à triste situação em que se debate.

Por isso, esperemos que este ano apenas começado traga a todos nós um pouco de bom-senso, mais espírito de colaboração e verdadeira compreensão dos nossos deveres para com a família e a sociedade.